UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Kropotkin (1842-1921): Histórias Fantásticas de um Geógrafo Anarquista

Adriano Gonçalves Skoda

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Orientador: Profª. Drª. Larissa Mies Bombardi

São Paulo
Junho de 2013

Advertência ao leitor:

As palavras e ideias presentes no texto são fruto de um processo de encontros e desencontros. Se originaram de um movimento de busca pela compreensão da realidade e se tornaram em pouco tempo combustível para uma prática política. As citações presentes no texto, que aparecem em grande número, se justificam por conversarem diretamente com nossas vísceras, são profundas, cuidadosas e poéticas.

Sim, eu sou um geógrafo, mas acima de tudo sou um anarquista.[1]
(RECLUS)

Terminara justamente o meu relatório sobre as formações glaciais na Finlândia e na Rússia e esse relatório tinha de ser lido numa sessão da Sociedade de Geografia. Os convites já haviam sido distribuídos, mas aconteceu que no dia marcado, as duas sociedades de Geologia de Petersburgo deviam realizar uma reunião geral e pediram à Sociedade de Geografia que adiasse para a semana seguinte a leitura do meu relatório. Sabia-se que eu ia apresentar certas opiniões sobre a extensão da formação glacial até a Rússia Central e os nossos geólogos com exceção do meu amigo e mestre, Friedrich Smith, consideravam-nas exageradas e desejavam submetê-las a uma discussão aprofundada. Tive pois de ficar mais uma semana.

Pessoas estranhas rondavam então a minha casa, onde se apresentavam sob toda espécie de pretextos: um queria comprar um bosque da minha propriedade de Tambov, que na verdade tinha apenas prados, completamente desprovidos de árvores. Notei na minha rua – a elegante Morskaia – um dos dois tecelões detidos, dos quais já falei. Compreendi pois que minha casa estava sendo vigiada. Contudo, era necessário agir como se nada de extraordinário tivesse acontecido, uma vez que devia comparecer à reunião da Sociedade de Geografia, na sexta-feira seguinte.

Chegou o dia da sessão. O debate foi muito animado e pelo menos um ponto ficou decidido. Reconheceu-se que todas as velhas teorias relativas ao período diluviano na Rússia eram absolutamente sem fundamento e que o problema tinha de ser estudado de novo. Tive a satisfação de ouvir o nosso venerável geólogo Barbot-de-Marny dizer o seguinte: “Formação glacial ou não, temos de reconhecer, meus senhores, que tudo o que até hoje se tem dito sobre a ação dos gelos flutuantes não assenta atualmente sobre nenhuma base séria.” E nessa reunião ofereceram-me a presidência da seção de geografia física, enquanto eu pensava que talvez fosse passar a noite na prisão da Terceira Seção.

Teria feito melhor se não tivesse voltado ao meu apartamento, porém como estivesse cansadíssimo após os trabalhos dos últimos dias, fui para casa. Nessa noite não recebi visita da polícia. Revi todos os meus papéis, destruí tudo o que pudesse comprometer alguém, fiz a minha bagagem e preparei-me para partir. Sabia que meu apartamento era vigiado, mas esperava que a polícia viesse apenas tarde da noite e que eu pudesse escapar, protegido pela escuridão, saindo de casa sem ser notado. Anoiteceu, e eu ia sair, quando uma das nossas criadas observou: “Seria melhor o senhor passar pela escada de serviço.” Compreendi o que ela queria dizer; desci apressadamente e saí de casa. Na porta havia um único fiacre. Entrei nele rapidamente. O cocheiro dirigiu-se para a Perspectiva Nevsky. A princípio não me seguiram e julguei-me salvo: mas logo percebi que outro carro nos seguia a toda velocidade; o nosso cavalo atrasou-se não sei como e o outro fiacre – descoberto como todos os fiacres de Petersburgo – conseguiu alcançar-nos.

Com grande espanto meu, vi um dos dois tecelões presos, em companhia de outra pessoa. Fez-me um sinal com a mão, como se quisesse falar. Eu disse ao cocheiro que parasse. “Quem sabe se ele foi posto em liberdade e tem alguma comunicação importante a fazer-me?” pensei. Mas apenas a carruagem parou o homem que se encontrava sentado ao lado do tecelão e que era um agente de polícia, gritou: “Senhor Borodine – Príncipe Kropotkin, está preso!” Fez um sinal aos agentes que formigavam naquela grande artéria de Petersburgo saltando ao mesmo tempo para a minha carruagem, mostrando-me um documento com selo da polícia secreta de Petersburgo. “Tenho ordens para levá-lo à presença do Governador Geral, a fim de prestar esclarecimentos.” Qualquer resistência teria sido inútil – já alguns agentes de polícia nos rodeavam – e ordenei ao meu cocheiro que voltasse e nos levasse à casa do Governador Geral. (KROPOTKIN, 1946: 315-316)

1 Tradução de: “Yes, I am a geographer, but above all I am an anarchist.” Afirmação feita em carta por Élisée Reclus ao anarquista holandês Ferdinand Domela Nieuwenhuis. Fonte: Fleming, Marie. The Geography of Freedom. Montreal: Black Rose Books, 1988. p. 20

Prólogo:

A vida de Piotr Alexeyevich Kropotkin poderia ser contada como um romance, uma aventura ou um conto policial, a partir de qualquer um desses pontos de vista estaríamos certos de estar lendo uma das mais incríveis ficções da literatura moderna, não fosse o fato desta ser uma história real.

Geógrafo, anarquista, nobre, cientista e revolucionário, foi esse encontro de experiências e características que propiciaram uma das vidas mais diversas que o homem moderno poderia experimentar. A vida de luxos da infância, a perda da mãe quando pequeno, os cuidados dos servos ao longo de sua formação, as viagens e pequenas explorações naturais, o serviço militar e as explorações geográficas, o contato com as maiores formas de violência que o homem pode enfrentar (servidão, guerra, fome e solidão), a busca por um engajamento político, a luta e a propagação das ideias revolucionárias, a prisão, o exílio, as viagens pelo mundo, as descobertas científicas, a produção de textos e panfletos, as amizades, enfim, todos estes elementos serviram de base para a complexa vida de Kropotkin.

Meu encontro com o pensamento de Kropotkin se deu em 2004, no primeiro ano do curso de Geografia, na PUC Campinas. Fui apresentado ao pensamento dos geógrafos anarquistas Kropotkin e Reclus em uma aula de História do Pensamento Geográfico ministrada por Rui Ribeiro de Campos (a quem serei eternamente grato). Até então não possuía o menor conhecimento das ideias anarquistas, bem como de qualquer um dos seus teóricos.

Frente a uma geografia dogmática, fria e de limites bem estabelecidos que se apresentava para mim, o pensamento de Reclus e Kropotkin apareceu como uma boa brisa que enchia os pulmões e me colocava em movimento. O pensamento complexo, questionador e cuidadoso aos poucos foi ganhando eco e se tornando parte de mim.

Foi contudo em 2006 que tive a possibilidade de entrar em contato e aprofundar a leitura dos geógrafos anarquistas. Acabara de transferir o curso de Geografia para a Universidade de São Paulo e por questões burocráticas fui obrigado a cursar novamente a disciplina de História do Pensamento Geográfico, desta vez oferecida por Heinz Dieter Heidemman. No programa da disciplina constava a apresentação de um seminário sobre um geógrafo clássico e na lista dos pensadores estava Élisée Reclus. Para a apresentação do trabalho usei como referência teórica a obra *A Evolução, a Revolução e*

o Ideal Anarquista[2]*,* meu primeiro livro anarquista, que ainda hoje é uma das minhas principais referências teóricas.

Nos anos que se sucederam a leitura das obras de Kropotkin e Reclus aconteceu paralelamente aos estudos universitários. Disciplinas com referências teóricas rígidas e pouco dispostas a dialogar com um pensamento complexo fizeram com que as discussões geográficas anarquistas aparecessem somente de forma pontual em alguns trabalhos e algumas discussões em sala de aula. Fora destes espaços encontrei interlocução em Grupos de Estudos, Colóquios organizados por coletivos anarquistas, espaços anarquistas e libertários e, principalmente, na Biblioteca Terra Livre, coletivo do qual faço parte desde 2010.

Foi no processo de pesquisa que encontrei algumas referências dentro da produção geográfica. José W. Vesentini, no ano de 1986, organizou uma edição intitulada *Piotr Kropotkin*[3] na revista Seleção de Textos da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Este trabalho trazia à tona, pela primeira vez na geografia brasileira, a discussão sobre a obra de Kropotkin. O momento histórico era propício para tal uma vez que o pensamento crítico começava a influenciar a produção geográfica, contudo, este movimento inicial não foi o suficiente para garantir a permanência do pensamento deste geógrafo russo na ciência brasileira.

Tal fato não era novidade, exatamente uma década antes desta publicação feita no Brasil, a revista norte-americana *Antipode*, que assumia um posicionamento radical, dedicou uma edição ao geógrafo anarquista. O eco desta publicação, no entanto, não encontrou vales profundos para que suas palavras pudessem se propagar e logo o silêncio envolveu a obra deste autor. Raras foram as ocasiões em que sua obra foi discutida dentro do pensamento geográfico desde então, seja no Brasil ou no Mundo.

Para se ter uma dimensão de como foi tratado o autor dentro do pensamento geográfico, podemos citar a única referência que Milton Santos faz a este: “Será que se pode também incluir Kropotkine entre os que viam no espaço uma das chaves da construção de uma nova sociedade? Não importa que o príncipe anarquista não tenha sido oficialmente um geógrafo.”[4] Seja por escolha política, ideológica ou científica a presença das ideias e discussões de Kropotkin não aparecem nos textos dos maiores expoentes do pensamento geográfico, mesmo estando grande parte de suas obras já

2 Publicada em 2002 em português pela Editora Imaginário, com tradução de Plínio Augusto Coelho.

3 Associação dos Geógrafos Brasileiros. **Seleção de Textos n.13.** Piotr Kropotkin. J.W. Vesentini (org.). São Paulo: AGB-SP, 1986.

4 Santos, Milton. Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6.ed. São Paulo: Edusp, 2004

traduzidas para o português em meados do século XX[5].

Alguns autores apresentaram um interesse maior pela obra do geógrafo anarquista russo. Manoel Correia de Andrade em seu livro Geografia Ciência da Sociedade[6] trás uma reflexão da obra de Kropotkin, ressaltando o trabalho científico realizado por este como membro da Sociedade Geográfica Russa, na Finlândia, na Rússia e até mesmo sua missão secreta na China. Andrade ressalta que os relatórios e as publicações provenientes destas expedições tiveram um considerável impacto nos estudos glaciais e geomorfológicos daquela época.

Mas foram precisamente escritores, cientistas e pensadores de outras áreas do conhecimento que acabaram por prestar um maior reconhecimento à obra de Kropotkin. Emile Zola, por exemplo, considerou o livro *A Conquista do Pão* como um verdadeiro poema. Elogios e referências como o de Zola podem ser vistos também em outros autores como Leon Tolstoi, George Woodcock, Noam Chomsky, Oscar Wilde, Hebert Read, Lewis Mumford, entre tantos outros. (VESENTINI, 1986: XIII)

Foi no seio dos movimentos operários do início do século XX que os textos de Kropotkin tiveram maior repercussão. Publicados em jornais e em livros de baixo custo, os textos foram traduzidos para muitos idiomas e romperam fronteiras chegando a toda à Europa, à Ásia e às Américas. Em suas memórias Osugi Sakae, um dos primeiros anarquistas japoneses, ressalta a importância da obra de Kropotkin e dos demais anarquistas para sua visão de mundo:

> "Tenho lido muito e notei algo extremamente interessante nos livros dos anarquistas Bakunin, Kropotkin, Reclus e Malatesta. Eles e outros anarquistas todos começam discutindo astronomia. Depois expõem sobre biologia. Finalmente, discorrem sobre a sociedade humana. Quando me canso de ler e levanto a cabeça para olhar lá fora, as primeiras coisas que vejo são os corpos celestes, o movimento das nuvens, as folhas da paulónia, pardais, milhanos negros, corvos. Em seguida, descendo meu olhar, o teto da cela no meio do caminho. É exatamente como se eu estivesse revisando na prática o que acabei de ler. Tenho sempre muita vergonha de como é superficial o meu conhecimento da natureza. Portanto, de agora em diante, decidi estudar a natureza integralmente.
>
> Quanto mais leio e quanto mais penso sobre isso, no final das contas, a natureza é lógica. A lógica se realiza completamente dentro dela. Além disso, no mesmo sentido, a lógica deve ser realizada completamente nas sociedades humanas que se desenvolveram na natureza.
>
> Juntamente com essa decisão de estudar a natureza, minha mente está, ao mesmo tempo, muito atraída pela antropologia e a história humana. Desse modo, meu desejo de aprender é como uma nascente borbulhando ao mesmo tempo em todas as direções...
>
> Como está sua saúde? Como está a *Conquista do Pão?* Assim que sair da prisão, gostaria de fazer a autobiografia de Kropotkin, como já desejo há muito tempo. Estou lendo ela agora concentradamente."[7] (SAKAE, 2002: 157-158)

5 Ver lista de livros publicados em português no Anexo 1.

6 Andrade, Manuel Correia de. Geografia Ciência da Sociedade. Recife: UFPE, 2008

7 Sakae, Osugi. Memórias de um anarquista japonês. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

O livro *A Conquista do Pão* foi uma das cinco obras mais lidas pelo proletariado espanhol no início do século XX. Em 1909 o livro foi editado com uma tiragem de 58.000 exemplares, que foram vendidos na Espanha e na América. Antes disso ele já havia sido publicado por outras três editoras em espanhol. Durante a Revolução Espanhola (1936-1939) o livro era lido entre os camponeses que participavam das insurreições e combates.[8]

Outras obras como *Palavras de um revoltado,* venderam em 1909, 22.000 exemplares; *Campos, fábricas e oficinas* 18.000; *As prisões* 20.000; *O apoio mútuo* 8.000. Sendo que nesta época a tiragem do livro O Capital de Marx em espanhol era de 26.000 exemplares.[9]

Essa influência era clara também no movimento operário brasileiro do início do século XX. O livro *A Conquista do Pão* foi um dos principais responsáveis na escolha política de muitos intelectuais e trabalhadores pelo anarquismo[10], como foi o caso de José Oiticica, Fábio Luz e Jaime Cubero.

Frente a este movimento intelectual que ao longo do século XX valorizou e marginalizou, em diferentes momentos, o pensamento de Kropotkin, o presente trabalho caminha no sentido de compreender as bases políticas, econômicas, sociais e geográficas do pensamento de Kropotkin, principalmente no momento de sua juventude, e busca valorizar suas contribuições geográficas apresentadas dentro da ciência geográfica russa do século XIX.

> Não me cabe aqui fazer o elogio do autor. Ele é meu amigo e, se eu dissesse o bem que penso dele, poderiam lançar-me suspeitas de cegueira ou acusar-me de parcialidade. Contento-me em confiar na opinião de seus juízes, e, inclusive, de seus carcereiros. Entre aqueles que, de perto ou de longe, observam sua vida, não há quem não o respeite, quem não testemunhe sua elevada inteligência e seu coração transbordante de bondade, ninguém que não o reconheça como verdadeiramente nobre e puro. E, por sinal, não será por estas mesmas qualidades que ele teve de conhecer o exílio e o cativeiro? Seu crime é amar os pobres e os fracos; sua falta é ter defendido a causa deles. A opinião pública é unânime em respeitar este homem e, entretanto, ela não se surpreende em ver as portas da prisão se fecharem de modo obstinado sobre ele, de tanto que parece natural que a superioridade seja escarnecida e a dedicação acompanhada por sofrimentos. É impossível ver Kropotkin no pátio do prédio central e trocar uma saudação com ele sem se perguntar: E eu, por que então estou livre? Seria talvez porque nada valho?[11] (RECLUS, 2005: 16)

8 Mintz, Frank. Autogestión y anarcosindicalismo: en la España revolucionaria. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2008. p. 22

9 Introdução de Frank Mintz da obra: Kropotkin, Piotr. La moral anarquista. Madrid: Catarata, 2003. p. 8-9

10 Como apresentado por Rogério H. Z. Nascimento no livro "Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista". "No ano de 1901, o então sargento Primitivo Raymundo Soares, ao entrar numa livraria deparou-se com um exemplar do livro *A Conquista do Pão* do conhecido anarquista russo Piotr Kropotkin. Esta leitura cousou-lhe forte impacto, tanto que pediu baixa da Força Pública. Nascia, deste modo, o militante e teórico anarquista conhecido no Brasil e América Latina."(p.21)

11 Trecho extraído do prefácio do livro: Kropotkin, Piotr. Palavras de um Revoltado. São Paulo: Ed. Imaginário, 2005

Ato I: Primeiros anos

> Naqueles tempos a fortuna dos proprietários de terras era avaliada pelo número de “almas que possuíam”. “Alma” significava servo do sexo forte: as mulheres não entravam em conta. Meu pai tinha cerca de mil e duzentas almas em três províncias diferentes, e que possuía, além dos direitos do feudo, grandes extensões de terras, onde trabalhavam esses servos, passava por ser um homem rico, e como rico vivia, isto é, sua casa estava sempre aberta para todos, e dispunha de numerosa criadagem. Éramos de oito a doze pessoas em casa e, para servir-nos, cinqüenta criados em Moscou e vinte e cinco no campo não pareciam demais. Quatro cocheiros para doze cavalos, três cozinheiros para os donos da casa e dois para os criados; doze copeiros para nos servir a mesa (um por trás de cada comensal) e inúmeras raparigas destinadas ao serviço das moças – quem poderia na verdade contentar-se com menos? (KROPOTKIN, 1946: 41)

O bairro dos Escudeiros, próximo ao Kremlin, há tempos não mais reluzia a importância das épocas em que Moscou era a capital. Habitado por inúmeras famílias de nobres, que cada vez mais perdiam prestigio frente ao crescimento de famílias burguesas, o bairro ainda conservava, ao menos em sua aparência, o grande ostentamento de outrora. (KROPOTKIN, 1946: 20)

As famílias que lá habitavam descendiam da nobreza do tempo de Ivan o Terrível (1530-1584), pertencente a antiga aristocracia dos Rurik. Com o início do reinado de Pedro o Grande (1672-1725), a capital foi transferida de Moscou para São Petersburgo, o que marcou o início do processo de transformação do czarismo.

As mudanças políticas buscavam a ampliação e consolidação das fronteiras do território russo, garantindo assim um enorme crescimento econômico para a nobreza. Esta era beneficiada através de concessões de terras, minas e fábricas e pela utilização dos servos como mão de obra trabalhadora. (VIEJO, 2008: 264)

A consolidação do czarismo deixou marcas profundas na forma de organização da sociedade russa. O czarismo se caracterizava pelos poderes ilimitados do Czar, proprietário de toda a terra do Império, centralizador das atribuições legislativas, administrativas e judiciais e possuidor do monopólio da força através do exército. (TRAGTENBERG, 2007: 43)

O reinado de Pedro o Grande buscou transformar o czarismo russo em uma monarquia absoluta nos moldes europeus, essa ocidentalização era vista como uma forma de defesa do Estado frente a expansão dos países ocidentais. Com o intuito de implementar tais mudanças Pedro o Grande criou um exército permanente e tornou obrigatório o serviço militar. O serviço obrigatório se estendeu também a sociedade civil (TRAGTENBERG, 2007: 49).

Neste período o Estado era responsável pela defesa, pelas relações exteriores, pela justiça, pelo sistema monetário, pela colonização e pelo comércio interior. Isso fez com que ocorresse uma confusão entre as esferas públicas e privadas no Estado czarista, uma vez que este se fazia presente em todas as esferas da vida da sociedade russa. Esta transformação social afetou também aos servos que eram obrigados a servir ao exército como soldados. (TRAGTENBERG, 2007: 56)

> Um terror sinistro invadia toda a casa, quando se sabia que um dos criados ia ser enviado ao departamento de conscrição. A fim de impedir que se suicidasse prendiam-no na copa, mantido sob vigilância. Uma carreta chegava até a porta e o condenado saía entre dois guardas. Todos os servos o rodeavam. Ele se inclinava profundamente, pedia perdão a todos, pelas ofensas voluntárias ou involuntárias que tivesse cometido. Se os pais habitavam na mesma aldeia vinham dizer-lhe adeus. O filho inclinava-se diante deles e toda a família iniciava as lamentações, um misto de canto e recitativo: “Entre que mãos nos deixas? Quem cuidará de ti em país estranho? Quem me protegerá contra homens cruéis?” exatamente como se fazia nos enterros, com as mesmas palavras. (KROPOTKIN, 1946: 65-66)

Essa divisão formal que a sociedade apresentava, nobreza (hereditária ou por virtudes pessoais), clero, burgueses (cidadãos notáveis, mercadores, comerciantes e artesãos) e camponeses (de Estado e servos), na prática estava dividida entre dois grupos, os privilegiados e os não-privilegiados. Os primeiros eram isentos de impostos e castigos corporais e representavam 1% da população, já os não-privilegiados, ou seja, os servos, eram utilizados como recursos de arrecadação fiscal permanente por parte do Estado e estavam sujeitos a todas as formas de violências. (TRAGTENBERG, 2007: 85-86)

As mudanças políticas ocorridas entre o século XVII e meados do XIX pouco alteraram a estrutura vigente. Sob o reinado de Nicolau I (1825-1855) o governo agia amparado pelo uso extensivo da força militar para controlar o povo e a própria burocracia de Estado. (TRAGTENBERG, 2007: 54)

A família de Kropotkin, parente de Ivan o Terrível, descendia da antiga aristocracia dos Rurik. Seus antepassados haviam sido príncipes de Smolensk, o que lhes garantia cargos importantes no exército e no Estado russo. A carreira militar era praticamente uma imposição aos filhos da nobreza, pois garantia a manutenção do status social.

Alexei Petrovich Kropotkin, pai de Piotr, era o típico militar do tempo de Nicolau I. Impecavelmente vestido e extremamente rigoroso com a aparência de suas tropas, preferia as solenidades oficiais aos trabalhos de campo. Distante da família, deixava a criação dos filhos exclusivamente aos cuidados de sua esposa, Ekaterina Nikolaevna Sulima, e de seus criados.

Sulima, filha de General, tinha pouco apresso pela vida militar. Leitora assídua de

Lammartine e Byron e dos românticos alemães, dedicava seu tempo as artes e as danças, muitas vezes compartilhando estas com seus servos. Bondosa e justa, possuía o respeito e a admiração dos seus servos e de seus filhos. (VIEJO, 2008: 266)

A vida da família Kropotkin pouco divergia das demais famílias do bairro dos Escudeiros, possuíam uma intensa vida social, de festas e cerimônias, passavam longos períodos do ano no campo, davam um ensino particular aos filhos e possuíam muitos criados e servos.

Envolto nesta esfera social Piotr Alexeyevich Kropotkin nasceu em 21 de dezembro de 1842. Desde jovem Kropotkin contava com os cuidados de sua mãe, da governanta alemã madame Burman e da criada russa Uliana. Ainda muito jovem, na primavera de 1846, Piotr e seus três irmãos mais velhos (Nicolau, 12, Helena, 11, e Alexander, 5) ficaram órfãos de mãe, que acometida por uma tuberculose faleceu ainda jovem.

O cuidado na criação das crianças ficou a cargo de madame Burman e dos demais criados, uma vez que Alexei pouco se importava com os filhos. As marcas da mãe contudo nunca se apagaram, querida por todos aqueles que lhe conheciam, garantiu a seus filhos pequenos uma atenção especial por parte dos servos. (WOODCOCK, 1978: 36)

> Não sei o que teria sido de nós, se não tivéssemos encontrado em casa, entre os criados, a atmosfera de amor de que as crianças tanto necessitam. Para eles éramos os “seus” filhos, parecíamos com ela, e por isso nos prodigalizavam cuidados, às vezes de uma forma comovente. (KROPOTKIN, 1946: 28)

Dois anos após a morte de Sulima, Alexei casou-se novamente. O casamento com Elizabeth Karandino foi arranjado pelo temível General Timofeiev, famoso por suas arbitrariedades e abusos da violência no exército e tio da nova esposa. Como todos os casamentos da nobreza daquela época a festa foi realizada com grande pompa. Após o casamento Elizabeth promoveu diversas mudanças na vida da família Kropotkin. Compraram uma casa nova, dispensaram a madame Burman, contrataram um preceptor francês Mr. Poulain e um estudante russo, Nicolau Pavlovich Smirnov, a fim de educar as crianças, tudo com o objetivo de apagar a imagem de Sulima da família. (KROPOTKIN, 1946: 30)

Apesar de todas as mudanças promovidas por Elizabeth, seu distanciamento e pouco cuidado com os filhos de Alexei fizeram com que os principais aprendizados das crianças viessem dos empregados.

Mr. Poulain, ex-combatente do exército de Napoleão, fora contratado após trabalhar como preceptor na casa de outra família do bairro dos Escudeiros. Muitos ex-soldados do exército de Napoleão serviam de preceptores às famílias dos nobres russos,

que nutriam grande admiração pela cultura francesa. Com um método de ensino rigoroso e cerimonial, Poulain ensinava a Alexander e Piotr gramática francesa, história e geografia, já o ensino das “matérias russas”, gramática, história e aritmética ficavam por conta de Smirnov.

Na primavera, a família Kropotkin partia para sua casa de campo em Nikolskoïé. A viagem em carruagens durava entre sete e oito dias e era vista pelas crianças como uma grande aventura. Mr. Poulain aproveitava a longa viagem para relatar os combates que haviam ocorrido nos campos por onde atravessavam e as diversas paradas realizadas pelo comboio permitiam as crianças realizarem passeios pelos bosques e pelas margens dos rios.

> Depois de Kaluga devíamos atravessar uma extensão de duas léguas, passando por um magnífico pinhal que está ligado na minha memória a algumas das recordações mais felizes da minha infância. Ali a areia é tão profunda como num deserto africano e durante toda a travessia, íamos a pé, enquanto os cavalos, parando a cada momento, arrastavam lentamente as carruagens pelo areal. Mais tarde, quando já tinha completado dez anos, o meu maior prazer era passar na frente de todos e atravessar sozinho a floresta. Erguiam-se de todos os lados enormes pinheiros vermelhos, muitas vezes seculares e a não ser o ruído das grandes árvores, nenhum rumor chegava aos meus ouvidos; num pequeno vale corria múrmura uma nascente de água cristalina e alguém que por ali passara, deixara, para os outros que viessem, uma pequena vasilha em forma de funil, feita de casca de bétula, com uma varinha a servir-lhe de cabo. Silenciosamente, um esquilo subia numa árvore e a sombra dos pinheiros era tão cheia de mistérios quanto a própria floresta.
>
> Foi aí que comecei a sentir amor pela natureza e que tive a primeira impressão, ainda obscura, da sua vida incessante. (KROPOTKIN, 1946: 55)

A estadia no campo era aproveitada ao máximo por Piotr e seus irmãos. Os dias eram repletos de passeios nas florestas, muita comida, histórias contadas por Poulain e carinho por parte dos camponeses. “Pouca gente sabe que tesouro de bondade se podem encontrar no coração dos camponeses russos, apesar dos séculos da mais cruel opressão, que os devia, pelo contrário, tornar endurecidos”. (KROPOTKIN, 1946: 57)

O contato direto com os camponeses de Nikolskoïé deixou fortes marcas em Kropotkin.

> É o espírito de igualdade tão fortemente desenvolvido entre os camponeses russos e, creio, entre os camponeses, em geral. O camponês é capaz de um ato de obediência a mais servil para com o senhor ou um polícia, é capaz de curvar-se até o chão ante a vontade de ambos, mas não os considerará como superiores e se um instante depois esse senhor ou funcionário conversar com ele sobre a colheita ou a caça, a conversação se estabelecerá de igual para igual. Em todo caso, nunca vi, no camponês russo, o servilismo tomar a forma de uma segunda natureza, como no caso do pequeno funcionário, quando fala a um superior ou quando se trata do lacaio em relação ao senhor. O camponês russo submete-se facilmente à força, mas não a adora. (KROPOTKIN, 1946: 110-111)

As histórias de guerras contadas por Poulain, os brinquedos militares dados por

Alexei e os livros de guerras presentes na biblioteca da família, preparavam os espíritos dos jovens Kropotkin para adentrarem ao exército. Nicolau foi o primeiro a receber ensino militar, ainda jovem deixou sua casa para entrar no Corpo de Cadetes de Moscou. Em outubro de 1852 foi a vez de Alexander ser enviado ao mesmo Corpo de Cadetes que Nicolau havia frequentado. Piotr teria a mesma sorte que seus irmãos, sendo enviado, contudo, a uma outra escola militar.

Em 1850 o destino dos estudos de Piotr foi decidido de uma maneira inusitada, por ocasião da realização, em Moscou, das festividades pelos 25 anos da coroação de Nicolau I. A nobreza moscovita ofereceu a Napoleão I uma suntuosa festa na qual os Kropotkin tomaram parte. Na festa, em meio as danças, Piotr se perdeu e acabou encontrando o czar Nicolau I, que após levar a criança aos seus pais, lhe convidou a ingressar ao Corpo de Pajens quando completasse 15 anos (KROPOTKIN, 1946: 38).

O Corpo de Pajens era uma escola militar especial de Petersburgo, vinculada diretamente a Casa Imperial, formada por um número restrito de cento e cinquenta alunos, que só permitia o ingresso de filhos de nobres convidados pelo Czar. Os principais alunos da escola recebiam o título de Pajens de Câmara, o que lhes garantia uma carreira a serviço do Estado como Ajudantes de Campo do Imperador ou de um dos Grão-Duques. (WOODCOCK, 1978: 44)

Piotr ingressou no Corpo de Pajens em 1857. Nesta época a escola estava passando por um período de transição influenciada pelas mudanças políticas que ocorriam em virtude do início do reinado de Alexandre II (1855). O severo controle pela qual a escola era regida começou a tomar traços mais brandos. Os questionamentos dos alunos começavam a encontrar espaço, por menor que fosse, para se propagar. Os trotes e arbitrariedades cometidos pelos Pajens de Câmara aos recém ingressos, aos quais os superiores faziam vista grossa, começaram a ser questionado pelos alunos mais novos e não tardaram a cessar. (KROPOTKIN, 1946: 83)

As mudanças iam para além das questões disciplinares. Com a mudança política começou a ocorrer uma mudança dos conteúdos ministrados na escola. Nos tempos de Nicolau I a formação dos alunos se concentrava principalmente no ensino de formalidades, se ensinavam saudações, galanteios e se cobrava uma disciplina perfeita, os estudos eram assim relegados a segundo plano. Com a mudança governamental os professores do Corpo de Pajens passaram a ser escolhidos por suas capacidades pedagógicas. (KROPOTKIN, 1946: 90)

Os cinco anos em que Kropotkin permaneceu no Corpo de Pajens foram marcados por uma enorme dedicação aos estudos. Leitor voraz, dedicava grande parte de seu

tempo aos livros e as correspondências que trocava com seu irmão Alexander. Por indicação deste passou a estudar alemão, pois achava que as principais obras da literatura ou haviam sido escritas neste idioma ou já tinham sido traduzidas para tal.

> No fim do inverno pedi a Herr Becker que me emprestasse um exemplar do "Fausto" de Goethe, que eu já havia lido numa tradução russa. Lera também o belo romance de Turguenev, "Fausto" e desejava muito ler a obra prima de Goethe no original. "Não vai compreender nada, é muito filosófico", disse-me Becker, sorrindo com bondade; mas apesar disso trouxe-me um livro pequeno, quadrado, de páginas amarelecidas pelo tempo e que continha o drama imortal. Não soube que alegria aquele livrinho me proporcionou. Absorvi o sentido e a música de cada linha, desde os primeiros versos da dedicatória de uma beleza ideal e não tardei em aprender de cor páginas inteiras. O monólogo de Fausto na floresta e especialmente os versos em que fala da sua concepção da natureza:
>
> > "Tu me ofereceste a Natureza e a puseste sob a minha mão fazendo-me sentir o quanto era bela. Tu me disseste: "não fiques diante dela apenas friamente exaltado, mas contempla o seu âmago como se fosse o coração de um amigo,"
>
> encheram-me de entusiasmo e esse trecho conserva ainda hoje todo o seu poder sobre mim. (KROPOTKIN, 1946: 92-93)

O interesse pela Natureza era um dos principais focos do estudo de Piotr. Interessado em descobrir as suas leis e dinâmicas aproveitava toda saída a campo para realizar pesquisas e observações. Na escola, questionava o método de ensino das ciências naturais, uma vez que:

> Não basta ensinar física, química, astronomia, meteorologia, zoologia e botânica. A filosofia de todas as ciências naturais – um panorama geral da natureza concebida como um todo, qualquer coisa no gênero do primeiro volume do "Cosmos" de Humboldt, – deveria ser ensinada aos estudantes, fosse qual fosse a extensão dada na escola ao ensino das ciências naturais. A filosofia e a poesia da natureza, os métodos das ciências exatas e uma concepção elevada da vida da natureza deveriam fazer parte da educação. Talvez o professor de geografia pudesse encarregar-se provisoriamente dessa missão; mas então seria necessário dotar as escolas e universidades de professores diferentes. O que se ensina atualmente sob o nome de geografia é tudo, menos geografia. (KROPOTKIN, 1946: 95)

A predileção por algumas disciplinas era clara, a matemática, a física e a astronomia constituíam os principais estudos. Os estudos de biologia acompanhavam as principais descobertas científicas que se realizavam na época. Em 1858, antes de Darwin publicar o livro Origem das Espécies (1859), Roulier, professor de zoologia da Universidade de Moscou, já ministrava conferências sobre o transformismo das espécies. Tais conferências eram acompanhadas por seu irmão Alexander, que adotou as ideias acerca da variabilidade das espécies, e tão logo passou a discutir as mesmas com Piotr por carta. (KROPOTKIN, 1946: 103)

Além das correspondências, os irmãos Kropotkin trocavam muitos livros de literatura, filosofia, zoologia, história e economia. As leituras compartilhadas passavam por Goethe, Michelet, Turgueniev, Voltaire, Kant, Jean-Baptiste Say e estimulavam discussões e práticas. Em uma ocasião, quando Alexander realizava seus estudos de economia política, encomendou a Piotr uma descrição estatística da feira de Nossa Senhora de Kazan que era realizada uma vez por ano em Nickolskoïé e juntava camponeses de toda proximidade. O levantamento realizado junto aos camponeses dava um quadro bastante preciso da realidade daqueles camponeses daquela região. O cuidado com o qual tratara os camponeses e a confiança adquirida entre estes ao longo da pesquisa se mostraram extremamente importantes na militância política que Piotr teria posteriormente. (KROPOTKIN, 1946: 110)

As viagens a Nickolskoïê ainda se realizavam anualmente. A cada novo encontro com os camponeses Kropotkin amadurecia seu respeito e cuidado com os servos.

> Naquele verão fiz a viagem de Nikolskoïé a Moscou de uma maneira inteiramente nova para mim. Como não houvesse estrada de ferro entre Kaluga e Moscou, um homem de nome Bouc instalara um serviço de posta entre as duas cidades. Meus pais nunca pensaram em fazer a viagem dessa maneira; possuíam cavalos e carruagens. Porém quando meu pai, para poupar uma dupla viagem à minha madrasta, propôs-me, quase a brincar, que fizesse a viagem sozinho, no carro de Bouc, aceitei o oferecimento com grande prazer.
>
> A diligência tinha como passageiro apenas uma velha muito gorda e eu, sentados no banco detrás, um operário e um humilde negociante, no banco da frente. Achei a viagem muito agradável, primeiro porque ia sozinho (ainda não completara dezesseis anos) e depois porque a senhora, que trazia um enorme cesto de provisões, regalava-me com toda a espécie de guloseimas. Tudo me parecia delicioso durante a viagem. Porém a recordação mais nítida que ficou na memória é a do que se passou uma noite. Chegando a uma grande aldeia, paramos à porta de uma estalagem. A senhora encomendou um samovar, enquanto eu saí para a rua, vagueando ao acaso. Despertou-me a atenção uma pequena “estalagem branca”, onde forneciam refeições, mas nenhuma bebida alcoólica. Entrei. Alguns camponeses, sentados em volta de pequenas mesas cobertas de toalhas brancas, tomavam chá. Fiz o mesmo.
>
> Tudo ali era novidade para mim. Tratava-se de uma aldeia de “camponeses do Estado,” isto é, camponeses que não havia sido servos e gozavam de relativo bem-estar, devido provavelmente aos lucros que obtinham com os tecidos feitos em casa. Em torno dessas mesas as conversas eram lentas, graves, às vezes pontilhadas somente com um sorriso. Após as perguntas preliminares de costume, travei logo conversação com meia dúzia de camponeses, acerca das colheitas da nossa região. Tive de responder a mil perguntas. Queriam inteirar-se do que se passava em Petersburgo, interessando-se principalmente pelos boatos que circulavam a respeito da próxima abolição da servidão.
>
> Foi nessa noite e nessa estalagem que nasceu em mim o sentimento de simplicidade, de igualdade e de cordial boa vontade que experimentaria sempre mais tarde, encontrando-me entre os camponeses ou em suas casas. Nada de extraordinário se passou naquela noite e duvido mesmo de que o incidente mereça ser mencionado. No entanto, essa noite quente, na pequena estalagem de aldeia, essa conversa com os camponeses e o grande interesse que eles mostraram por tantas coisas alheias ao círculo de suas idéias habituais, fizeram com que dali por diante uma pobre “estalagem branca” exercesse sobre mim muito maior atração que o melhor restaurante do mundo. (KROPOTKIN, 1946: 111-112)

Os dois últimos anos passados no Corpo de Pajens demandaram todas as energias de Piotr. O estudo da matemática, das ciências físicas e das ciências militares impossibilitavam qualquer abertura para outros estudos. Dedicado a não entrar para o regimento da Guarda, onde seria obrigado a dispender a maior parte de seu tempo com exercícios físicos, Kropotkin concentrou seus esforços em estudar para entrar na academia militar de artilharia. Os estudos para o exame iam desde geometria superior, cálculo diferencial, cálculo integral a astronomia elementar.

Os estudos de astronomia causaram-lhe um grande impacto:

> A vida incessante do universo, que eu concebia como *vida* e como evolução, tornou-se para mim uma fonte inesgotável de alta poesia, e pouco a pouco o sentimento da unidade do homem e da natureza animada e inanimada – a poesia da natureza – tornou-se a filosofia da minha vida. (KROPOTKIN, 1946: 120)

As aulas de ciências militares eram realizadas muitas vezes no acampamento militar de Peterhof, distrito de Petersburgo, lá, além dos exercícios militares de rotina e dos treinamentos de guerra, os alunos faziam trabalhos práticos de agrimensura e mapeamento. Ao longo do dia coletavam dados, ângulos e distâncias para posteriormente conceberem um mapa. Tais exercícios deixaram traços tão fortes em Piotr que foram um dos principais motivos que lhe fizeram optar pelo Regimento dos Cossacos Montados do Amur quando saiu do Corpo de Pajens.

> Quando recordo minha juventude descubro que o que me fez geógrafo e me induziu a alistar-me aos dezoito anos em um regimento de cossacos do Amur, em vez de nas guardas montadas, não foi a impressão causada pelas excelentes lições de nosso excelente professor de geografia russa, cujo livro de texto somente agora aprecio totalmente, mas muito mais a obra principal de Defoe, em meus primeiros anos, e depois – antes de tudo e sobre tudo – o primeiro volume do Cosmos de Humboldt, seus Quadros da Natureza, e as fascinantes monografia Karl Ritter sobre a árvore de chá, o camelo e etc. (KROPOTKIN, 2011: 59)

A possibilidade de realizar estudos e estar em contato direto com a natureza se apresentava como a escolha “natural” a ser feita por Kropotkin após sua saída da escola. Esta inclinação foi confirmada após seu último ano no Corpo de Pajens. Como Piotr havia sido o primeiro aluno de sua turma foi nomeado Sargento do Corpo de Pajens. A posição de Sargento lhe tornava Pajem de Câmara do Imperador o que lhe obrigava a passar a frequentar o palácio do Imperador e estar presente em todas as suas solenidades.

> Quando pude observar melhor o lado teatral da vida da Côrte, quando pude perceber o que se passava nos bastidores, não somente compreendi a futilidade desse espetáculo e o que ele visava esconder, como também que essas futilidades não absorviam inteiramente a Côrte senão para a impedir de pensar em coisas mais sérias. Assistindo à comédia, perdia-se muitas vezes de vista as

> realidades. E mais tarde, desvaneceu-se lentamente, aos meus olhos, a auréola que com a minha imaginação rodeara Alexandre II. Assim, se eu tivesse realmente acariciado alguma ilusão sobre a possibilidade de representar um papel ativo nos meios da Côrte, no fim de um ano teria renunciado a um tal sonho. (KROPOTKIN, 1946: 143)

Ato II: Sibéria, os primeiros contatos

> Meus pensamentos voltavam-se então cada vez mais para a Sibéria. A região do Amur acabava de ser anexada pela Rússia. Eu havia lido tudo o que se publicava sobre esse Mississipi do Oriente: as montanhas que atravessava, a vegetação subtropical do seu afluente, o Usuri, e o meu pensamento ia mais longe – para as regiões tropicais descritas por Humboldt e para as belas generalizações geográficas de Ritter, cuja leitura me causava tanto prazer. Além disso – dizia comigo mesmo – há na Sibéria um imenso domínio para a aplicação das grandes reformas já feitas ou ainda por fazer: lá os operários devem ser pouco numerosos e encontrarei um campo de ação inteiramente de acordo com os meus desejos. (KROPOTKIN, 1946: 155)

Foi assim que, em maio de 1862, Kropotkin tomou a decisão de assumir o cargo de oficial no Regimento dos Cossacos montados do Amur, o mais recente Regimento do exército russo. Esta decisão causou o estranhamento de seus colegas do Corpo de Pajens e a ira de seu pai, que esperava vê-lo servindo ao Czar, como Couraceiro de sua Majestade.

Servir ao Czar e levar uma vida de bajulação e luxos, em Petersburgo ou em Moscou, não fazia parte do planos de Kropotkin. Ele sonhava então em entrar na Universidade, estudar e lecionar para viver, mas sabia das dificuldades que encontraria para seguir este caminho. Optou então por entrar no Regimento dos Cossacos Montados do Amur, onde ficaria longe de toda a pompa oficial que cercava o império e de toda onda reacionária que se espalhava pela cidade e poderia realizar suas pesquisas geográficas e trabalhar na implementação das reformas sociais que lhe eram tão caras. (KROPOTKIN, 1946: 155)

Foi necessário, entretanto, o acontecimento de um fato extremo para que sua escolha fosse aceita pelos oficiais do Corpo de Pajens. No dia 26 de maio um grande incêndio tomou conta de alguns prédios oficiais, localizados na praça Apraxine Dvor em São Petersburgo, próxima ao Corpo de Pajens. Frente ao tumulto e ao desespero provocado pelo fogo, que se espalhava rapidamente, Kropotkin e outros alunos saíram às ruas para lutar contra o avanço das chamas, juntamente com bombeiros e oficiais. O incêndio ardeu por mais de doze horas até ser contido na manhã do dia seguinte. Após tal feito, seu esforço foi reconhecido e lhe foi dada a permissão para ingressar no Regimento do Amur.

No dia 24 de junho, tão logo obteve a permissão, Kropotkin partiu para Moscou para encontrar seu irmão e em seguida rumou para a Sibéria.

> Os cinco anos que passei na Sibéria foram-me utilíssimos para o conhecimento da vida e dos homens. Entrei em contato com homens de toda espécie: com os melhores e com os piores, com os que estavam colocados no mais alto grau da escala social e com os que vegetavam nas ínfimas camadas, os vagabundos e criminosos tidos como incorrigíveis. Tive muitas vezes ensejo de observar os hábitos e costumes dos camponeses na sua vida diária e pude julgar ainda melhor quão pouco a administração do Estado poderia ajudá-los, ainda que estivesse animada das melhores intenções. Além disso, as minhas grandes viagens, durante as quais percorri mais de vinte mil léguas, em carruagem, em barcos a vapor, em botes e sobretudo a cavalo, melhoraram a minha saúde de maneira extraordinária. Aprendi também que o homem de pouco necessita, quando sai do círculo encantado da civilização convencional. Munidos de alguns livros, de pão e alguns pacotes de chá num saco de couro, de uma marmita, de uma machadinha, pendurados ao cabeção da sela e ainda de um cobertor colocado por baixo, que se estende num acampamento sobre uma cama feita de ramos de pinheiro cortados de fresco, podemos nos sentir espantosamente independentes, mesmo no meio de montanhas desconhecidas, coroadas de florestas espessas e cobertas de neve. (KROPOTKIN, 1946: 167)

A chegada à região do Amur se deu com muita expectativa. Durante muito tempo (1847-1861) quem ocupara o cargo de Governador Geral da Sibéria Oriental havia sido o Conde Nikolai Nikolaevich Muraviev, que fora o responsável pela Grande Expedição Siberiana (1855-1863), realizada juntamente com a Sociedade Geográfica Russa, e que havia sido o responsável pela anexação da região do Amur à Rússia em 1860 (BASSIN, 1983: 246).

Entre os anos de 1857 e 1861, o Governador Muraviev acolheu seu primo Mikhail Bakunin, que havia sido exilado e enviado para a Sibéria, pelo governo russo. Neste período os primos discutiam reformas políticas para a Rússia e realizavam pequenas viagens pela região do Amur (ISWOLSKY, 1931: 176).

No ano de 1861, contudo, algumas mudanças políticas estavam em curso na Rússia e tiveram influência na Sibéria Oriental. Bakunin fugiu da Sibéria, enquanto realizava uma de suas viagens, e o Conde Muraviev retornou para Moscou. Em seu lugar o jovem General M. S. Korsakov assumiu o cargo de Governador Geral da Sibéria Oriental.

Ao chegar a Irkutsk, capital da Sibéria Oriental, Kropotkin foi apresentado ao Chefe do Estado-maior, o General B. K. Kukel, de quem se tornou Ajudante de Campo. Kukel, assim como muitos oficiais que se encontravam na Sibéria, possuía ideias republicanos. Ao longo do período em que Bakunin esteve exilado na Sibéria (1857-1861), Kukel manteve com ele uma relação bastante próxima (WOODCOCK, 1978: 63) e, tão logo percebeu que suas opiniões eram compartilhadas por Kropotkin, não tardou a discutir com ele as reformas.

Algumas semanas após a chegada a Irkursk, Kropotkin e Kukel partiram para a pequena cidade de Tchita, capital da província, para elaborarem planos completos de

reformas políticas e jurídicas para a administração das províncias, a pedido dos Ministérios de Petersburgo. Kropotkin ficou responsável pelo plano de reforma das prisões e pelo plano de autonomia municipal.

> Mas o que fazíamos na Transbaicália estava longe de ser puramente teórico. Eu discutia primeiro as linhas gerais, depois cada ponto, detalhado, com pessoas práticas, conhecedoras das necessidades reais e que sabiam o que se podia fazer e o que não era possível. E, com esse fim, travei relações com um número considerável de pessoas da cidade e da província. As conclusões a que chegávamos então, eram novamente discutidas com Kukel e Pedachenko; e depois que eu apontava os resultados, sob uma forma provisória, cada ponto era novamente estudado cuidadosamente pelos "comités."
>
> Um desses "comités" que preparava o projeto do Governo Municipal, era composto de cidadãos de Tchita, eleitos tão livremente pela população quanto poderiam ser nos Estados-Unidos. A nossa obra logo se tornou muito importante; e hoje, que a considero através de todos os anos já decorridos, posso dizer com toda confiança, que se o "self-governement" municipal tivesse sido concedido naquela época às cidades da Sibéria, sob a modesta forma que planejamos, elas seriam hoje completamente diferentes do que são. Mas todos esses esforços foram perdidos. (KROPOTKIN, 1946: 169)

O trabalho de levantamento dos dados durou vários meses. Ao longo destes Kropotkin viajou longos percursos a fim de obter a maior quantidade de informações e dados *in loco*. Estas visitas às prisões lhe mostraram um mundo até então desconhecido. Foi lá que teve contato com a mais degradante forma de relação social. A sujeira, a superlotação, a péssima alimentação, as celas escuras e mofadas, os funcionários inescrupulosos e os trabalhos forçados, tal era a realidade das prisões siberianas (WOODCOCK, 1978: 64). E se não bastasse isso, as famílias dos prisioneiros passavam por necessidades e violências tão cruéis quanto a de seus próprios familiares.

A vontade de reformas que Kukel e seus homens tanto se esforçavam em realizar era constantemente freada pela burocracia imperial que estendia seus tentáculos até as regiões mais distantes. Os movimentos reacionários que haviam começado em São Petersburgo poucos anos antes aos poucos começavam a ser sentidos mais intensamente na região do Amur.

A grande presença de revolucionários russos exilados na região e os privilégios que lhes eram concedidos pelos governantes locais começavam a causar um mal estar em Petersburgo. O poeta russo Mikhail Mikhailov Larionovich, que havia sido condenado a trabalhos forçados em 1861, por publicar um manifesto revolucionário, foi acolhido com um banquete em sua chegada à Sibéria Oriental e em decorrência de seu estado de saúde ficou hospedado na casa do irmão do General Kukel, até sua morte em 1865. Foi lá que Kropotkin conheceu o poeta e travou conversas sobre a situação da Rússia e as possíveis reformas. Woodcock ressalta o fato de que Mikhailov foi quem introduziu as

ideias anarquistas para Kropotkin através do livro Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria, do anarquista francês Pierre-Joseph Proudhon. Apesar disso, seria somente anos mais tarde que Piotr se assumiria anarquista.

Foi, contudo, no ano seguinte que se pode sentir a força do movimento reacionário que aos poucos assombrava a Rússia. Em março de 1863, uma nota enviada de Petersburgo ao General Kukel intimava-o a deixar seu cargo de Governador da Trans-baicália e retornar a Irkutsk, onde deveria aguardar novas ordens e em seu lugar assumiu um novo Governador que não tinha qualquer interesse em reformas. Kropotkin relata:

> Eu sentia o coração pesado. Não somente perdia nele um amigo querido, como também compreendia que a sua partida punha um ponto final a uma época cheia de esperanças há muito tempo alimentadas – “época de ilusões”, como diríamos mais tarde. (KROPOTKIN, 1946: 178)

As recentes transformações que estavam ocorrendo na política russa repercutiram diretamente nos trabalhos de Kropotkin. Com a mudança no governo e a impossibilidade de dar continuidade à aplicação dos planos de reforma, Kropotkin cada vez mais centrou suas atividades nas expedições geográficas.

Ato III: A exploração do Amur

> Vendo que nada mais havia a fazer, em Tchita, quanto a reformas, aceitei com prazer o oferecimento de visitar o Amur, durante o verão de 1863. O imenso domínio, que se estende sobre a margem esquerda, isto é, a margem setentrional do Amur, e ao longo da costa do Pacífico, descendo para o sul até a baía de Pedro o Grande (Vladivostok), fora anexado à Rússia por Nikolai Muraviev, quase contra a vontade das autoridades de Petersburgo – pelo menos sem o seu apoio. Quando ele concebeu o audacioso plano de tomar posse do grande rio, cuja situação meridional e cujas margens férteis vinham atraindo os siberianos havia dois séculos, quando, na véspera da abertura do Japão aos Europeus, resolveu tomar para a Rússia uma posição sólida na costa do Pacífico e dar a mão aos Estados-Unidos, encontrou a oposição de quase todo mundo em Petersburgo. Estavam contra ele o Ministro da Guerra, que não tinha homens à sua disposição, o Ministro das Finanças, que não tinha créditos para as anexações, e, sobretudo, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, quase sempre guiado pela preocupação de evitar as "complicações diplomáticas." Muraviev devia, assim, agir sob sua própria responsabilidade, e contar com os magros recursos que a população tão dispersa da Sibéria Oriental podia fornecer para essa grande empresa. Era preciso agir com presteza para opor o fato consumado aos protestos que essa anexação levantaria certamente entre os diplomatas da Europa ocidental.
>
> Uma ocupação puramente nominal não teria tido valor e, assim, foi concebida a idéia de formar sobre todo o comprimento do grande rio e de seu tributário meridional, o Usuri – ou seja, numa extensão de mais de 4.000 quilômetros – uma cadeia de cidades russas, a fim de estabelecer uma comunicação regular entre a Sibéria e a costa do Pacífico. Eram necessários homens para a construção dessas cidades, e como a população insuficiente da Sibéria Oriental não podia fornecê-los, Muraviev usou de todos os meios para arranjar gente. Libertaram-se forçados – que depois de cumprir a sua pena se haviam tornado escravos nas minas imperiais – e com eles organizaram-se os Cossacos transbaicalianos. Parte foi localizada ao longo do Amur e do Usuri, formando assim duas novas comunidades cossacas. Depois Muraviev obteve a liberdade de mil homens condenados aos trabalhos forçados (a maior parte ladrões e assassinos) que se estabeleceram como homens livres na parte inferior do Amur. (KROPOTKIN, 1946: 181-182)

A decepção com as mudanças nos projetos de reforma levaram Kropotkin a aceitar o convite para conhecer o Amur. A região que acabara de ser anexada ao território russo carregava em si a imagem mítica da esperança de mudanças que haviam sido alimentadas nos anos que antecederam. O processo de anexação da região que dava acesso ao Pacífico havia se estendido por mais de dois séculos.

A bacia do Amur que havia sido alvo de disputas entre russos e chineses no século XVII, por conta de seus rios navegáveis e suas terras férteis, foi enfim garantida ao Império Manchu, em 1689, pela assinatura do Tratado de Nerchinsk, no qual ficou acordado que a Rússia abria mão daquela região. Com esse tratado a Rússia permanecia com uma grande dificuldade de garantir provisões necessárias para o desenvolvimento da Sibéria.

Após um século de relativo esquecimento da região, período em que o império

russo concentrou seus esforços na anexação de territórios a leste (1741) e a oeste (1770), mudanças políticas externas e internas trouxeram novamente o foco à região do Amur.

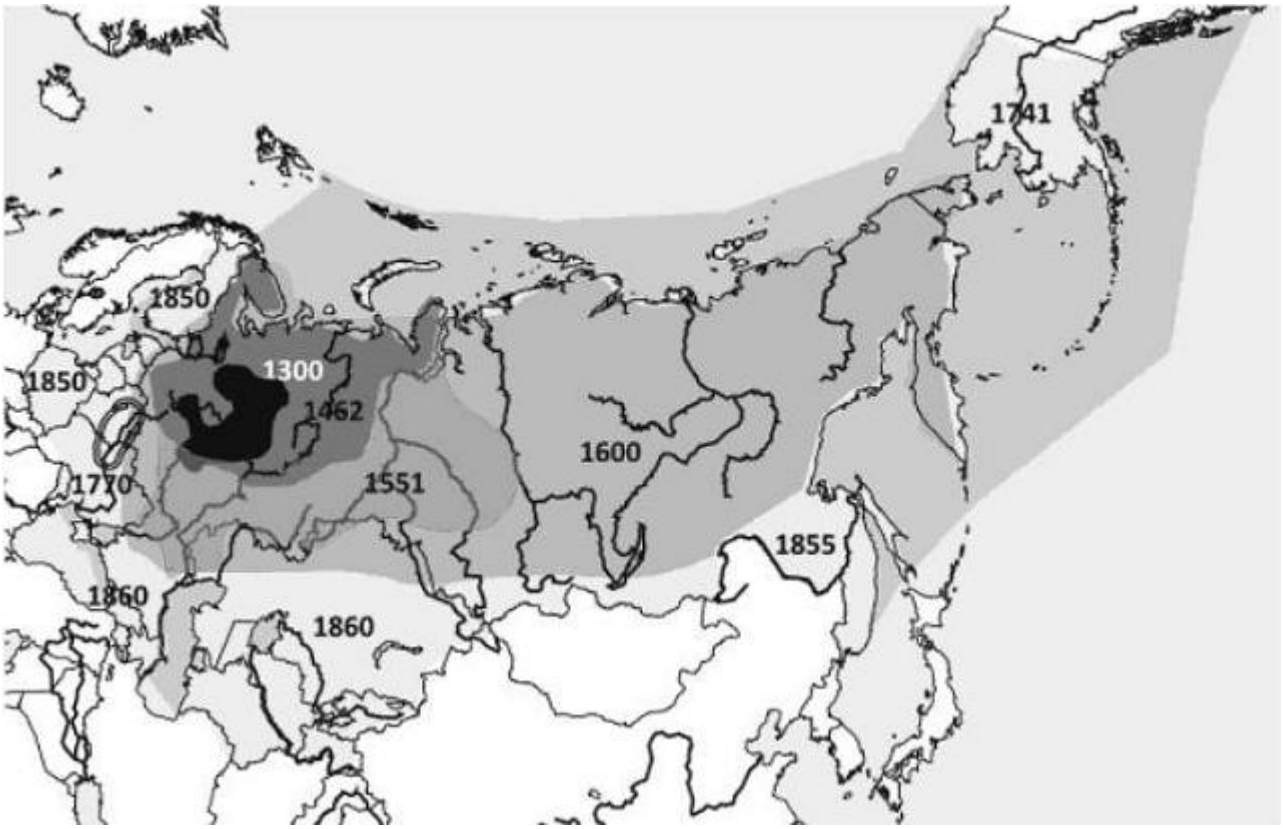


Figura 1: Expansão do território russo (1300 – 1860). (BLINNIKOV, 2011: 69).

Foi nesta época, período de grande expansão territorial do Império, durante o reinado de Pedro o Grande, que surgiram os primeiros esforços de produção de um conhecimento geográfico. A tradução da obra de Varenius “Geographia Generalis”, estimulou estudos regionais das áreas recém anexadas. À frente destas expedições estavam cientistas-exploradores alemães e dinamarqueses, membros da Academia de Ciências, e alguns russos, como M. V. Lomonosov, fundador da Universidade de Moscou em 1755 e chefe de Departamento de Geografia da Academia de Ciências (HOOSON, 2002: 226).

Estes primeiros estudos regionais, realizados pela Academia de Ciências, se caracterizavam por examinar as conexões entre os vários fenômenos naturais (ex: atividade vulcânica e a vida das plantas e dos animais) e o progresso dos elementos econômicos e sociais dos habitantes nativos. Esta preocupação conjunta de fatores naturais e sociais era um ponto marcante desta nascente geografia russa do século XVIII (HOOSON, 2002: 228).

Vista como um ponto estratégico para o comércio e ameaçada pelos recentes avanços ingleses em terras chinesas, por conta da Guerra do Ópio (1839-1842), a “questão do Amur”, como passou a ser chamada, se tornou ponto central da discussão política no início do século XIX (BASSIN, 1983: 245).

Entre os anos de 1840 e 1850 todos os grupos políticos da Rússia assumiam posição frente à “questão do Amur”, sendo dois os que se manifestavam de maneira mais explícita, os Conservadores e os Nacionalistas. Os Conservadores, que estavam ao lado do imperador Nicolau I, assumiam uma posição moderada, respeitando os tratados assinados e buscando estabelecer uma relação mais próxima com os países do ocidente.(BASSIN, 1983: 241) Já os Nacionalistas, embriagados por uma visão messiânica pan-eslavista[12], contavam com o apoio do segundo filho de Nicolau I, o Grão-Duque Constantino Nikolaevich, e viam como destino da Rússia civilizar os povos do oriente (BASSIN, 1983: 244).

Frente a estes conflitos políticos foi criada a Sociedade Geográfica Russa em 1845. A Sociedade, presidida pelo Grão-Duque Constantino Nikolaevich, claramente se posicionava ao lado dos Nacionalistas, fato evidenciado pela ausência do nome Imperial na ocasião de sua fundação (BASSIN, 1983: 242). Seu estatuto se inspirava diretamente no estatuto da Sociedade Geográfica de Londres (KROPOTKIN, 1897: 54).

O corpo de intelectuais fundadores da Sociedade Geográfica era constituído pelos principais geógrafos russos da época. Imbuídos de um forte espírito nacionalista e desejosos por explorar a Rússia a fim de garantir seu desenvolvimento, P. P. Semenov, V. V. Grigoriev, N. N. Muraviev e G. I. Neveliskoi começaram a propor expedições a fim de conhecer profundamente os diversos climas, línguas e costumes de todo aquele Império. Para tanto, a Sociedade Geográfica Russa foi dividida em quatro seções: geodésia e cartografia; geografia física; etnografia, antropologia e geografia histórica; e estatística e geografia política (KROPOTKIN, 1897: 54). Tais características davam à Sociedade Russa uma singularidade frente aos estudos “gerais” praticados pelas Sociedades da Inglaterra, França ou mesmo da Prússia (BASSIN, 1983: 242).

As expedições geográficas propostas pelos membros da Sociedade tinham grande influência de Carl Ritter (1779-1859) e Alexander von Humboldt (1769-1859), nomeados Membros Estrangeiros Honorários da Sociedade em sua fundação (MURCHISON, 1864: 200) Ritter influenciou diretamente P. P. Semenov e N. N. Muraviev quando estes estiveram, nos anos 40, na Alemanha e assistiram a suas aulas, já Humboldt esteve na

12 O pan-eslavismo foi um movimento político e sociocultural do século XIX, que buscava a união de todos os povos eslavos. Em meados do séc. XIX o movimento se tornou antiocidental, antigermânico e antiturco.

Rússia em 1829, realizando uma viagem pela Ásia Central, onde influenciou diretamente o desenvolvimento das Ciências Naturais. (CAPEL, 1981: 164)

A Grande Expedição Siberiana foi a primeira expedição da Sociedade a possibilitar a materialização dos anseios dos jovens geógrafos russos de conhecer as distantes terras do extremo oriente. Vislumbrada inicialmente em 1846, foi somente em 1850 que a expedição começou a ser preparada por P. Semenov e V. Grigoriev. Semenov, por sua própria iniciativa, programou uma exploração geográfica a fim de levantar dados para legitimar a futura anexação da região do Amur. Tal pesquisa serviu posteriormente a Muraviev, que pode empiricamente constatar que o rio Amur era inteiramente navegável, conforme apontado pelos estudos de Semenov, eliminando assim as objeções que alguns membros do Governo faziam à anexação.

A fim de facilitar as expedições da Sociedade Geográfica Russa no território, foram criadas diversas sessões locais da Sociedade, o que permitiu uma maior autonomia para a realização das expedições geográficas. O volume de publicações da Sociedade, em seus primeiros vinte e cinco anos atingiu o impressionante número de 89.300 páginas publicadas em 246 volumes (KROPOTKIN, 1897: 54), o que significava muitas vezes um volume de publicações tão extenso quanto de outras sociedades. (CAPEL,1981: 163)

Em 1851, Muraviev cria uma sessão da Sociedade Geográfica Russa em Irkutsk. As atividades desta sessão davam apoio aos desejos governamentais de estudar as regiões remotas da Sibéria e do extremo oriente, que viam nessa região a possibilidade da criação de um entreposto comercial, o que tornaria esta uma área de intenso comércio (BASSIN, 1983: 249).

A Guerra da Crimeia, que irrompeu entre 1853 e 1856, afetou diretamente os planos dos Nacionalistas para a região. Com a grande demanda de soldados e dinheiro para fazer a guerra, o projeto de exploração da região do extremo oriente ficou parcialmente esquecido. O término da Guerra repercutiu de maneira decisiva na política russa. A derrota dos russos assinalou o fim do reinado de Nicolau I e o enfraquecimento político da ala conservadora, e criou um anseio por parte da sociedade russa em buscar no extremo oriente o caminho para o desenvolvimento da Rússia (BASSIN, 1983: 247).

Em 1853, apenas pequenas explorações próximas à capital da Sibéria Oriental foram realizadas. Estas se limitaram a fazer um reconhecimento do lago Baikal ao rio Lena, e expedições a leste do rio Argun, região de fronteira com a China. As demais expedições que demandavam um contingente maior de exploradores tiveram de ser replanejadas. Assim, as expedições foram divididas em dois setores, um matemático e outro físico. O primeiro seria responsável por fazer o levantamento de dados

astronômicos e topográficos, já o segundo seria responsável pela história natural (BASSIN, 1983: 250).

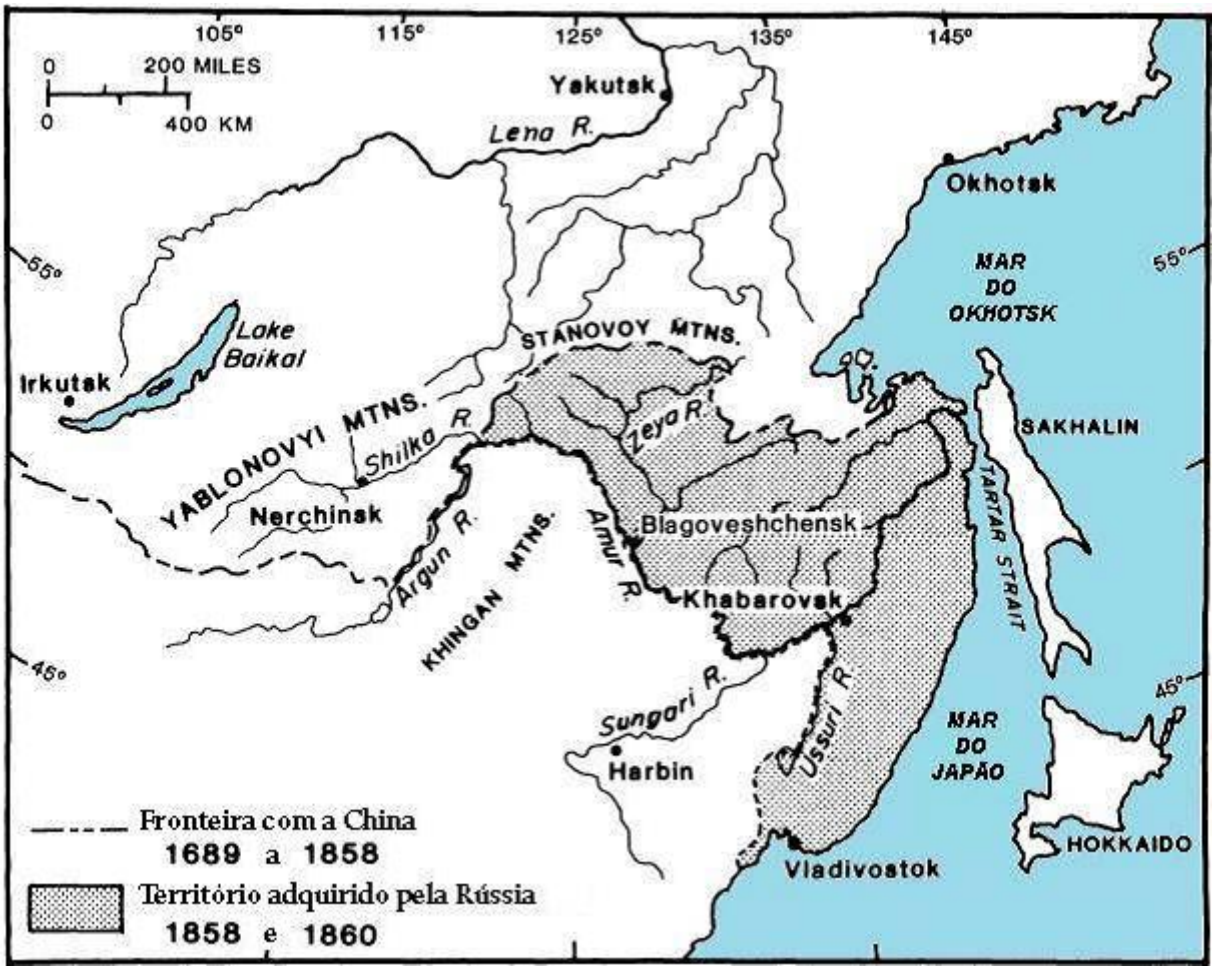


Figura 2: A região do Amur em meados do século dezenove. (BASSIN, 1983: 249) Adaptado.

A setor matemático da Grande Expedição Siberiana iniciou suas atividades em 1855, com um grupo de expedicionários formado por geógrafos, topógrafos e naturalistas. A primeira expedição realizou um levantamento cartográfico completo de toda a extensão do rio Amur. Ao longo dos quatro anos que se sucederam os expedicionários trabalharam compilando dados astronômicos, topográficos e cartográficos de toda aquela região, desde o lago Baikal até o estreito de Tartar. Os levantamentos matemáticos foram concluídos no final de 1858, o que possibilitou o início das pesquisas físicas da Expedição (BASSIN, 1983: 250-251).

Foi somente em 1860 que o setor físico iniciou suas atividades, um grupo de três pesquisadores realizaram, entre os anos de 1860 e 1862, levantamentos geológicos de toda a região da foz do rio Amur e do estreito de Tartar. Com o término da Grande Expedição Siberiana foi publicado enfim uma mapa que representava com precisão a

região do extremo oriente, construído a partir dos dados matemáticos e físicos levantados ao longo das expedições, apresentando as condições naturais da região, como a flora e a fauna, a hidrografia, a orografia e, também, a etnografia (BASSIN, 1983: 251).

A anexação efetiva da região do Amur para o Império Russo acontecera alguns anos antes. Em 1858, Muraviev conduziu as negociações diretamente com o Império Chinês e assinou o Tratado de Aigun, no qual ficava acordada a aquisição da margem esquerda do rio Amur até sua desembocadura no oceano e garantia aos russos privilégios comerciais na Manchúria. Tal processo aconteceu de forma pacífica, sem qualquer derramamento de sangue (BASSIN, 1983: 247).

O sucesso das negociações foi recebido com grande euforia pela população russa. O trauma que a Guerra da Crimeia havia deixado na sociedade parecia agora dissipar-se frente as conquistas dos primeiros anos de reinado de Alexandre II. Os Nacionalistas começavam a vislumbrar novos horizontes para o futuro da Rússia, no campo político e militar os avanços para o Extremo Oriente haviam sido vitoriosos e, no campo social a emancipação dos servos acabará de ser assinada (1861). Tal movimento era visto como o início de um processo que tiraria a Rússia definitivamente do Velho Mundo e lhe colocaria frente-a-frente com o Novo Mundo (BASSIN, 1983: 247).

Contudo, as esperanças logo se esvaíram. As reformas incitadas nos primeiros anos do governo de Alexandre II foram aos poucos deixando de ser cumpridas. A reforma dos tribunais e a lei de auto-governo provincial se arrastavam e a libertação dos servos mantinha estes sem trabalho, sem bens e sem terras, em uma condição de miséria extrema. Não obstante, os levantes insurrecionais que ocorriam na Polônia desde 1861 culminaram em uma severa repressão fomentada pela ala Conservadora do Exército russo em 1863. Frente a tal quadro, a incipiente chama de reformas na Rússia se apagou definitivamente em 1863 (KROPOTKIN, 1946: 177).

Nos anos que se seguiram os avanços militares buscaram novas fronteiras. A Ásia Central, com suas terras férteis para a agricultura e suas rotas comerciais com a China, Índia e Pérsia atraiam agora a atenção dos militares e das principais pesquisas da Sociedade Geográfica Russa, fazendo com que em meados de 1860, quase todos os esforços fossem destinados a esta nova região (BASSIN, 1983: 252).

Ao chegar na região Sibéria Oriental, em 1863, Kropotkin pode vivenciar toda estas transformações que ocorreram nos anos anteriores. A colonização realizada por Muraviev nas margens do rio Amur assentou colonos deportados da Polônia e presos siberianos libertos, muitos deles de origem camponesa, a fim de garantir uma ocupação efetiva da região. A manutenção e sobrevivência dessas colônias dependiam de apoio constante do

governo para sua manutenção, uma vez que as adversidades naturais e a falta de condições materiais praticamente inviabilizavam o cultivo e o isolamento dificultava qualquer troca com as demais regiões. (KROPOTKIN, 1946: 182)

Ato IV: As grandes expedições

> Os anos que passei na Sibéria me ensinaram muitas coisas que dificilmente eu teria aprendido em outra parte. Não tardei muito a compreender a impossibilidade absoluta de fazer qualquer coisa de útil às massas por intermédio da máquina administrativa. E afastei essa ilusão de uma vez por todas. Comecei então a compreender não somente os homens e os caracteres, como também a engrenagem interna da vida social. O trabalho edificador das massas ignoradas, de que tão raramente se fala nos livros, a importância desse trabalho na evolução das formas sociais, apareceram-me então em plena luz. Ver, por exemplo, como as comunidades de Doukhobortsy (irmãos dos que a esta hora colonizam o Canadá e que encontram um auxílio tão generoso da parte da Inglaterra e dos Estados-Unidos) emigraram para a região do Amur, verificar as imensas vantagens que eles obtinham na sua organização fraternal semicomunista, ser testemunha do sucesso da sua colonização, no meio dos fracassos da colonização pelo Estado, eram para mim ensinamentos que os livros não podem dar, de modo algum. Depois, os anos que vivi com os naturais, o espetáculo do funcionamento das formas complexas de organização social, elaboradas longe de toda civilização, viriam projetar uma luz plena sobre todos os meus estudos ulteriores. A observação direta tornou evidente para mim a importância do papel desempenhado pelas massas anônimas, em todos os grandes acontecimentos históricos, mesmo durante a guerra, e vim a partilhar as ideias que Tolstoi exprime a respeito dos chefes e das massas, na sua obra monumental, “Guerra e Paz”.
>
> Educado numa família de proprietários de servos, entrei na vida como todos os rapazes do meu tempo, com uma confiança absoluta na necessidade de comandar, ordenar, dirigir e punir. Porém, quando em boa hora tive de dirigir grandes empreendimentos e lidar com homens, quando qualquer erro teria acarretado graves consequências, comecei a apreciar a diferença entre o que se alcança pelo comando e a disciplina e o que se obtém graças ao acordo entre todos os interessados. O primeiro processo dá ótimos resultados numa parada militar, mas nada vale na vida real, onde o objetivo não pode ser alcançado senão por meio do esforço sério de um grande número de vontades convergentes. Embora eu não tivesse formulado então as minhas observações em termos iguais aos que se empregam nas lutas de partidos, posso dizer hoje que na Sibéria perdi a fé nessa disciplina de Estado. Estava assim inteiramente preparado para me tornar um anarquista.
>
> Entre os dezenove e os vinte e cinco anos, tive de elaborar importantes projetos de reforma, de lidar com centenas de homens, na região do Amur, de preparar e executar expedições audaciosas, dispondo de recursos ridículos; se todas as coisas se realizaram com êxito, atribuo isso unicamente ao fato de ter compreendido bem cedo a pouca importância que tem o comando e a disciplina, numa tarefa séria. Em toda parte é preciso gente de iniciativa; mas uma vez dado o impulso, deve-se conduzir o empreendimento, principalmente na Rússia, não militarmente, porém de uma forma comunista, pelo entendimento entre todos. Desejaria que todos aqueles que esboçam planos de organização social pudessem passar pela escola da vida real, antes de começar a construir as suas utopias: então ouviríamos falar menos sobre esses projetos formidáveis de organização militar da sociedade. (KROPOTKIN, 1946: 209-210)

Com as mudanças recentes na política russa, a região do Amur começava a perder a importância estratégica que possuíra nos anos anteriores, isso significava uma diminuição de recursos destinados aos trabalhos militares e as pesquisas científicas e fazia com que as expedições fossem realizadas da maneira mais simples. O que era visto de maneira positiva por Kropotkin.

Os anos que antecederam as primeiras expedições no extremo oriente lhe ensinaram que a cordialidade para com os camponeses garantia-lhe muito mais segurança do que o porte de uma arma, e que a vontade lhe dava muito mais condições do que o porte de alguns apetrechos técnicos e instrumentais. Assim, em todas as expedições que realizou, carregou consigo somente o necessário, instrumentos de campo, alguns suprimentos, sua vontade e a cordialidade. (WOODCOCK, 1978: 70)

A primeira grande expedição siberiana de Piotr não se caracterizou explicitamente como uma expedição geográfica. Com o término do processo de ocupação das margens do Amur, se fazia necessário garantir aos colonos condições mínimas de sobrevivência, uma vez que as condições naturais do baixo Amur eram difíceis de ser superadas. Para conseguir garantir um metro quadrado de terras para a agricultura os colonos tinham de vencer uma floresta virgem sub-tropical, bem como, as chuvas diluvianas de julho decorrentes das monções, as inundações e as ações das aves migratórias que destruíam as colheitas a cada nova migração. Frente a tais adversidades eram enviados anualmente aos colonos do baixo Amur grandes quantidades de sal, farinha e carne em conserva. (KROPOTKIN, 1946: 183)

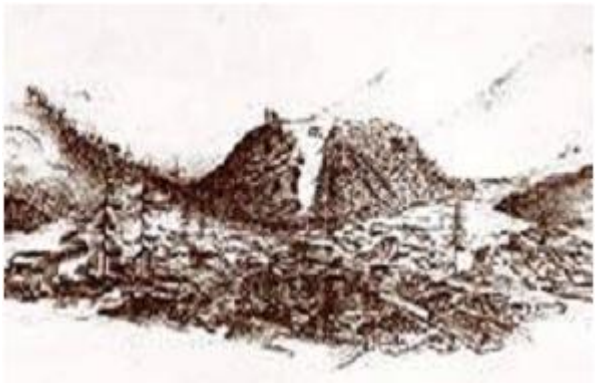


Figura 3: Desenho de Kropotkin do desmatamento das florestas no baixo Amur. (PLANCHE, 1948)

A fim de garantir o abastecimento necessário aos colonos, cento e cinquenta barcos de carga foram preparados para descer o Amur durante a cheia da primavera de 1863. As viagens eram realizadas sempre em grupos de vinte ou trinta barcos e eram conduzidas por oficiais russos para garantir a segurança das cargas. Piotr, que nunca estivera a frente de uma embarcação, fora destacado para conduzir uma destas viagens. (WOODCOCK, 1978: 71)

Os enormes barcos de cinquenta toneladas eram conduzidos por uma tripulação inexperiente por rios rápidos e perigosos, cercados por rochedos e escarpas.

> Todas as noites procurávamos um lugar onde a margem, embora escarpada, fosse contudo relativamente baixa, afim de aí encostarmos os barcos e passarmos a noite; fazíamos uma fogueira nas margens do rio claro e rápido, engastado entre montanhas belíssimas. Não se pode imaginar nada mais agradável do que viajar de dia, a bordo de um barco que desliza preguiçosamente as sabor da corrente, sem nenhum ruído mecânico. Bastava desviar levemente o leme de vez em quando, para nos mantermos sempre no meio da corrente. Os que gostam da natureza certamente considerarão uma das mais lindas paisagens do mundo o curso inferior do Chilka e a parte do curso do Amur, que se lhe segue. Imagine-se um rio límpido, largo e rápido, que corre por entre montanhas a prumo, cobertas de florestas, erguidas a milhares de pés acima da água.(KROPOTKIN, 1946: 185)

A viagem ocorreu quase sem incidentes e em pouco tempo os suprimentos haviam sido entregues aos colonos. Após esta etapa da viagem Kropotkin seguiu em um barco postal[13] para Blagovechtchensk, afim de encontrar o major Marovski.

Figura 4: Desenho de Kropotkin do barco postal. (PLANCHE, 1948)

A partir de Blagovechtchensk a tripulação seguiu viagem para a foz do rio a fim de encontrar as demais embarcações que levavam suprimentos àquela região. As tempestades que castigavam o outono siberiano dificultaram a descida do rio e causaram temor entre a tripulação.

> Somente aqueles que já viram o Amur ou os que conhecem o Mississipi podem imaginar que rio gigantesco se torna o primeiro depois de ter recebido o Sungari, e as vagas imensas que sobem o seu curso, nos dias de tempestade. Em julho, quando caem as chuvas devidas às monções, o Sungari, o Usuri e Amur recebem quantidades inimagináveis de água. Milhares de ilhas baixas geralmente cobertas de salgueiros, são inundadas ou varridas pela correnteza. A largura do rio atinge em certos pontos oito quilômetros. As águas formam centenas de braços e de lagos que se enfileiram nas depressões ao longo do leito principal e quando o vento sopra de leste ao encontro da corrente, erguem-se vagas imensas, mais altas do que as que agitam o estuário de São Lourenço, e sobem a corrente principal, bem como os canais laterais. É pior ainda quando um tufão, vindo da China, se abate sobre a região do Amur. (KROPOTKIN, 1946: 187)

13 "A pôpa do barco é abrigada por uma coberta e na proa, há uma caixa, cheia de terra, na qual se faz o fogo para preparar as refeições." (KROPOTKIN, 1946: 186)

Ao chegarem a foz do Amur Kropotkin e Marovski foram informados que mais de 40 embarcações haviam sido destruídas por conta das fortes tempestades que arremessaram os barcos contra os rochedos. As perdas ocorridas com as embarcações significavam um volume de 2.000 toneladas de alimentos a menos para os colonos. Frente a tal quadro Kropotkin partiu para Tchita a fim de avisar as autoridades e garantir novas provisões aos colonos ainda para aquele ano. (KROPOTKIN, 1946: 188)

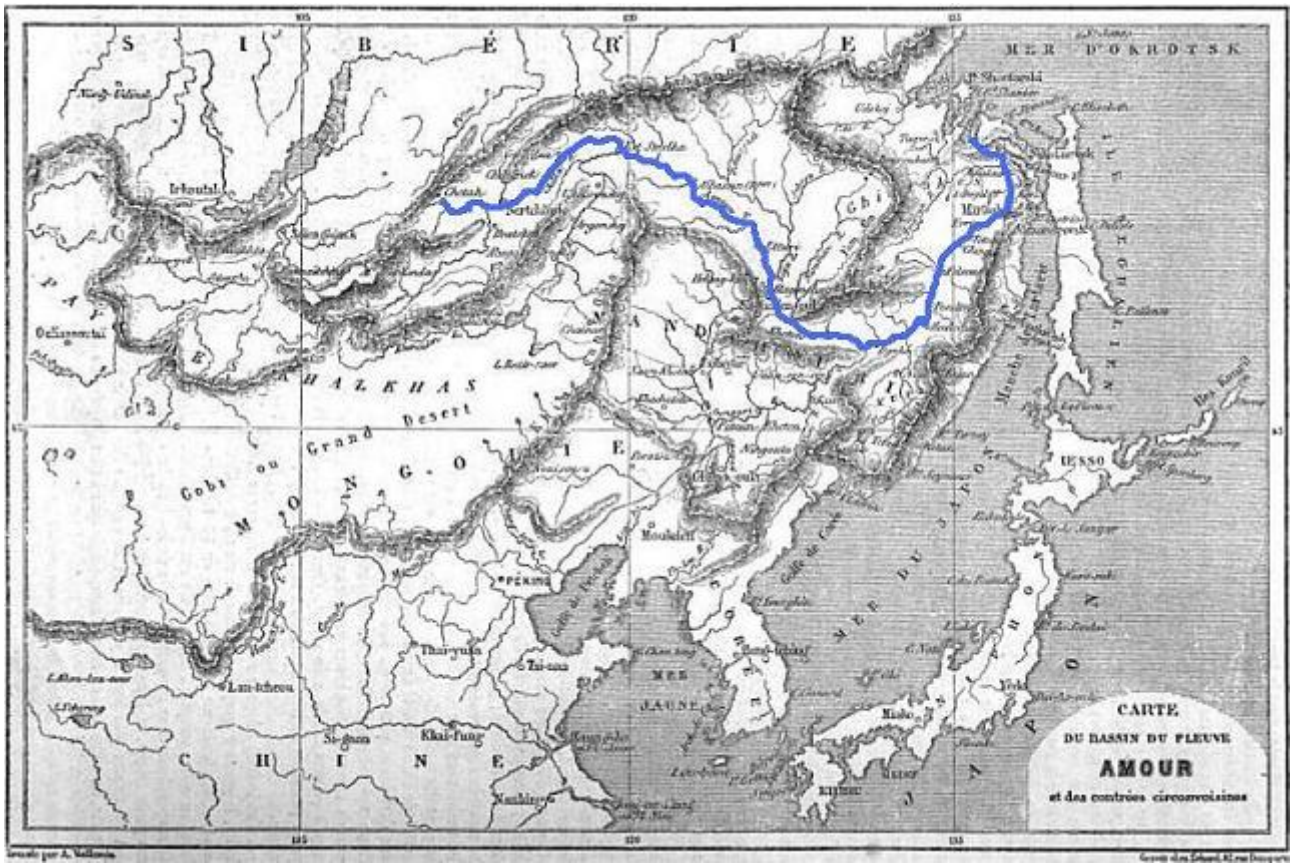


Figura 5: Trajeto fluvial realizado por Kropotkin na Primeira Expedição Siberiana em 1863.[14]

A distância de oitocentas léguas[15] que o separava de Tchita foram percorridas em menos de vinte dias. O trajeto foi realizado em barco a remo, barco a vapor e a cavalo. A travessia de rios caudalosos, de fortes tempestades e florestas virgens em um tempo tão curto espantou a todos quando chegou a Tchita. O Governador da Transbaicália uma vez informado do ocorrido enviou todas as provisões que dispunha à região afetada pelas tormentas.

Após o incidente, era necessário ir a Petersburgo para informar as autoridades russas sobre o incidente.

14 CHARTON, Edouard org. Le tour du monde: nouveau journal des voyages, Volume 1. Paris: Hachette, 1860. p. 100 – adaptado.

15 Cada légua marítima equivale a cerca de 6Km.

> Quando cheguei a Petersburgo e falei com as autoridades, compreendi o motivo por que me haviam mandado fazer o relatório. Ninguém queria admitir a possibilidade da destruição dos barcos. – O Sr. viu o lugar? Viu com seus próprios olhos os barcos destruídos? Está absolutamente convencido de que "eles" não roubaram as provisões, mostrando-lhe depois os fragmentos de quaisquer outros barcos? – Tais eram as perguntas a que eu tinha que responder.
>
> Os altos funcionários que estavam em Petersburgo à frente dos negócios da Sibéria eram, na verdade, de uma ignorância encantadora acerca do país. – Mas, meu caro, – dizia-me um deles, que se exprimia sempre em francês, – acha possível que quarenta barcos fossem destruídos no Neva? Sem que ninguém acudisse?
>
> – O Neva? exclamava eu, ponha três, quatro Nevas, um ao lado do outro, e terá a largura do baixo Amur!
>
> – É tão largo assim? (KROPOTKIN, 1946: 192)

Receosos em acreditar naquele jovem oficial, os funcionários do governo encaminharam Kropotkin ao Ministro da Guerra, Dmitri Milutine, que o conhecia da época em que era Sargento do Corpo de Pajens do Imperador, este apenas requiriu um breve relatório, uma vez que confiava na veracidade da informação apresentadas.

Esta primeira grande expedição causou fortes marcas em Kropotkin, a aversão aos trabalhos realizados pelo governo czarista era cada vez mais explicita. Ao retornar ao Extremo Oriente dias depois, Piotr aceitou o convite para a expedição geográfica e mercantil que iria a Manchúria, a fim de não ter que realizar atividades administrativas.

A viagem tinha por objetivo encontrar o caminho mais curto por terra entre o Amur e a cidade de Merghen, na Manchúria, uma vez que o comércio de gados era realizado por rios. As autoridades russas sabiam da existência de uma velha estrada chinesa que cortava os montes Khingan e que poderia se tornar uma rota comercial. Assim, apesar das proibições feitas pelos chineses a presença de militares russos na região da Manchúria[16], foi organizada uma expedição geográfica travestida de expedição comercial com intuito de descobrir e mapear a rota. (WOODCOCK, 1978: 197)

Os perigos e desafios apresentados instigavam o espírito aventureiro de Kropotkin e dos demais membros da expedição. O percurso nunca havia sido realizado por um europeu e o risco de prisão era real. O grupo de viajantes era constituído de 11 comerciantes cossacos, um caçador tunguse e por Kropotkin e carregavam consigo 40 cavalos, tecidos, veludos de algodão e outros artigos para a venda.

A travessia da fronteira do Amur para a Manchúria foi acompanhada de perto por soldados chineses, o que dificultava o levantamento dos dados. "Tive portanto de contentar-me muitas vezes com um rápido olhar à bússola, anotando as altitudes e distância no meu bolso". (KROPOTKIN, 1946: 198)

16 "O tratado sino-russo concedia a Rússia a liberdade de comércio com o 'Império da China e a Mongólia', a Manchúria não era mencionada, e tanto podia estar como não estar compreendida no tratado" (KROPOTKIN, 1946: 198)

> Com grande espanto nosso, verificamos que essa travessia da cadeia de montanhas, que parecia tão sombria e horrível, era na realidade das mais fáceis. Encontramos na estrada um velho funcionário chinês com uma cara de fazer pena. Viajava na mesma direção que nós, numa carruagem de duas rodas. Durante os dois últimos dias, a estrada subia muito, e a própria região atestava a sua grande altitude. O terreno era pantanoso, a estrada lamacenta, o pasto miserável e as árvores escassas, secas e cobertas de líquens. Montanhas, sem vegetação, elevavam-se de ambos os lados; e já imaginávamos as dificuldades que teríamos ao atravessar a cordilheira, quando vimos o velho funcionário chinês descer da carruagem, diante de um "obo", isto é, um monte de pedras e de ramos de árvores às quais se prendiam mechas de crina de cavalo e pedaços de estopa. O velho arrancou alguns pelos da crina do seu cavalo e amarrou-os aos ramos.
>
> - Que é isso? Perguntamos.
> - O "obo". As águas, a partir daqui correm para o Amur.
> - Estamos então no fim do Khingan?
> - Sim. Daqui ao Amur não há mais montanhas a atravessar; apenas colinas!
>
> A caravana inteira estava emocionada. "As águas correm para o Amur! Para o Amur!" exclamavam os Cossacos. Em toda a sua vida tinham ouvido os velhos Cossacos falarem do grande rio, em cujas margens crescia a vinha em estado selvagem, cujas planícies se estendem a centenas de léguas e podem dar o bem-estar a milhões de pessoas. Depois que o Amur foi anexado à Rússia, ouviram falar da longa viagem, das dificuldades que tinham encontrado os primeiros colonos, da prosperidade de seus parentes que habitavam o alto Amur; e eis que encontrávamos o caminho mais curto para chegar lá. Diante de nós tínhamos uma rampa muito escarpada, por onde descia uma estrada em ziguezagues. Essa estrada conduzia a um riacho que abria caminho através de um labirinto de montanhas de contornos sinuosos, pertencentes à bacia do Amur. Nenhum obstáculo nos separava agora do grande rio. Somente um viajante poderá compreender a minha alegria, ao fazer essa descoberta geográfica inesperada. Quanto aos Cossacos, apressaram-se em descer a rampa e por sua vez amarraram mechas de crina de cavalo aos ramos atirados nos "obo". Os deuses dos pagãos em geral inspiram um certo temor aos russos. Eles não os adoram, mas esses deuses, dizem, são criaturas inclinadas ao mal e nunca se deve estar em más relações com eles. É preferível propiciá-los com algumas manifestações de respeito.
>
> - Olhem aqui; vejam que árvore esquisita! Deve ser um carvalho! Exclamavam quando descíamos a rampa.
> - Com efeito, o carvalho não cresce na Sibéria e nós só o encontramos depois de chegar às encostas orientais do planalto superior.
> - Veja. São nogueiras! Exclamavam logo a seguir. E que árvore é esta? Perguntavam, vendo uma tília ou qualquer outra árvore igualmente desconhecida na Sibéria, mas que eu sabia pertencer à flora mandchu. Esses hiperbóreos, que, havia séculos sonhavam com um país quente, ao encontrá-lo finalmente, sentiam-se encantados. Deitados no solo coberto por um espesso tapete de erva, acariciavam-no com o olhar – te-lo-iam beijado. Agora desejavam ardentemente chegar ao Amur o mais depressa possível. Quando, quinze dias depois, acendemos nossa última fogueira de acampamento, a menos de oito léguas do rio, os olhos desses siberianos, tão pouco impressionáveis, e geralmente indiferentes à poesia, brilhavam com uma chama poética, à vista das ondas azuladas do majestoso Amur. (…) (KROPOTKIN, 1946: 199-200)

Após a travessia do Khingan e do encontro com o Amur a viagem seguiu até Merghen. O segundo trecho do trajeto foi realizado de maneira mais tranqüila. As observações geográficas foram anotadas a exaustão e importantes constatações foram feitas: a configuração da cadeia de montanhas do Khingan, a presença de vulcões terciários na região e uma mapa[17] detalhado foi realizado.

17 Ver mapa 1: Mapa Orográfico do Leste Siberiano e partes da Mongolia e Manchúria p. 35.

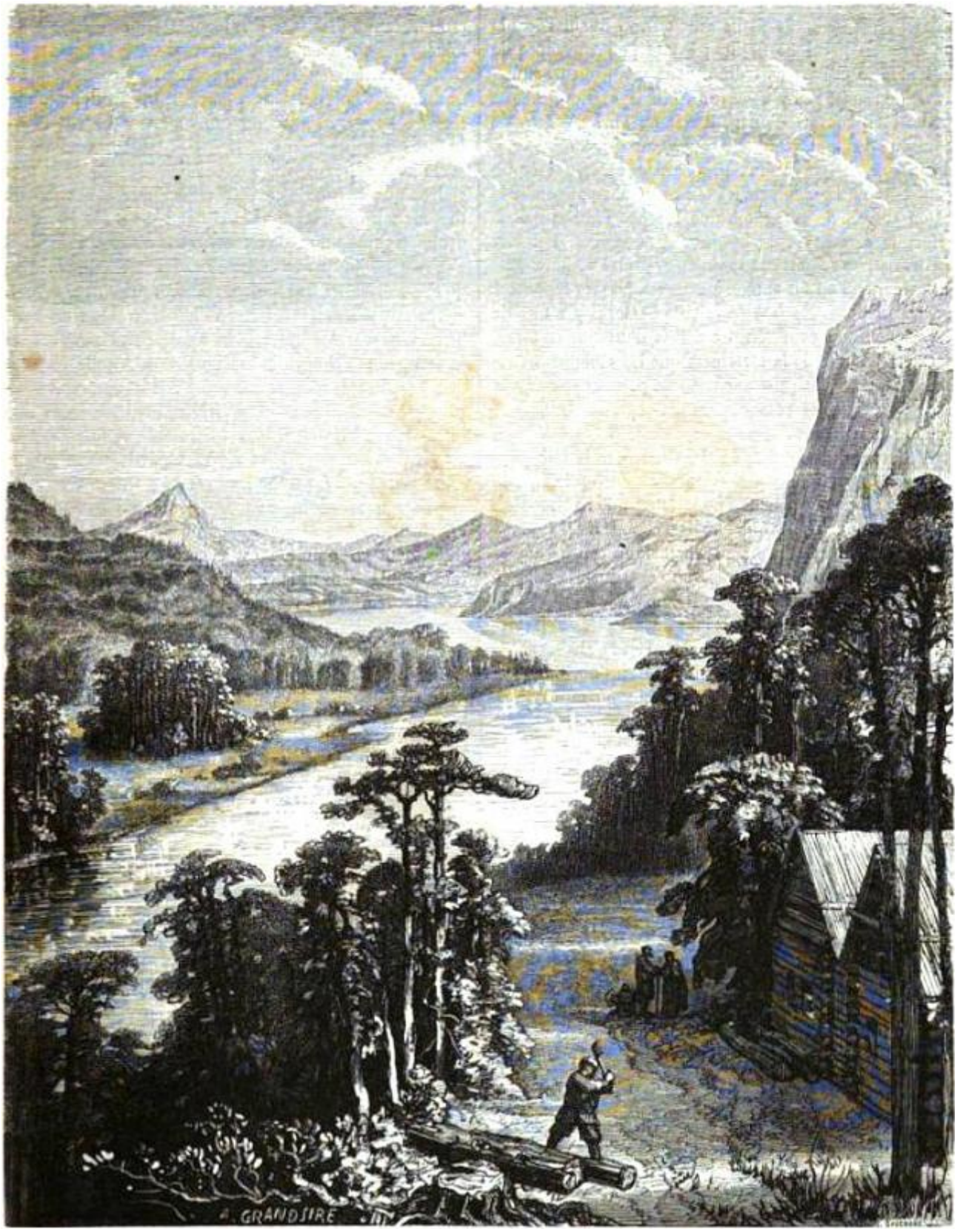
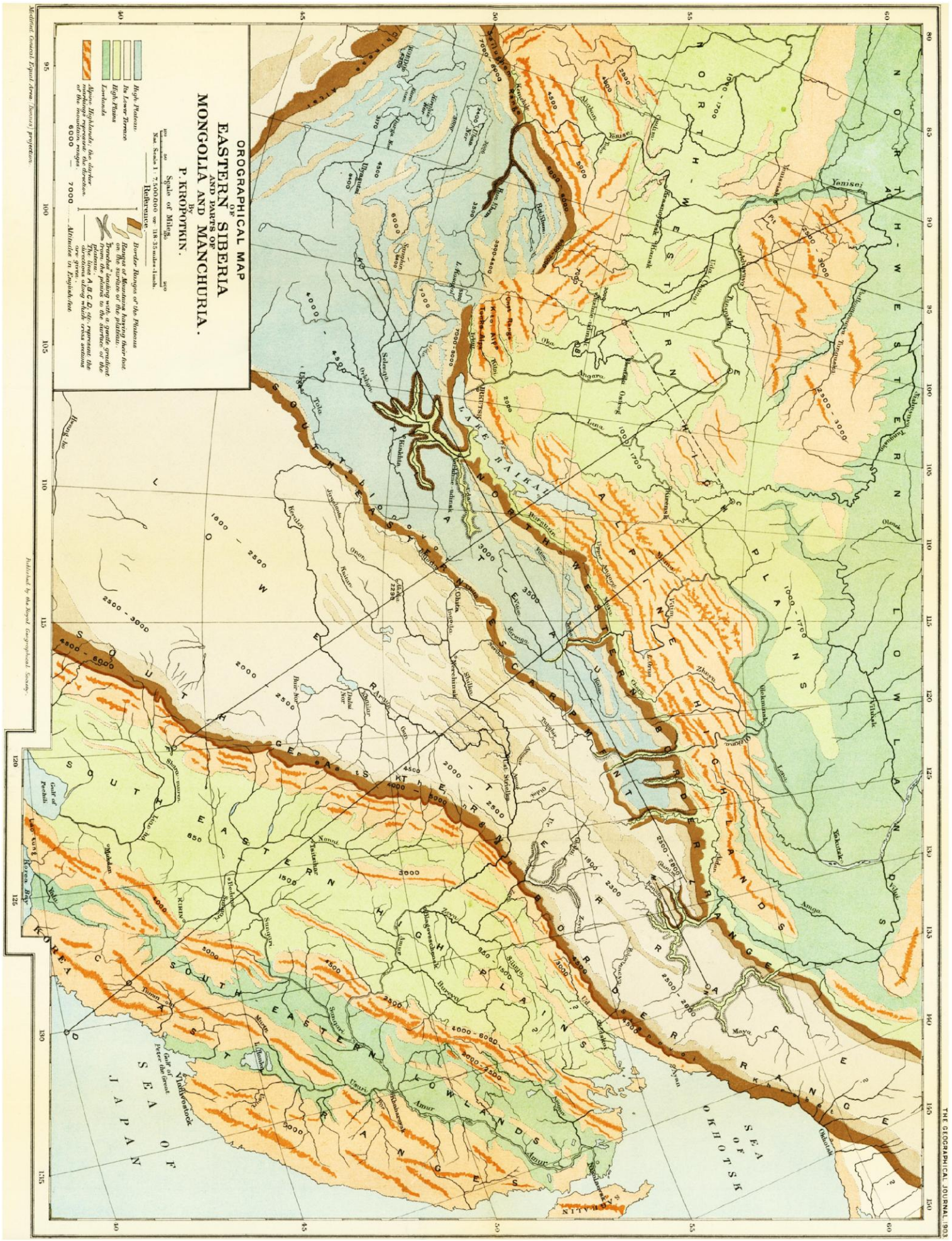


Figura 6: O rio Amur nos montes Khingan[18]

18 RECLUS, Onésime. La terre à vol d'oiseau. Paris: Hachette, 1886: 283.


OROGRAPHICAL MAP
OF
EASTERN SIBERIA
AND PARTS OF
MONGOLIA AND MANCHURIA.
By
P. KROPOTKIN.
Scale of Miles.
Reference.
High Plateau
Its Lower Terrace
High Plains
Lowlands
Border Ranges of the Plateaus
Ranges of Mountains having their foot on the surface of the plateau.
Trenches leading with a gentle gradient from the plains to the surface of the plateau.
The lines A, B, C, D, etc. represent the directions along which cross sections are given.
Altitudes in English feet.
Modified Conical Equal Area (Bonnes) projection.
Published by the Royal Geographical Society.
THE GEOGRAPHICAL JOURNAL 1903
NORTH-WESTERN HIGH PLAINS
NORTH-WESTERN LOWLANDS
SOUTH-EASTERN HIGH PLAINS
SOUTH-EASTERN LOWLANDS
SOUTH-EASTERN HIGH PLAINS
SOUTH-EASTERN LOWLANDS
LAKE BAIKAL
SEA OF JAPAN
SEA OF OKHOTSK
Gulf of Peshili
Gulf of Peter the Great
Vladivostock
Korea Bay
Yenisei
Lena
Amga
Amur
Oka
Angara
Yakutsk
Okhotsk
Sakhalin

Outro ponto observado ao longo da expedição foi a pequena presença dos gamos[19] na região. Condição muito diferente da observada poucos anos depois quando Kropotkin e outros exploradores desceram o rio Amur e observaram a prática de ajuda mútua entre os gamos em seu processo migratório.

> Mas talvez o exemplo mais notável de ajuda mútua seja o que ocorre durante as migrações ocasionais dos gamos, como vi certa vez no Amur. Quando cruzei o alto platô e sua extremidade, o Grande Khingan, indo de Transbaikalia para Merghen, e viajei mais adiante pelas altas pradarias a caminho do Amur, pude verificar quão pouco povoadas de gamos são essas regiões. Dois anos depois, viajando Amur acima, cheguei em fins de outubro, à extremidade inferior daquela pitoresca garganta que esse rio escavava no Dousse-alin (Pequeno Khingan), antes de adentrar as terras baixas onde ele se junta ao Sungari. Nas vilas locais, encontrei os cossacos na maior excitação, porque milhares e milhares de gamos estavam cruzando o Amur, no trecho mais estreito do seu curso, a fim de atingir as terras baixas. Por muitos dias seguidos, ao longo de cerca de 65 quilômetros rio acima, os gamos estavam sendo abatidos ao cruzarem o rio, no qual já flutuava uma boa quantidade de gelo. Milhares eram mortos todos os dias, mas seu êxodo continuava. Migrações semelhantes nunca foram vistas antes ou depois, e aquela deve ter sido provocada por uma forte nevasca precoce no Grande Khingan, que forçou os gamos a fazer uma tentativa desesperada de atingir as terras baixas a leste das montanhas Dousse. Na verdade, poucos dias depois, o Dousse-alin também estava sob 60 a 90 centímetros de neve. Ora, quando se imagina o imenso território (quase do tamanho da Grã-Bretanha) do qual os grupos dispersos de gamos devem ter se juntado para uma migração empreendida em tais circunstâncias e são visíveis as dificuldades que tiveram de superar antes de todos decidirem cruzar o Amur mais ao sul, onde ele é mais estreito, só se pode mesmo admirar profundamente o grau de sociabilidade mostrado por esses animais inteligentes. (KROPOTKIN, 2012a: 48)

No outono daquele mesmo ano se iniciou a terceira grande expedição de Kropotkin no extremo oriente. Os objetivos da expedição consistiam em mapear o rio Sungari, maior afluente do Amur, localizado em território chinês, e enviar um documento de boa vontade dos russos ao Governador Geral da província chinesa, a fim de estabelecer uma relação amistosa com aquele governo. (WOODCOCK, 1978: 77)

A embarcação que seguiu viagem rio acima era formada por um coronel (comandante do barco), um médico, um astrônomo, Ussoltze, dois topógrafos e Kropotkin. A viagem encontrava dificuldades uma vez que a pouca profundidade do rio e seu fundo arenoso ameaçavam encalhar o barco a cada instante. O lento progresso do barco possibilitou aos topógrafos realizarem uma excelente carta do rio. (KROPOTKIN, 1946: 204)

Nas primeiras quarenta léguas navegadas o contato com o chineses eram raros, uma vez que as aldeias ribeirinhas eram escassas. Ao chegarem em Ghirine, capital da província, os russos foram recebidos com muita desconfiança, uma vez que haviam passado somente 8 anos da anexação do Amur à Rússia. Ao adentrarem na cidade as

19 O gamo (Dama dama) é um mamífero ruminante semelhante ao veado, tendo, porém, a cauda comprida e a parte superior dos galhos achatada e palmada.

portas das casas e dos comércios foram fechados e o único contato direto que estabeleceram na capital foi com o Governador Geral. A viagem durou trinta e três dias e cumpriu seus objetivos, os tripulantes constataram que o rio era inteiramente navegável, apesar da pouca profundidade em alguns pontos, os topógrafos produziu um mapa detalhado de toda a extensão do rio e alguns laços de cordialidade foram feitos entre os povos, principalmente com as aldeias ribeirinhas. (MORRIS, 2007: 15)

O levantamento de dados e observações coletados ao longo da viagem ao Sungari possibilitavam pela primeira vez o conhecimento daquela região, que havia sido visitada anteriormente somente por missionários jesuítas franceses. As densas florestas que povoavam as margens dos rios e o cultivo de trigo, milho, maças, pêssegos e uvas realizado pelos camponeses chineses marcavam a paisagem do Sungari. (MURCHISON, 1865: 242)

Ao retornarem a Irkutsk o astrônomo Ussoltze e Piotr escreveram um relatório da viagem que foi publicado nas “Memórias” da Sociedade Geográfica da Sibéria. Apesar do trabalho realizado o relatório só seria utilizado trinta e cinco anos depois (1896), quando começou a ser construída a estrada de ferro da Manchúria. (KROPOTKIN, 1946: 206)

Os meses que sucederam a expedição foram marcados por um grande trabalho de organização dos dados das condições econômicas dos Cossacos do Ussuri. Os números mostravam a grande quantidade de perda que ocorria nas colheitas dos cereais e alertavam para a necessidade constante de envio de suprimentos para garantir a sub existência daqueles colonos. Os relatórios receberam muitos elogios e as medidas apontadas neles foram colocadas em prática: foram disponibilizados créditos para a migração ou então para a aquisição de gados para o transporte.

> A alta administração da Sibéria tinha ótimas intenções e posso afirmar que era bem melhor, mais esclarecida e se interessava muito mais pelo bem-estar do povo que a de qualquer outra província russa. Mas não se passava de uma administração, de um ramo da árvore cujas raízes se encontravam em Petersburgo, e isso bastava para paralisar as suas melhores intenções e para transformá-la num obstáculo a todo impulso de progresso da vida local. Qualquer iniciativa dos elementos locais em prol do país, era vista com desconfiança e imediatamente obstada por mil dificuldades provenientes, não tanto das más intenções dos administradores – como por pertencerem estes a uma administração piramidal, centralizada. O simples fato de se tratar de um governo que se irradiava em torno de uma capital longínqua, levava-os a considerar todas as questões do ponto de vista do funcionário subordinado ao poder central, que pensa, antes de mais nada, no que possa dizer o seu superior e que lugar teria isto ou aquilo na máquina administrativa, deixando em segundo plano os interesses do país. (KROPOTKIN, 1946: 207)

Entre os anos de 1865 e 1866 outras duas grandes viagens exploratórias foram realizadas próximas a Irkutsk.

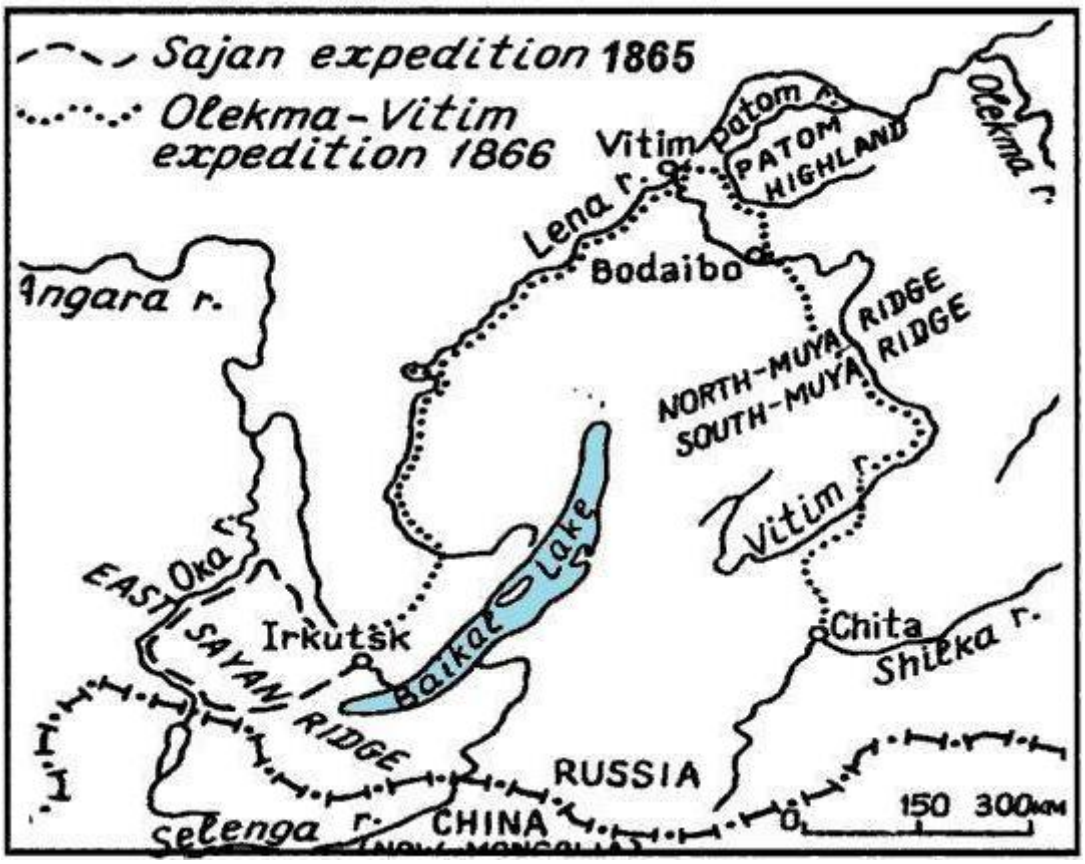


Figura 7: As principais rotas das expedições na Sibéria Oriental, 1865-1866.
(IVANOVA, 2008: 119) Adaptado

A expedição ao Sayan ocidental, realizada em 1865 possibilitou a Kropotkin compreender a estrutura das altas terras siberianas e descobrir uma importante região vulcânica na fronteira com a China. Esta breve expedição subsidiou a viagem que seria realizada no ano seguinte com o intuito de encontrar uma rota direta entre as minas de ouro da província de Irkutsk e a Transbaicália.

A última viagem realizada por Kropotkin na Sibéria oriental foi marcante. A expedição de 1866 buscava encontrar uma rota por entre as cordilheiras que separavam o rio Vitim do rio Chilka. A rota de norte para sul, que nunca havia sido trilhada por nenhum outro russo anteriormente, era baseada em um velho mapa tunguse traçado a faca em um pedaço de cortiça. “Essa pequena carta – prova maravilhosa da utilidade do sentido da geometria para a gente menos civilizada – pareceu-me que devia ser tão exata que confiei inteiramente nela.” (KROPOTKIN, 1946: 208)

Os três meses de expedição foram acompanhados pelo naturalista Polakov e por um topógrafo. Os expedicionários percorreram montanhas desertas, atravessaram

planícies montanhosas e vivenciaram a abundância de vida na região.

> Eu mesmo me lembro da impressão que o mundo animal da Sibéria produziu em mim, quando explorei as regiões do Vitim em companhia de um zoólogo talentoso, o meu amigo Poliakov. Ambos estávamos sob o impacto recente do livro A origem das espécies, mas procuramos em vão pela feroz competição entre animais da mesma espécie que a obra de Darwin nos fez esperar (...) Vimos diversas adaptações para a luta – muitos frequentemente em comum – contra as adversidades do clima ou vários inimigos, e Poliakiv escreveu belas páginas sobre a dependência mútua de carnívoros, ruminantes e roedores nas regiões por onde se distribuíam; testemunhamos numerosos casos de ajuda mútua, principalmente durante as migrações de pássaros e de ruminantes; no entanto, mesmo nas regiões do Amur e do Usuri, onde a vida animal parece fervilhar, tal a sua abundância, muito raramente observei casos reias de competição e de luta entre animais superiores da mesma espécie, embora eu tivesse procurado ansiosamente por elas. (KROPOTKIN, 2012a: 22)

As observações realizadas ao longo da travessia da cordilheira serviriam como suporte para as posteriores descobertas científicas de Kropotkin. A observação direta da estrutura das montanhas e dos planaltos da Sibéria dariam suporte a sua tese sobre a estrutura morfológica da região siberiana e o descobrimento de restos fósseis e de algumas características do relevo iriam contribuir para a posterior elaboração de suas teorias glaciais. (KROPOTKIN, 1946: 208)

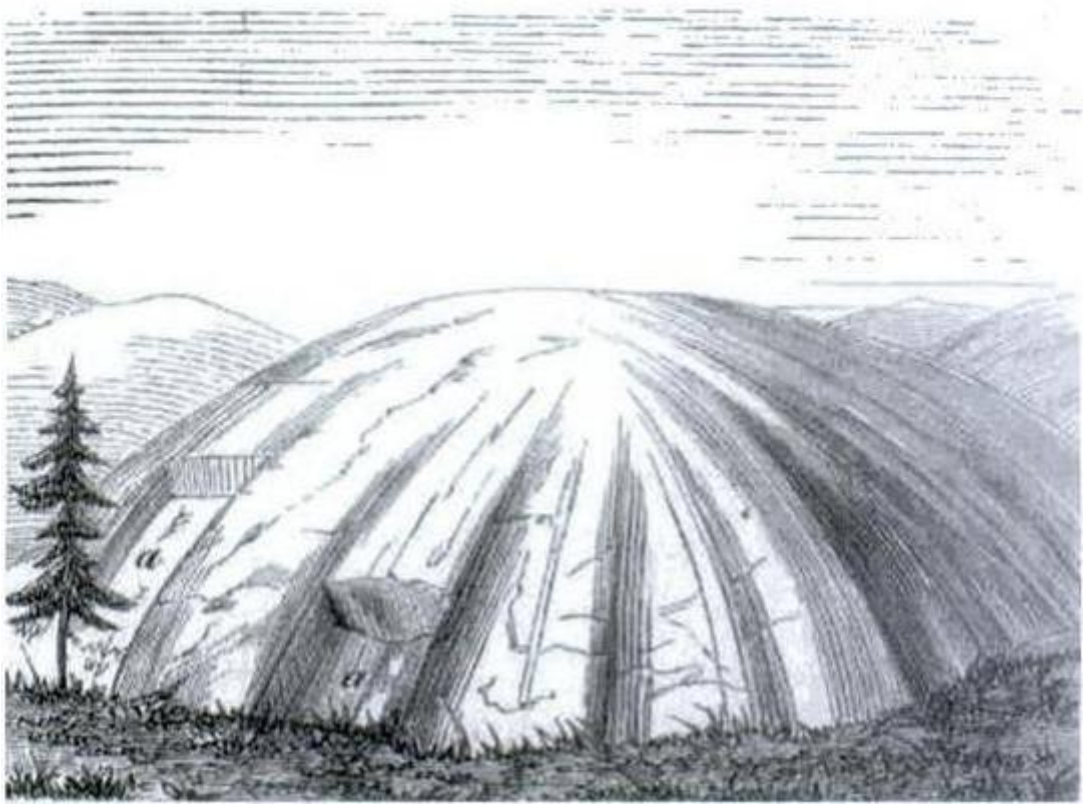


Figura 8: Desenho de Kropotkin dos cumes arredondados em forma de cúpulas formado pela glaciação. (IVANOVA, 2008: 120)

O ano de 1866 foi decisivo ainda por outro motivo. Três anos antes, ocorrera um levante polonês buscando a independência do país. O movimento foi duramente reprimido pelo governo de Alexandre II que em um ano extraditou mais de onze mil pessoas para a Sibéria. Os poloneses extraditados, compostos principalmente por operários, artistas e artífices, eram enviados a Sibéria para realizar trabalhos forçados, construírem barcos, estradas ou para trabalhar nas salinas imperiais. As condições de sobrevivência que os poloneses encontravam na Sibéria eram no geral muito precárias e o risco de morte por inanição assombrava a todos.

> No decorrer do último século enviaram para a Sibéria várias fornadas de deportados políticos. Porém, com a submissão ao destino que é uma característica dos russos, esses homens nunca se revoltaram; deixavam-se aniquilar lentamente, mas nunca tentaram resistir. Os poloneses, pelo contrário, – diga-se isso em sua honra – nunca foram tão submissos e ainda desta vez rebentou uma nova revolta. Evidentemente, não tinham possibilidade alguma de vencer; mas nem por isso deixavam de revoltar-se. (KROPOTKIN, 1946: 212-213)

No inverno de 1866 uma grande quantidade de poloneses trabalhava na construção de uma estrada ao longo da costa do lado Baikal, que, nesta época do ano, tinha suas águas congeladas, o que permitia sua travessia a pé. Frente a esta possibilidade um grupo de poloneses tentou a fuga pelo rio mas foi surpreendido por alguns oficiais russos. O embate não durou muito, uma vez que os poloneses não dispunham de armamentos e de condições para o combate, contudo, um oficial russo foi morto. Este fato desencadeou uma série de execuções dos poloneses como forma de retaliação. (KROPOTKIN, 1946: 215)

Kropotkin, após a expedição ao Vitim, permaneceu o inverno todo em Irkutsk acompanhando todas as violências e arbitrariedades que estavam sendo cometidas contra os poloneses. Ao receber a ordem para se juntar as tropas que eram enviadas a reprimir os poloneses Kropotkin se negou, causando um grande conflito com seus superiores. (WOODCOCK, 1978: 81)

Ao final daquele inverno, frente a desoladora situação que havia ocorrido na região Piotr pediu dispensa do exército a fim de retornar a Petersburgo e dar continuidade aos estudos.

Ato V: A Sociedade Geográfica Russa e os movimentos revolucionários

Na Sociedade de Geografia passava-me pelas mãos toda a espécie de informações preciosas, relativas à geografia da Rússia, e, pouco a pouco, veio-me a idéia de escrever uma obra minuciosa a respeito da geografia física dessa imensa região do mundo. Eu tencionava fazer uma descrição geográfica completa do país, baseada nos característicos principais da estrutura corográfica que começava a deslindar para a Rússia Européia, e delinear as diversas formas de vida econômica que deveriam prevalecer nas diferentes regiões físicas. Considere-se, por exemplo, os vastos campos da Rússia meridional, tantas vezes submetidos às secas e às más colheitas. Ambas não deviam ser consideradas calamidades acidentais – porque constituem uma característica natural dessa região, do mesmo modo que a sua posição na vertente meridional do planalto central da Rússia, o seu solo, a sua fertilidade, etc. E a vida econômica das estepes meridionais deveria ser organizada na previsão da inevitável volta periódica das secas. Todas as regiões do Império russo deveriam ser estudadas da mesma maneira, seguindo-se o método científico que Karl Ritter empregara nas suas admiráveis monografias de diferentes partes da Ásia.

Porém uma obra dessas exigia muito tempo livre e era necessário que o autor estivesse inteiramente livre. Muitas vezes pensava comigo mesmo que poderia prestar esse serviço à ciência se viesse a ocupar um dia o lugar de secretário da Sociedade de Geografia. Ora, no outono de 1871, quando trabalhava na Finlândia, avançando lentamente a pé, na direção da costa, ao longo da linha férrea e procurando com atenção o ponto onde apareciam os primeiros traços indubitáveis do antigo mar post-glacial, recebi um telegrama da Sociedade de Geografia: “O Conselho pede-lhe que aceite o cargo de Secretário da Sociedade.” O Secretário demissionário pedia-me igualmente que aceitasse a proposta.

Meus sonhos estavam realizados. Porém, havia já algum tempo que outros pensamentos e outras aspirações se tinham apoderado do meu espírito. Refleti seriamente sobre a resposta que daria e telegrafei: “Agradeço sinceramente, mas não posso aceitar”.

Há muita gente que desempenha um papel político, social ou familiar, apenas porque nunca teve tempo de perguntar a si mesmo se a posição em que se encontra e a obra que executa lhe convém, se as suas ocupações se harmonizam realmente com os seus desejos íntimos e suas aptidões e lhe proporcionam a satisfação que se deve esperar do trabalho. Os homens ativos são os mais sujeitos a isso. Cada dia traz nova tarefa, e à noite, atiram-se na cama sem haver terminado o que esperavam fazer; na manhã seguinte, apressam-se em terminar a tarefa da véspera. O tempo passa e não lhes sobra ocasião para pensar, para verificar o rumo que a vida toma. Era o meu caso.

Nessa época, porém, durante minha viagem à Finlândia, tive mais lazeres. Quando atravessava, numa “karria” finlandesa de duas rodas, alguma planície sem interesse para o geólogo, ou, quando de martelo ao ombro, andava de um areal para outro, sobrava-me tempo para refletir; e durante os meus trabalhos geológicos, sem dúvida muito interessantes, uma idéia me perseguia, falando-me ao coração com mais força do que a geologia, e obcecando-me o espírito.

Vendo quanto esforço dispende o camponês da Finlândia para lavrar a terra e quebrar os duros torrões de barro, pensava: “Provavelmente acabarei descrevendo a geografia física desta parte da Rússia, e indicarei ao camponês a melhor maneira de cultivar o solo. Aqui, um extirpador americano seria inestimável; ali certos processos de adubação seriam indicados pela ciência.” Mas de que vale falar a esse camponês em máquinas americanas, quando ele tem apenas o pão indispensável para vegetar de uma colheita a outra, quando a renda que tem de pagar por essa terra argilosa se torna mais elevada à medida que ele melhora o solo? Rói a sua broa de farinha de centeio, dura como pedra, que é feita duas vezes por ano. Com esse pão come um pedaço de bacalhau horrivelmente salgado e bebe leite desnatado. Como me atreveria eu a lhe falar em máquinas americanas, quando tudo o que ele pode produzir tem de vender para pagar o aluguel da terra e os impostos? O que é preciso é que eu viva com ele, para

> ajudá-lo a tornar-se o proprietário ou o possuidor livre desta terra. Só então poderá ler os livros com proveito; mas agora é inútil. (KROPOTKIN, 1946: 227-229)

O início de 1867 marcou grandes transformações na vida de Kropotkin, o retorno a São Petersburgo, o início da vida universitária com a qual sonhara cinco anos antes, os trabalhos científicos na Sociedade Geográfica Russa e a intensa vida cultural da capital contrastavam com a rotina que vivenciou ao longo dos cinco anos de Sibéria.

Ao chegar a capital, o ambiente da cidade já não era o mesmo da época do Corpo de Pajens. A repressão ao levante polonês ocorrido em 1863 deixou marcas profundas na administração de Petersburgo, que passou a reprimir ativamente os grupos socialistas, fechando jornais e deportando militantes radicais.

O pedido de dispensa do exército requerido ainda na Sibéria implicou na obrigatoriedade do trabalho oficial em alguma instituição do governo, conforme imposição de Alexandre II. Piotr assumiu o cargo de assessor colegiado no Comitê Central de Estatística, uma vez que começara a frequentar o curso de matemática na Faculdade de Ciências Físicas e Matemáticas na Universidade de Petersburgo (WOODCOCK, 1978: 82). O trabalho não demandava muito esforço e era compatível com os estudos e pesquisas realizados junto a Sociedade Geográfica. Além do mais, Kropotkin havia abdicado de sua herança e vivia na capital russa de forma módica, em um pequeno quarto, com uma cama, uma prateleira de livros e diversos mapas. (WOODCOCK, 1978: 83)

A aproximação com a Sociedade Geográfica Russa se deu rapidamente uma vez que Kropotkin já havia estabelecido relações institucionais ao longo dos cinco anos que permaneceu na Sibéria. Suas últimas explorações haviam despertado um enorme interesse dentro da Sociedade Geográfica e lhe foi requerida a elaboração dos informes sobre a expedição realizada ao Vitim, para ser apresentado em uma sessão extraordinária da Sociedade. O trabalho realizado por Kropotkin foi condecorado com uma medalha de ouro e com o oferecimento do cargo de secretário da seção de geografia física da Sociedade. (WOODCOCK, 1978: 82)

O cargo de secretário da seção de geografia física da Sociedade colocava Kropotkin em contato direto com diversos exploradores russos que viajavam por todo o globo. A riqueza de informações e de relatos compartilhados com os pesquisadores russos lhe abriam nova perspectivas científicas. No seio da Sociedade começava a surgir um interesse em realizar uma expedição à região ártica, com o intuito de estabelecer uma rota comercial para pesca e navegação nos mares árticos. (KROPOTKIN, 1946: 223)

Conforme o projeto começava a avançar foi nomeada uma comissão para preparar um plano para a expedição.

> “Alguns especialistas se encarregaram de redigir os capítulos científicos desse projeto mas, como acontece sempre, somente alguns capítulos – de botânica, geologia e meteorologia ficaram prontos a tempo, e eu, na qualidade de secretário da comissão, tive de escrever o resto. Muitos assuntos, como a zoologia marítima, as marés, as observações dobre o pêndulo e o magnetismo terrestre, eram completamente novos para mim; mas ninguém imagina quanto pode produzir um homem com boa saúde, em pouco tempo, se trabalha de boa vontade, com energia, e vai direto às bases do assunto. E assim o projeto ficou pronto a tempo.” (KROPOTKIN, 1946: 225)

Apesar de todo o trabalho de levantamento de dados e pesquisas realizado, a expedição não saiu do papel. A instabilidade política russa influía diretamente na disponibilização de verbas para a expedição e devido as incertezas dos resultados obtidos a verba foi utilizada para expedições na Ásia central que possuíam um retorno econômico certo. (KROPOTKIN, 1946: 226)

Apesar da negativa a expedição ártica, Kropotkin seguia trabalhando em suas pesquisas sobre glaciação e orografia, e no verão de 1871, partiu para a Finlândia e para a Suécia com o intuito de coletar informações sobre os depósitos glaciais e sobre os “esker”[20] da Finlândia. A expedição era composta por Piotr e pelos geólogos General Hemersen e Friedrich Schmidt e durou cerca de seis meses, permitindo aos pesquisadores realizarem grandes descobertas e longos momentos de reflexão.

As pesquisas na península escandinava se iniciaram com a coleta e estudo de dados levantados nos museus e nas publicações científicas. Os autores consultados iam desde pesquisadores russos como Alexander Voiekov, Grigorii Helmersen e Stepan Kutorga à pesquisadores europeus e americanos como William Hopkins, Charles Lyell, John Tyndall, Edward Forbes e outros. As observações que Piotr já havia feito na Rússia e os dados recém confrontados lhe convenceram de que a glaciação havia alcançado uma grande extensão no hemisfério norte. Esse estudo foi publicado posteriormente com o título *Researches on the Glacial Period* (Pesquisas sobre o Período Glacial) nas Memórias da Sociedade Geográfica Russa. (IVANOVA, 2008: 121)

Os dados das pesquisas glaciais resultaram em uma publicação em dois volumes. O primeiro contava com 828 páginas, 100 mapas, desenhos e perfis topográficos e apresentava em seus 16 capítulos seu trajeto pelas terras finlandesas e suecas e descrevia as estruturas rochosas e a influência da ação dos gelos. (IVANOVA, 2008: 122)

Ao longo da viagem os exploradores levantavam diversas hipóteses sobre a ação erosiva dos gelos sobre as colinas de granito. Helmersen, influenciado pelas teorias de Lyell acreditava que a erosão e as marcas nas colinas de granito haviam sido provocadas pela ação das águas, já Kropotkin e Schmidt consideravam que as rochas de granito só

20 “Estrutura das compridas filas de pedras.” (KROPOTKIN, 1946: 226)

poderiam ter sido arrastadas por uma enorme massa de gelo, que se movia lentamente sobre as terras e que deixava ranhuras nas rochas por onde se estendia a massa de gelo. (IVANOVA, 2008: 122)

As constatações da glaciação e deste movimento de massa de gelo começaram a aparecer ao longo de todo o território sueco e finlandês. Kropotkin realizou diversos desenhos e perfis topográficos para representar suas observações.

Figura 9: Desenho de Kropotkin do cume do monte Uveskul com detritos glaciais. (IVANOVA, 2008: 125)

A observação dos detritos glaciais, suas formas arredondadas, suas origens e sua disposição física eram evidências de que não havia sido a ação das águas que provocaram aquelas características mas sim um enorme movimento de massa de gelo que permitiu tal ação. No estudo desse fenômeno Kropotkin desenvolveu um conceito original da dinâmica do manto de gelo, segundo o qual uma enorme massa de gelo, sob enorme pressão se desloca sobre a superfície arrastando rochas e moldando o relevo.

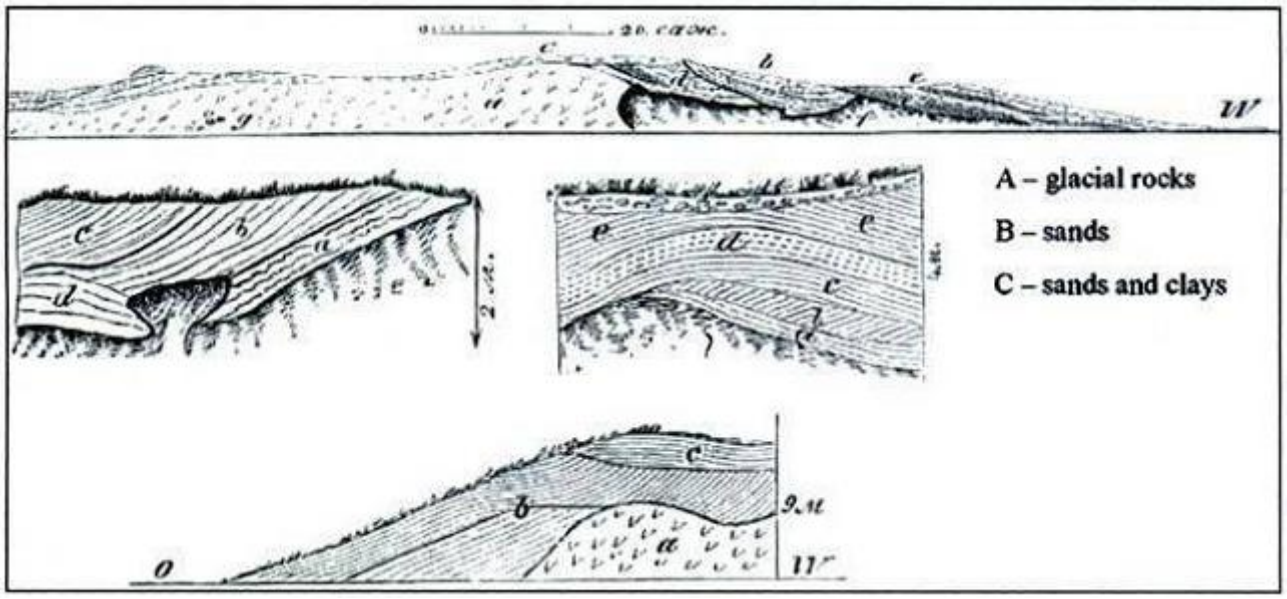


Figura 10: Perfil topográfico de Uppsala feito por Kropotkin. *Topo:* perfil geral (leste/oeste), onde *a)* detritos glaciais; *b)* areia e cascalho; *c)* seixos; *d)* areia, cascalho e lodo; *e)* camada de argila; *f)* talude; *g)* pedregulhos. *Centro-esquerda:* perfil topográfico da camada superior. *a)* areia cinza arredondadas; *b)* areia esverdeada; *c)* areia lamacenta marrom; *d)* areia cinza; *e)* talude. *Centro-direita:* parte leste vista do norte. *a)* areia cinza com marcas arredondadas; *b) c) e)* camada fina de areia; *d)* areia áspera; *f)* seixos finos. *Baixo:* parte leste vista do norte. *a)* detritos glaciais; *b)* areia e cascalho; *c)* areia e argila. (IVANOVA, 2008: 124)

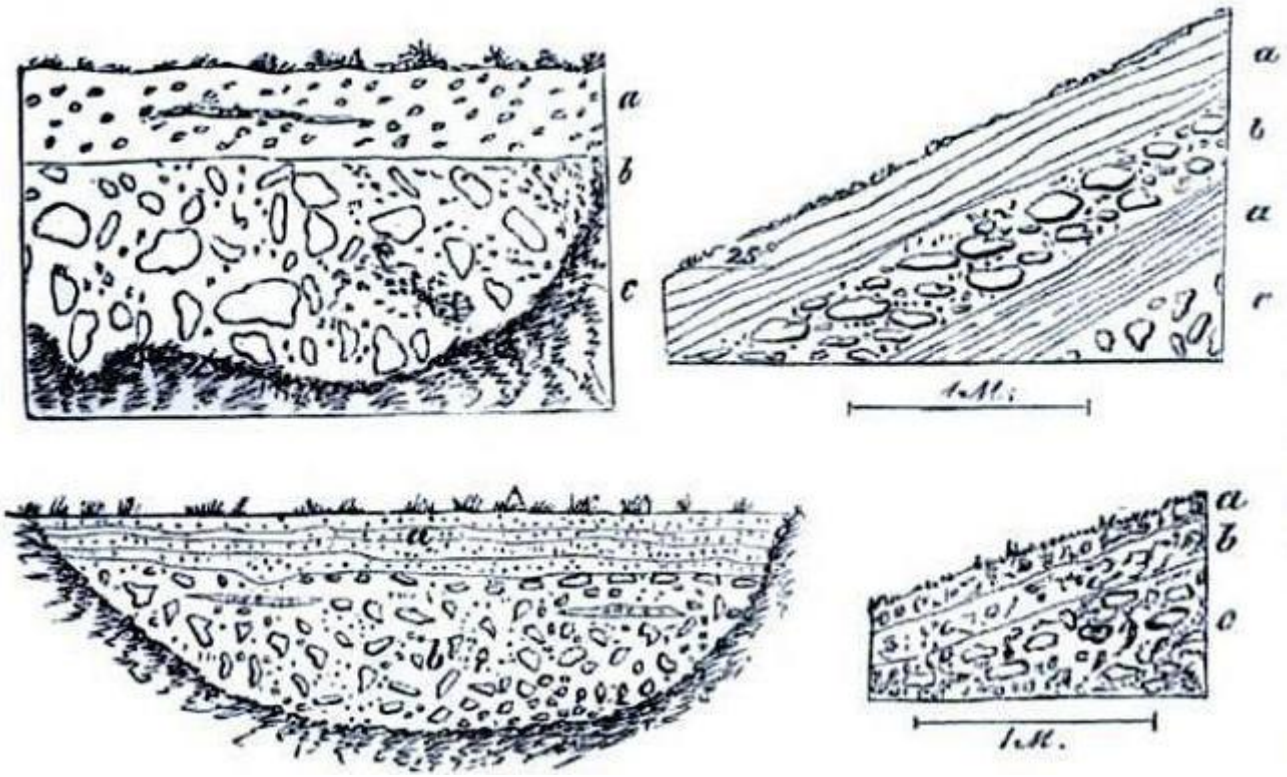


Figura 11: Estrutura rochosa desenhada por Kropotkin. *Topo-esquerda: a)* seixos; *b)* detritos glaciais; *c)* talude. *Topo-direita: a)* finos e amarelos detritos glaciais; *b)* detritos glaciais com seixos; *c)* detritos glaciais. *Baixo-esquerda: a)* estrato de areia com pequenos seixos; *b)* típico detrito glacial amarelo. *Baixo-direita:* camadas inclinadas sobre o talude. *a)* areia; *b)* seixos com areia; *c)* detritos glaciais. (IVANOVA, 2008: 125)

Figura 12: Desenho de Kropotkin de uma morena próxima a Korpilaksa. (IVANOVA, 2008: 126)

Figura 13: Desenho de Kropotkin das ranhuras deixada nas rochas pela ação do gelo.[21]

21 Imagem disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Krapotkin,_drawing.jpg (acessada 17/10/2009)

Se algumas de suas teorias ainda servem de base para os estudos recentes, outras já foram abandonadas. Kropotkin acreditava que haviam ocorridos algumas glaciações, o que não é aceito atualmente, apesar disso, seus estudos apontaram que a maior atividade glacial havia ocorrido durante o Pleistoceno, conforme apresentou em seus relatórios. (IVANOVA, 2008: 127)

As expedições e descobertas científicas ocupavam grande parte do tempo de Kropotkin na Escandinávia e lhe renderam o convite para assumir o cargo de Secretário da Sociedade Geográfica Russa. Piotr tinha a consciência de que assumindo o cargo de Secretário poderia enfim aprofundar seus estudos sobre a flora e fauna russa que tanto lhe interessavam, contudo, as questões sociais que afloravam na região escandinava lhe remetiam as condições vividas pelos camponeses russos. O mal estar e o sentimento de incapacidade lhe angustiavam e fizeram com que colocasse em cheque a sua própria condição de explorador.

> A ciência é uma excelente coisa. Conheço as alegrias que ela proporciona e as aprecio talvez mais do que qualquer dos meus colegas. Mesmo nessa época, visitando os lagos e colinas da Finlândia, novas e belas teorias científicas surgiam no meu espírito. Via, num passado longínquo, no princípio da humanidade, os gelos que se acumulavam todos os anos nos arquipélagos do norte, sobre a Escandinávia e a Finlândia. A grande invasão de gelo estendia-se pelo norte da Europa e progredia lentamente até as regiões centrais. A vida desaparecia nessa parte do hemisfério boreal, e fugia miserável, incerta, sempre para o sul, sob o vento glacial que vinha dessa imensa massa congelada. O homem – desgraçado, fraco e ignorante – sofria todas as penas imagináveis para prolongar a sua existência precária. Os séculos passaram; o gelo começou a derreter-se e veio então o período lacustre, em que lagos inumeráveis se formaram nas depressões, e em que uma vegetação pobre, subpolar, começou a invadir timidamente os pântanos insondáveis que se formavam em volta dos lagos. Entretanto, uma série de séculos decorreu e começou depois um período de dessecação, muito lenta, e a vegetação se estendeu pouco a pouco do sul para o norte. Agora, estamos em pleno período de dessecação rápida, acompanhada de formação de pastagens secas e de estepes, e é preciso que o homem descubra os meios de impedir o progresso dessa dessecação, de que já foi vítima a Ásia central e que ameaça o sudeste da Europa.
>
> Era então uma grave heresia crer que um lenços de gelo tivesse invadido a Europa central. Um quadro grandioso se desenhava aos meus olhos e eu desejava descrevê-lo com os milhares de detalhes que observava; queria servir-me dele como de uma chave para explicar a distribuição atual da flora e da fauna; desejava abrir novos horizontes à geologia e à geografia física.
>
> Mas que direito tinha eu a essas alegrias tão nobres, quando em torno de mim via apenas miséria, luta por um pedaço de pão bolorento? Tudo que dependesse para poder viver nesse mundo de emoções delicadas seria, inevitavelmente arrancado à boca dos homens que semeavam e colhiam o trigo sem ter um pedaço de pão para dar aos filhos. Isso devia custar a subsistência de alguém, porque a produção total da humanidade é ainda muito pequena.
>
> O saber é uma força imensa. É preciso que o homem adquira conhecimentos. Mas, nós já sabemos muita coisa! O que aconteceria se esses conhecimentos – somente esses conhecimentos – se tornassem um bem comum a todos? Se assim fosse, a ciência caminharia aos saltos e a humanidade avançaria a passo de gigante no domínio da produção, da invenção e da criação social, com uma rapidez que hoje mal podemos imaginar.

> As massas tem necessidade de instrução. Elas querem aprender, “podem” aprender. Lá ao longe, no alto daquela crista, nas rochas que serpeiam entre o lagos, como se gigantes tivessem apressadamente amontoado os blocos para unir as duas costas, está um camponês, um finlandês absorvido na contemplação dos admiráveis lagos semeados de ilhas, que se estendem à sua frente. Nenhum camponês fosse ele o mais pobre, o mais infeliz, passaria por ali sem se deter para admirar a paisagem. Adiante, na margem de um lago, outro camponês canta uma canção tão bela que o melhor músico lhe invejaria a melodia, pelo sentimento profundo e pela fantasia que dela se desprende. Ambos sentem profundamente, meditam e pensam; estão preparados para aumentar os seus conhecimentos: mas é preciso que não sejam impedidos de fazê-lo, que se lhes dêem os meios e o tempo! Essa é a direção em que devo agir, são esses os homens pelos quais devo trabalhar. Todos os discursos sonoros em que se fala em fazer progredir a humanidade enquanto os autores de tais projetos se conservam afastados daqueles aos quais pretendem ajudar, todas essas frases são puros sofismas criados por espíritos desejosos de escapar a uma contradição irritante.
>
> Eis aí os motivos por que enviei à Sociedade de Geografia a minha resposta negativa. (KROPOTKIN, 1946: 229-231)

A negativa de Kropotkin ao convite da Sociedade Geográfica não o afastou das atividades científicas e nos meses que se sucederam redigiu os relatórios das expedições escandinavas. Juntamente as atividades científicas, Kropotkin começo a se interessar pelos projetos de educação popular que estavam sendo desenvolvidos por alguns grupos em Petersburgo. (KROPOTKIN, 1946: 246)

O ano de 1871 seria marcado ainda pela morte de seu pai. Alexei Petrovich Kropotkin já havia anos que estava enfermo e sua condição econômica não apresentava mais a pompa das décadas anteriores. As indenizações pagas pelos servos aos senhores no momento de sua emancipação foram rapidamente consumidas e a cada dia a decadência das famílias nobres se mostrava mais explícita. (KROPOTKIN, 1946: 252)

Kropotkin em nada sentia a decadência da família, cada dia que passava se convencia de que a estrutura social da qual sua família havia se beneficiado ao longo de gerações causava tanto mal a sociedade que deveria encontrar seu fim.

Os anos de 1872 e 1873 foram decisivos na vida de Kropotkin, a rotina dos estudos geográficos foi rompida na primavera de 1872 quando realizou sua primeira viagem à Europa ocidental. A viagem a Alemanha e a Suíça foi marcada pelo contato com os estudantes e exilados russos e pela militância política. A algum tempo a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) já era conhecida por Kropotkin, que tomara contato com seus princípios através de alguns jornais radicais russos. Aproveitando sua passagem pela Suíça não tardou em buscar mais informações sobre o movimento dos trabalhadores que ocorria por lá. (KROPOTKIN, 1946: 257)

O contato com os trabalhadores e o entusiasmo frente a grande movimentação que ocorria na Suíça envolviam e consumiam cada vez mais o tempo de Kropotkin. Durante meses se dedicou a leitura de todas as publicações feitas pelos trabalhadores e buscou

se envolver diretamente na vida operária. Os sacrifícios realizados pelos trabalhadores, que poupavam cada centavo, a fim de garantir a existência dos grupos, dos jornais e dos congressos impressionavam o jovem Kropotkin que até então não havia vivenciado uma dedicação tão intensa a um ideal. (WOODCOCK, 1978: 110)

Os rumos daquela viagem o levaram ainda naquele ano a cidade de Neuchâtel. Ao chegar a cidade Kropotkin buscou trabalho na tipografia do jornal local, dirigida por James Guillaume, onde trabalhou por alguns dias. Ao longo desses dias de trabalho na tipografia Piotr tomou contato com muitos ex-*communards* que se encontravam refugiados na Suíça após a Comuna de Paris. Os ex-combatentes contavam da repressão que haviam sofrido a pouco e relatavam como haviam sido os 72 dias da Comuna.

Guillaume observando o entusiasmo do jovem russo lhe sugeriu visitar a cidade de Sonvilliers, localizada num vale das montanhas do Jura, que trabalhava exclusivamente com relojoaria e havia adotado uma forma de organização política federalistas a partir das ideias de Bakunin, que havia passado havia poucos meses pelas montanhas do Jura. (WOODCOCK, 1978: 116)

> A exposição teórica da Anarquia, tal como era apresentada então pela Federação Jurassiana, e sobretudo por Bakunin, a critica do socialismo de Estado, o receio de um despotismo econômico, muito mais perigoso que o simples despotismo político, – que ouvi formular ali, e o caráter revolucionário do movimento, atraíram fortemente a minha atenção. Mas os princípios igualitários que eu encontrava nas montanhas do Jura, a independência de pensamento e de linguagem que eu via em desenvolvimento entre os operários e a sua absoluta dedicação à causa do partido, tudo isso exercia sobre os meus sentimentos uma influência cada vez mais forte; quando deixei aquelas montanhas, depois de alguns dias de permanência entre os relojoeiros, minhas opiniões sobre o socialismo se haviam firmado. Eu era anarquista. (KROPOTKIN, 1946: 273)

O retorno a fria Petersburgo não apagou a chama que havia sido acesa nas montanhas do Jura. Ainda no caminho de volta da Suíça, Kropotkin começou a pensar em como faria para introduzir livros e panfletos proibidos na Rússia. Tomou contato com alguns comerciantes e acertou os detalhes do envio dos materiais, que teriam que ser trazidos ilegalmente pela fronteira. (KROPOTKIN, 1946: 279)

A atividade de contrabando de livros e panfletos se tornava mais importante a medida que o envolvimento político de Kropotkin crescia. Naquela época a juventude russa questionava intensamente os valores da sociedade construídos sobre uma lógica de relação servil. Se a servidão havia sido abolida em 1861, as marcas dela permaneciam latentes na sociedade uma década depois. Grupos de jovens, organizados em círculos, se reunião para discutir os problemas sociais e suas ações, questionavam a escravidão doméstica, o desprezo pelas individualidades, a intransigência dos pais e a submissão

das mulheres. Estas questões que estavam no âmbito dos valores sociais não eram regidas por leis, isso fez com que alguns desses círculos adotassem ações diretas para transformar essas relações. (WOODCOCK, 1978: 121)

Neste contexto surgiram os grupos niilistas na Rússia, que buscavam combater as mentiras convencionais que estavam presentes na sociedade e assumiam uma posição de intransigência e rispidez a fim de deixar muito claro o que sentia e o que achavam de cada relação ou pessoa. Adotavam um pensamento positivista com o intuito de poder por a prova qualquer instituição ou hábito social.

> Em toda cidade russa, em todo bairro de Petersburgo, constituíam-se pequenos grupos de rapazes para se desenvolverem e se instruírem mutuamente. As obras dos filósofos, os escritos dos economistas, as pesquisas da nova escola histórica russa, eram lidos nesses círculos, e essas leituras provocavam discussões sem fim. O objetivo de todas elas era chegar à solução da questão que dominava todas as outras: como poderiam os moços tornar-se úteis às massas? Pouco a pouco chegaram à convicção de que o único meio de o fazer seria estabelecer-se entre a gente do povo, vivendo a sua vida. Muitos rapazes foram para as aldeias, onde se fixaram como médicos, enfermeiros, professores, escreventes e até mesmo agricultores, serralheiros, lenhadores, etc., e trataram de viver em contato íntimo com os camponeses. As moças tiravam diploma de professoras, aprendiam a profissão de parteira e enfermeira e dirigiam-se às centenas para as aldeias, dedicando-se de corpo e alma à parte pobre da população.
>
> Iam mesmo sem ter qualquer ideal de reconstituição social ou qualquer pensamento revolucionário, mas simplesmente para ensinar a ler à massa dos camponeses, para instruí-los, prestar-lhes assistência médica ou ajudá-los de qualquer forma a sair das trevas da ignorância e da miséria, e ao mesmo tempo, para aprender, por meio da convivência com a massa popular, quais as suas idéias sobre uma melhor vida social.
>
> Ao voltar da Suíça encontrei esse movimento no seu auge. (KROPOTKIN, 1946: 286-287)

Havia em Petersburgo um círculo de estudos, formado por jovens russos, chamado círculo de Tchaikovsky, que havia se formado poucos anos antes e contava com cerca de vinte pessoas. Ao retornar a cidade, Kropotkin recebeu o convite para participar desse grupo fechado e em pouco tempo a atividade principal do grupo deixou de ser a dedicação aos estudos e se tornou um grupo de divulgação de escritos políticos proibidos, principalmente de textos socialistas. (KROPOTKIN, 1946: 290)

Ao longo dos dois anos que atuou no círculo de Tchaikovsky, Kropotkin conciliou o trabalho de propaganda política, proferindo discursos e escrevendo panfletos com o pseudônimo de Borodine, com os relatórios à Sociedade Geográfica Russa. O relatório da expedição escandinava e o estudo detalhado da orografia da Rússia lhe tomavam todo o tempo livre, em 1873, vendo que não conseguiria concluir tão rapidamente os estudos sobre a estrutura montanhosa da Rússia oriental, Kropotkin limitou-se a preparar um

mapa detalhado da estrutura orográfica da Rússia e fazer um sumário explicativo[22].

O início de 1874 marcou decisivamente a vida de Piotr. A repressão aos movimentos “para o povo” realizada pelo Estado crescia vertiginosamente e o círculo de Tchaikovsky diminuía a cada dia uma vez que seus membros começavam a ser presos. Em pouco tempo o círculo passou de vinte pessoas para apenas duas – uma delas Kropotkin. (WOODCOCK, 1978: 129)

Apesar de saber que o cerco se fechava a sua volta, Kropotkin acabara de preparar seus relatórios sobre a expedição escandinava que havia realizado dois anos antes e se comprometera a apresentar o trabalho em uma sessão da Sociedade de Geografia. (KROPOTKIN, 1946: 315)

> Terminara justamente o meu relatório sobre as formações glaciais na Finlândia e na Rússia e esse relatório tinha de ser lido numa sessão da Sociedade de Geografia. Os convites já haviam sido distribuídos, mas aconteceu que no dia marcado, as duas sociedades de Geologia de Petersburgo deviam realizar uma reunião geral e pediram à Sociedade de Geografia que adiasse para a semana seguinte a leitura do meu relatório. Sabia-se que eu ia apresentar certas opiniões sobre a extensão da formação glacial até a Rússia Central e os nossos geólogos com exceção do meu amigo e mestre, Friedrich Smith, consideravam-nas exageradas e desejavam submetê-las a uma discussão aprofundada. Tive pois de ficar mais uma semana.
>
> Pessoas estranhas rondavam então a minha casa, onde se apresentavam sob toda espécie de pretextos: um queria comprar um bosque da minha propriedade de Tambov, que na verdade tinha apenas prados, completamente desprovidos de árvores. Notei na minha rua – a elegante Morskaia – um dos dois tecelões detidos, dos quais já falei. Compreendi pois que minha casa estava sendo vigiada. Contudo, era necessário agir como se nada de extraordinário tivesse acontecido, uma vez que devia comparecer à reunião da Sociedade de Geografia, na sexta-feira seguinte.
>
> Chegou o dia da sessão. O debate foi muito animado e pelo menos um ponto ficou decidido. Reconheceu-se que todas as velhas teorias relativas ao período diluviano na Rússia eram absolutamente sem fundamento e que o problema tinha de ser estudado de novo. Tive a satisfação de ouvir o nosso venerável geólogo Barbot-de-Marny dizer o seguinte: “Formação glacial ou não, temos de reconhecer, meus senhores, que tudo o que até hoje se tem dito sobre a ação dos gelos flutuantes não assenta atualmente sobre nenhuma base séria.” E nessa reunião ofereceram-me a presidência da seção de geografia física, enquanto eu pensava que talvez fosse passar a noite na prisão da Terceira Seção.
>
> Teria feito melhor se não tivesse voltado ao meu apartamento, porém como estivesse cansadíssimo após os trabalhos dos últimos dias, fui para casa. Nessa noite não recebi visita da polícia. Revi todos os meus papéis, destruí tudo o que pudesse comprometer alguém, fiz a minha bagagem e preparei-me para partir. Sabia que meu apartamento era vigiado, mas esperava que a polícia viesse apenas tarde da noite e que eu pudesse escapar, protegido pela escuridão, saindo de casa sem ser notado. Anoiteceu, e eu ia sair, quando uma das nossas criadas observou: “Seria melhor o senhor passar pela escada de serviço.” Compreendi o que ela queria dizer; desci apressadamente e saí de casa. Na porta havia um único fiacre. Entrei nele rapidamente. O cocheiro dirigiu-se para a Perspectiva Nevsky. A princípio não me seguiram e julguei-me salvo: mas logo percebi que outro carro nos seguia a toda velocidade; o nosso cavalo atrasou-se não sei como e o outro fiacre – descoberto como todos os fiacres de Petersburgo – conseguiu alcançar-nos.

22 Ver mapa 2 Orographical Map of Asia (Mapa Orográfico da Ásia) p. 53.

> Com grande espanto meu, vi um dos dois tecelões presos, em companhia de outra pessoa. Fez-me um sinal com a mão, como se quisesse falar. Eu disse ao cocheiro que parasse. “Quem sabe se ele foi posto em liberdade e tem alguma comunicação importante a fazer-me?” pensei. Mas apenas a carruagem parou o homem que se encontrava sentado ao lado do tecelão e que era um agente de polícia, gritou: “Senhor Borodine – Príncipe Kropotkin, está preso!” Fez um sinal aos agentes que formigavam naquela grande artéria de Petersburgo saltando ao mesmo tempo para a minha carruagem, mostrando-me um documento com selo da polícia secreta de Petersburgo. “Tenho ordens para levá-lo à presença do Governador Geral, a fim de prestar esclarecimentos.” Qualquer resistência teria sido inútil – já alguns agentes de polícia nos rodeavam – e ordenei ao meu cocheiro que voltasse e nos levasse à casa do Governador Geral. (KROPOTKIN, 1946: 315-316)

OROGRAPHICAL MAP OF ASIA.
By
P. KROPOTKIN.
Scale of Miles.
Nat. Scale 1:30,000,000 or 474 miles = 1 inch.
Reference.
Plateau Lower Terrace 2500 - 3500 ft.
" Higher Terrace 3000 - 5000 "
" Highest Terrace 10000 - 16000 "
Alpine Zone
High Plains, 1000 - 2500 ft.
Lowlands, below 500 ft.
Border - ranges of the plateaus
Chains or mountains having their foot on the plateau
"Trenches" leading to the level of the plateau
Modified Conical Equal Area (Bonnes) projection.
Published by the Royal Geographical Society.
THE GEOGRAPHICAL JOURNAL 1903.

Ato VI: A vida no exílio e a produção científica

O relatório da minha última expedição estava no prelo; mas um grande problema começou a preocupar-me então. Minhas viagens à Sibéria me haviam convencido de que as montanhas representadas nos mapas da Ásia setentrional, naquela época, não davam nenhuma idéia da estrutura da região. Os cartógrafos de então nem ao menos suspeitavam dos grandes planaltos que são o traço característico da Ásia. Nos escritórios de topografia, em vez desses planaltos, representavam, contrariando as indicações e até mesmo os desenhos de grandes exploradores como L. Schwartz, grandes cadeias de montanhas, tais como, por exemplo, a parte oriental dos montes Stanovoi, que apareciam nos mapas como uma lagarta rastejando rumo a leste. Tais cadeias de montanha não existem. As nascentes do rio que se dirigem para o Oceano Ártico de um lado e o Pacífico, do outro, são todas situadas na superfície de um grande planalto. Esses cursos dágua nascem nos mesmos pântanos. Mas na imaginação dos topógrafos europeus, as mais altas cadeias deviam seguir as principais linhas divisórias das águas e eles desenharam gigantescos Alpes, dos quais na realidade não se encontra o menor sinal. Foram assim representados em todas as direções, nos mapas da Ásia setentrional, muitas montanhas imaginárias.

A minha atenção foi pois absorvida, durante alguns anos pela investigação das linhas principais da estrutura da Ásia setentrional e da harmonia que a orografia asiática deixa adivinhar. Durante muito tempo os mapas antigos e até mesmo as teorias de Alexandre de Humboldt – o qual, após um estudo detalhado das nascentes chinesas vira a Ásia coberta por uma rede de montanhas seguindo os meridianos e paralelos, – dificultaram-me as investigações até que, por fim, reconheci que as próprias teorias de Humboldt, embora tivessem sido para os geógrafos um estimulo formidável, estavam em completo desacordo com os fatos.

Começando então pelo princípio recorri ao método puramente indutivo: recolhi todas as observações barométricas dos viajantes que me haviam precedido, e, com o auxílio desses dados, fiz o cálculo de centenas de altitudes. Num mapa em grande escala, marcava eu todas as observações geológicas e físicas que haviam sido feitas por diferentes viajantes – fatos e não hipóteses – e tentava descobrir as linhas de estrutura que melhor correspondessem aos fatos observados. Esse trabalho preparatório exigiu mais de dois anos. Seguiram-se meses de intensa reflexão, a fim de orientar-me nesse caos de observações isoladas. Afinal, repentinamente, tudo me apareceu claro e compreensível, como se tivesse sido iluminado por um jato de luz.

As linhas principais da estrutura da Ásia não se dirigiam para o norte, nem para o sul nem para o oeste, mas sim do sudoeste para o nordeste – da mesma forma que nas Montanhas Rochosas e planaltos da América, dirigem-se elas do nordeste para o sudeste; apenas as cadeias secundárias se dirigem para o nordeste. Além disso, as montanhas da Ásia não são cadeias de montanhas independentes, como os Alpes: elas se ligam a um plano imenso, antigo continente cuja ponta era voltada para o estreito de Behring. Altas cordilheiras formaram-se no rebordo desse continente e com o decorrer dos tempos, emergiram do oceano terraplenos formados por sedimentos mais recentes, aumentando assim a largura dessa aresta primitiva da Ásia.

Na vida humana não há muitas alegrias que se possam comparar a essa de ver nascer de repente uma teoria que ilumina o espírito, depois de um longo período de pacientes pesquisas. O que durante anos parecia tão caótico, tão contraditório e problemático, se ajusta repentinamente num conjunto harmonioso. Da confusão espantosa dos fatos, do nevoeiro de hipóteses, – nem bem nascidas e já destruídas – surge um quadro imponente como se fosse uma cordilheira alpina emergindo de repente, em toda sua magnificência, das névoas que um momento antes a envolviam brilhantes aos raios do sol, em toda sua simplicidade e variedade, em toda a sua força e beleza. E quando é submetida à prova e aplicada a centenas de fatos isolados que pareciam havia pouco irremediavelmente contraditórios, essa teoria coloca cada um desses fatos no lugar que lhe é próprio, aumentando assim o efeito produzido pelo quadro,

> acentuando aqui alguma linha característica, juntando acolá um detalhe imprevisto porém importante. A teoria se consolida e se desenvolve; os seus fundamentos alargam-se, afirmam-se e ao longe, através das brumas do horizonte longínquo, o olhar adivinha os contornos de novas teorias ainda mais vastas.
>
> Quem já sentiu uma vez na vida a alegria da criação científica nunca mais a esquece; tão cedo não tornará a senti-la e sofrerá, à idéia de que essa espécie de felicidade pertence a um número bem pequeno de homens, quando tantos poderiam ter aí a sua parte, maior ou menor – se os métodos científicos e as oportunidades não fossem o privilégio de um grupo de homens.
>
> É esse trabalho que considero minha maior contribuição para a ciência. Minha primeira intenção fora escrever um livro onde a exposição das novas ideias sobre as montanhas e planícies da Ásia setentrional seria apoiada no exame pormenorizado de cada região. Em 1873, porém, quando percebi que não tardaria a ser preso, contentei-me com preparar um mapa, de acordo com o meu ponto de vista e em fazer um sumário explicativo. O mapa e o sumário foram publicados pela Sociedade Geográfica, sob a direção de meu irmão, quando eu já me encontrava encarcerado na fortaleza de S. Pedro e S. Paulo. Petermann, que preparava então um mapa da Ásia, tendo tido conhecimento do meu trabalho preliminar, adotou o meu sistema, que foi depois aceito pela maioria dos cartógrafos. O mapa da Ásia, tal como é compreendido hoje, explica, segundo creio, os principais traços físicos do grande continente, bem como a distribuição dos climas, fauna e flora e mesmo a sua história. Revela também, segundo pude constatar durante a minha última viagem à América, analogias evidentes entre a estrutura e evolução geológica dos dois continentes do hemisfério boreal. Poucos cartógrafos saberiam hoje dizer de onde vieram todas essas mudanças no mapa da Ásia; mas, na ciência, mais vale que as idéias novas abram caminho, independente do nome que lhes está ligado. Os erros inevitáveis numa primeira teoria tornaram-se assim mais fáceis de corrigir. (KROPOTKIN, 1946: 217-220)

A prisão no início de 1874 na fortaleza de Pedro e Paulo interrompia abruptamente a vida de Kropotkin. Acostumado a uma intensa atividade científica e política que desempenhara nos anos anteriores Kropotkin se viu preso em um minúscula cela solitária, escura e úmida, sem perspectiva de ser colocado em liberdade. A política de Estado russo era demasiado severa para com os revolucionários e o caso de Kropotkin se agravava uma vez que ele era uma ameaça por conhecer profundamente toda a estrutura interna do Estado e todos os esquemas de segurança que envolviam a pessoa do Czar. (KROPOTKIN, 1946: 319)

A permanência na prisão ficou mais amena no momento em que lhe foi permitido dar continuidade aos seus relatórios sobre suas expedições para a Sociedade Geográfica. Era do desejo de todos na Sociedade que Kropotkin concluísse os estudos sobre o período glacial, lhe foi permitido então ter acesso a biblioteca da Academia de Ciências e sua rotina na prisão se alterou drasticamente. Kropotkin passava os dias cercado de livros e mapas e ao longo de um ano conseguiu publicar seus estudos nas Memórias da Sociedade de Geografia, graças ao auxílio de seu irmão Alexander e de seu amigo Polakov. (KROPOTKIN, 1946: 332)

Conforme passavam os dias na solitária da prisão o ânimo de Piotr diminuía e sua saúde ficava cada vez mais debilitada. Os exercícios físicos matinais e os trabalhos

científicos não eram o suficientes para elevar seu espírito e garantir sua saúde e aos poucos o frio, a solidão e a doença se apoderaram de seu corpo e os sinais de fraqueza eram cada vez mais evidentes. Debilitado, Kropotkin recebeu a visita do médico da prisão que constatou a pouca quantidade de oxigênio no seu sangue, as causas da doença estavam relacionadas a pouca atividade física que realizava, a péssima qualidade do ar da fortaleza e a pequena exposição ao sol. O médico então lhe recomendou a transferência para o Hospital Militar de Petersburgo, onde teria mais espaço e em breve retomaria sua saúde. (WOODCOCK, 1978: 133)

Após dois anos de prisão na fortaleza de Pedro e Paulo, Kropotkin foi transferido para o Hospital Militar. As condições no hospital eram muito favoráveis a sua saúde: a grande janela que iluminava e ventilava sua cela; o ambiente arborizado; e o grande pátio onde praticava exercícios trouxe-lhe logo a saúde de volta.

Com a saúde perfeita Piotr se pôs a trabalhar em seus dois objetivos, o primeiro consistia em terminar a segunda parte do relatório de sua expedições para a Sociedade de Geografia e o segundo consistia em planejar sua fuga da prisão. O plano de fuga foi rapidamente articulado, o enorme pátio do hospital dava acesso direto para a rua e era mal vigiado, suas correspondências não eram vistoriadas e a partir destas condições começou a tratar com os amigos do círculo de Tchaikovsky sua fuga.

> Nosso círculo encarregou-se do negócio; pessoas que não me conheciam entraram na conspiração, como se se tratasse de salvar um irmão muito querido. Entretanto, o empreendimento apresentava muitas dificuldades e o tempo passava com uma rapidez assustadora. Eu trabalhava muito, escrevia durante uma parte da noite, mas apesar disso a minha saúde melhorava com uma rapidez que me afligia. Quando saí para o pátio a primeira vez, mal podia arrastar-me a passo de tartaruga, pelo atalho na grama; agora sentia força suficiente para correr. Naturalmente, continuava a andar com o meu passo de tartaruga, a fim de que não suspendessem os passeios; contudo, minha vivacidade natural podia trair-me a cada instante. Ao mesmo tempo, meus camaradas deviam arranjar mais de vinte pessoas para levar o plano a efeito; era preciso encontrar um cavalo, um cocheiro experiente, e regularizar uma infinidade de detalhes imprevistos, que sempre surgem em conspirações desse gênero. Os preparativos duraram cerca de um mês e a cada momento eu podia ser reconduzido à Casa de Detenção. (KROPOTKIN, 1946: 348)

A fuga ocorreu nos dias que se seguiram. Uma bem sincronizada operação permitiu que Kropotkin atravessasse o pátio principal correndo, chegasse até o portão e entrasse em uma carruagem que lhe esperava na rua. No momento da fuga os guardas tentaram lhe impedir, mas assim que o fugitivo adentrou na charrete e partiu por entre as ruas próximas ao hospital não sobraram vestígios da fuga. (KROPOTKIN, 1946: 353)

Sequencia da Fuga de Kropotkin da prisão:

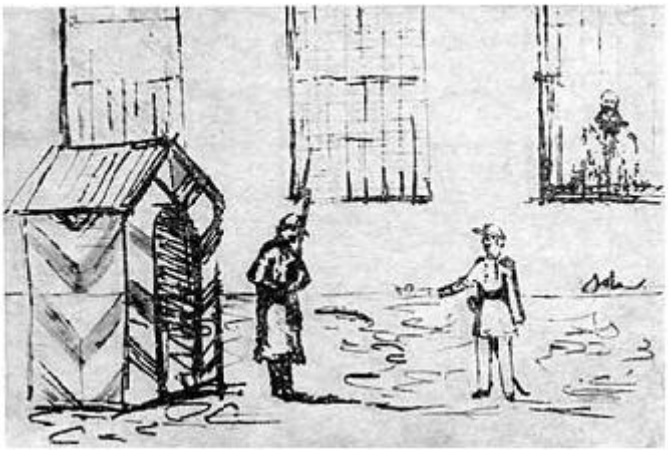


Figura 14: Desenho de Kropotkin do plano de evasão. Aguardando o primeiro sinal. (PLANCHE, 1948)

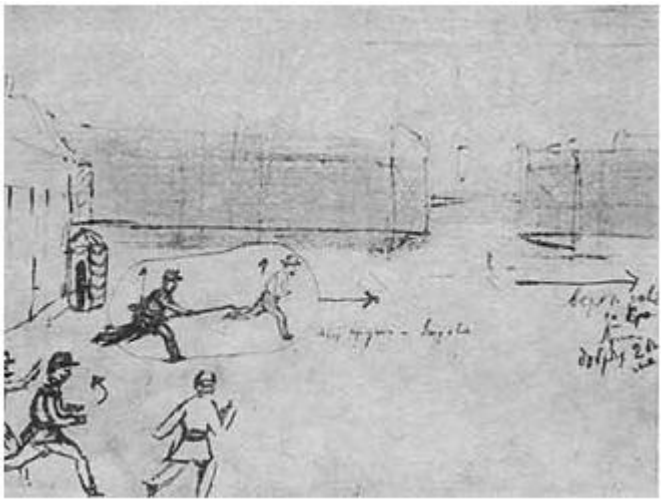


Figura 15: Desenho de Kropotkin do plano de evasão. Travessia do pátio principal. (PLANCHE, 1948)

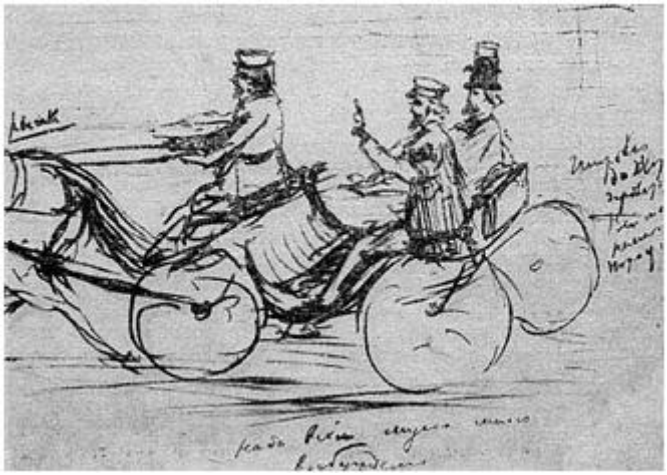


Figura 16: Desenho de Kropotkin do plano de evasão. Fuga de charrete. (PLANCHE, 1948)

A fuga da prisão selava o destino de Kropotkin. A condição de fugitivo não lhe permitiria voltar a Rússia em um período tão breve. A saída se deu pela península escandinava, que tão bem conhecera nos últimos anos e de lá pegou um navio que o levaria a Inglaterra.

Os anos que se seguiram marcaram decisivamente a vida de Kropotkin. Aquele jovem revolucionário russo aos poucos foi se tornando um dos principais teóricos do anarquismo mundial. Suas atividades no exílio, contudo, não se limitaram a propaganda política. A necessidade de trabalhar para sobreviver e a vontade de estar entre os trabalhadores fizeram com que nunca abandonasse a intensa rotina de trabalhos que havia iniciado no período em que esteve na Sibéria.

Tão logo chegou na Inglaterra Kropotkin buscou trabalho como tradutor e escritor para as revistas "*Times*" e "*Nature*". Naquela época o editor da revista "*Nature*" era o geógrafo John Scott Keltie, membro da Sociedade Geográfica Real e entusiasta das recentes descobertas geográficas realizadas por Kropotkin na Sibéria oriental. Keltie o convidou para trabalhar na revista "*Nature*", o trabalho demandado era simples, necessitava escrever pequenas notas sobre as recentes publicações científicas russas. O salário semanal era pago mediante a publicação de textos na revista e como as vezes os textos não entravam na edição semanal Kropotkin por vezes passava a semana a pão e chá. (KROPOTKIN, 1946: 360)

A primeira estadia na Inglaterra não duraria muito tempo. A fraca mobilização política encontrada entre os trabalhadores ingleses e os mandatos de prisão expedidos pela polícia francesa ao governo inglês, por conta da pressão do governo russo, motivaram a saída de Kropotkin da Inglaterra em abril de 1878. O destino seria a Suíça, local onde anos antes encontrara a mobilização dos trabalhadores que o havia transformado em anarquista. Seu destino pelos próximos quatro anos seria a cidade de Genebra. (WOODCOCK, 1978: 157)

A estadia em Genebra enfim apresentava um contexto de organização dos trabalhadores que interessava a Kropotkin. O retorno à Federação Jurassiana e o reencontro com velhos amigos, como James Guillaume e Sergey Stepniak, enchiam Kropotkin de entusiasmo. Genebra era naquele momento a capital dos grupos anarquistas e lá Kropotkin conheceu Errico Malatesta, militante italiano, Paul Robin, pedagogo francês, Jean Grave, ativista francês e os irmãos Reclus. Foi também neste ano, por intermédio de Robin, que Piotr conheceu Sofia Ananiev, imigrante siberiana, com quem se casou em 8 de outubro de 1878. (WOODCOCK, 1978: 162)

Os anos que se seguiram na Suíça foram de muito trabalho. Nos primeiros anos

trabalhou ativamente escrevendo textos para o Boletim da Federação Jurassiana e para o jornal anarquista *L´Avant Garde* (A Vanguarda), que foi fechado pelas autoridades suíças em 10 de dezembro.

Em 22 de fevereiro de 1879 Kropotkin fundou o jornal *Le Revolté* em parceria com Jean Grave. O jornal alcançou sucesso imediato e em abril de 1879 tinha 550 assinantes, o que lhes permitiu comprar uma prensa e fundar a "Tipografia Jurassiana". Os textos publicados no *Le Revolté* eram em grande parte escritos por Kropotkin. (WOODCOCK, 1978: 165)

> Devo confessar que tive muitas vezes a fraqueza de invejar os escritores que sabem desenvolver suas ideias em poucas páginas e usar ainda a desculpa bem conhecida de Talleyrand: "Não tive tempo para ser lacônico!"
>
> Quando precisava condensar os resultados de um trabalho de muitos meses – sobre a origem das leis, por exemplo – num folheto de um soldo, tinha de me esforçar muito para chegar a ser bastante conciso. Em compensação, tínhamos o prazer de ver os nossos folhetos de um soldo e de dez cêntimos vendidos aos milhares, e reproduzidos em traduções por todos os países. Meus artigos de fundo foram mais tarde editados por Élisée Reclus, sob o título de "Palavras de um Revoltado". (KROPOTKIN, 1946: 399)

O contato com Élisée Reclus se deu logo em sua chegada a Genebra. Reclus que já conhecia as pesquisas de Kropotkin, não tardou a tratar com ele algumas questões geográficas e lhe introduziu na Sociedade Geográfica Suíça (VIEJO, 2008: 321). Os primeiros encontros com Élisée Reclus se deram em Neuchatel, onde entre outros trabalhos Reclus escrevia um texto para crianças intitulado *L´Avenir de nos enfants* (O porvir de nossos filhos) que foi publicado em 1877 no *La Commune. Almanach socialiste*.

Foi, contudo, outro trabalho realizado por Reclus que Kropotkin tomou parte e teceu alguns comentários. Reclus havia iniciado a pouco uma sequência de palestras juntamente com Joukovski acerca do Oriente onde Joukovski trazia uma perspectiva histórica e Reclus apresentava a leitura geográfica. Estas palestras deram base para o projeto de publicação de dois cadernos intitulados Esboços históricos e Esboços geográficos, que acabaram por não serem publicados. Entretanto, Kropotkin teve acesso ao material que estava sendo produzido e teceu os seguintes comentários:

> No caso de os *Esboços geográficos* sejam publicados, eu propus dividi-los em duas partes diferentes: a) uma geografia física de acordo ao plano de centenas de obras semelhantes alemãs, russas e inglesas, que exponha feitos e, no que concerne a propaganda, no ataque mais do que o relativo a *religião* (origem da terra, as espécies e o homem); esta parte, composta por E. Reclus ou sob sua redação, poderia aparecer em uma editorial burguesa. b) A segunda parte, uma *Geografia social*, trabalho que só pode ser feito e publicado por socialistas. Conteria: uma introdução, um compêndio do desenvolvimento das sociedades, a formação da propriedade, dos municípios livres, dos Estados e do atual Estado monopolizador e explorador; ademais uma geografia, a descrição dos países, seus

> recursos e tesouros naturais, o que sucede hoje com eles e o que destes poderia se fazer mais tarde. Esta parte deveria ser publicada por *nós*.(NETTLAU, 1930, vol.2: 49-50)

Nettlau aponta que esta primeira aproximação entre Reclus e Kropotkin não avançou muito além destas conversas uma vez que Reclus estava profundamente envolvido na redação dos Esboços geográficos, enquanto Kropotkin tomava parte em diversas atividades militantes. Mesmo na militância havia algumas divergências, Reclus escrevia e apoiava o jornal *Travailleur*, de tendência mais moderada, enquanto Kropotkin estava a frente do projeto do *Revolté*, um jornal radical anarquista. (NETTLAU, 1930. vol. 2: 72)

A amizade entre ambos começou a ganhar laços mais fortes em outubro de 1879, com a realização do Congresso do Jura, onde Kropotkin apresentou *A ideia anarquista considerada desde o ponto de vista de sua realização prática*, no qual apontava a questão da comuna coletivista e a necessidade da expropriação em seu mais amplo sentido. Foi nesta circunstância que Reclus escreveu seu primeiro artigo para o *Revolté*, intitulado *Ouvries, prends la machine! Prends la terre, paysan!* (Operário, toma a máquina! Toma a terra, camponês!). (NETTLAU, 1930. vol. 2: 75)

Em 5 de fevereiro de 1880 Reclus apresentou em Genebra uma conferência intitulada Evolução e Revolução, que foi assistida por mais de 400 pessoas. Dois dias depois Kropotkin escrevia no *Le Revolté*: "... lógica convincente, linguagem metafórica e engenhosa, sinceridade – isto possui Reclus". Esta conferência foi prontamente publicada em forma de folheto, no dia 21 do mesmo mês, e serviu como base para o livro Evolução, Revolução e o Ideal anarquista, publicado em 1897. (NETTLAU, 1930. vol. 2: 77)

Foi neste mesmo ano que Kropotkin começou a auxiliar Élisée Reclus em sua volumosa obra *Nouvelle Géographie Universelle* (Novíssima Geografia Universal).

> Reclus convidara-me a auxiliá-lo na preparação do volume da sua monumental geografia, que trata das possessões russas na Ásia. Conhecia a língua russa, mas achava que, como eu estava a par da geografia da Sibéria, lhe poderia ser útil; e como a saúde de minha mulher não era boa e o médico lhe aconselhara a sair imediatamente de Genebra, por causa dos ventos frios, no começo da primavera de 1880 fomos para Clarens, onde morava então Élisée Reclus. Estabelecemo-nos numa pequena aldeia, acima de Clarens, numa casinha de camponeses, donde se avistavam as águas azuis do lago e o cimo coberto de neve do Dente do Sul, ao fundo. (...) Foi ali que, auxiliado por minha mulher, (com quem discutia sempre todos os acontecimentos e todo projeto de artigo, antes de escrevê-lo), produzi a minha melhor colaboração para o "Le Revolté", principalmente o apelo "Aos Jovens", que foi propagado em centenas de milhares de exemplares e traduzido em todas as línguas. Foi ali, na verdade, que lancei os fundamentos de quase tudo que depois escrevi. O que mais falta faz aos escritores anarquistas, a quem a perseguição dispersa pelo mundo inteiro, são as relações com homens instruídos e que compartilhem das suas idéias. Em Clarens eu tinha essas relações na pessoa de Élisée Reclus e de Lefrançais, e além disso, estava em permanente contato com os operários, pois continuava a visitar as seções suíças;

> e embora estivesse muito ocupado com meus trabalhos geográficos, pude cooperar mais que nunca para a propaganda anarquista. (KROPOTKIN, 1946: 399-400)

O trabalho conjunto realizado em Clarens resultou no capítulo *L´Asie Russe* (A Ásia Russa) que compõe o sexto volume da monumental obra *Nouvelle Géographie Universelle* (Novíssima Geografia Universal) de 1881. Reclus, ao final do volume, em suas palavras de agradecimento aos colaboradores, escreve:

> Singularmente o senhor Kropotkin pode chamar suas muitas das páginas deste livro. Ele reanimou minhas recordações através de suas investigações geológicas na Sibéria oriental e na Manchúria, me comunicou suas notas e observações e me informou, coisa que ele pode fazer melhor que qualquer outro, sobre o valor dos diferentes trabalhos em publicações científicas russas. (NETTLAU, 1930. vol. 2: 78)

No ano anterior Reclus havia contado com o apoio de Mikhail Dragomanoff para a redação do quinto volume *L´Europe Scandinave et Russe* (A Europa Escandinava e Russa). Nettlau aponta que Dragomanoff poderia ter sido escolhido por Élisée para auxiliá-lo neste volume por ser um federalista e autonomista ucraniano, o que lhe garantiria críticas a legitimação da expansão territorial da Rússia. (NETTLAU, 1930. vol. 2: 79)

Esta proximidade entre Reclus e Dragomanoff, pode explicar em partes um certo distanciamento entre Élisée e Kropotkin nos anos de 1879-1880, uma vez que Reclus e Dragomanoff estavam muito próximos redigindo o quinto volume e Kropotkin nutria um verdadeiro ódio por Dragomanoff, por conta das criticas que este fazia ao movimento radical russo.

Mal terminara o trabalho nas montanhas de Clarens, Kropotkin foi surpreendido por uma notificação das autoridades suíças que lhe convidavam a se retirar do país. Fazia pouco que o Czar Alexandre II havia sido assassinado por um grupo de niilistas russos e a imprensa pública não tardou em acusar Kropotkin de ser o mentor do atentado. A fim de não criar um mal estar diplomático com a Rússia, as autoridades suíças expediram a notificação e em outubro daquele mesmo ano Kropotkin retornaria mais uma vez a Londres.

Reclus, que estava muito próximo a Kropotkin buscou intervir em seu favor escrevendo para o *Journal de Genève* (Clarens, 9 de abril de 1880) as seguintes palavras:

> o senhor Piotr Kropotkin, é meu colaborador, meu colega e meu amigo (...) É verdade que o senhor Kropotkin não pode apresentar os seus papeis em ordem. O governo que, sem lhe processar nem lhe condenar, o deteve por 28 meses

> aprisionado em uma cela carcerária, não lhe proporcionará certamente nenhum papel para lhe facilitar a permanência no estrangeiro. Não há em Genebra nenhum russo que não possa testemunhar isto e confirmar seu testemunho. E se é necessário a palavra de cidadãos suíços, eu me comprometo a apresentar ao governo de Genebra uma carta assinada por 10, 20, 50 ou 100 cidadãos suíços, que garantirão a identidade de seu amigo. Ao admitir-lhe como membro, a honorável Sociedade de Geografia de Genebra afirmou que não tinha a menor dúvida em acolher em seu seio ao autor da "Época Glacial", ao investigador da Sibéria oriental e da Manchúria e ao antigo secretário da seção de Geografia física da Sociedade petersburguesa (...) (NETTLAU, 1930. vol. 2: 82)

Os apelos de Reclus e de tantos outros amigos não foram capazes de mudar a decisão do governo suíço e em agosto daquele ano Kropotkin e Sofia partem para a Inglaterra. Reclus voltaria a encontrar com Piotr alguns meses depois em Londres, onde percorria algumas bibliotecas com o intuito de compilar materiais para os futuros volumes da sua obra geográfica e aproveitava sua estadia para realizar algumas conferências políticas. (NETTLAU, 1930. vol. 2: 101) Os trabalhos em torno da *Nouvelle Géographie Universelle* seguiam para preparação do VII volume e Reclus encontrou ajuda de Leon Metchnikoff, geógrafo anarquista russo profundo conhecedor do Japão, que o auxiliou na publicação sobre *L´Asie Orientale* (A Ásia Oriental) de 1882. (FERRETTI, 2011: 219)

O ano de 1882 foi um ano triste para Kropotkin e Sofia. Distantes dos amigos e da efervescência política que existia na Suíça os dois passaram aquele ano dedicados as pesquisas científicas. Kropotkin ainda publicava seus artigos nas revistas *The Times* e *Nature* e passou a colaborar também com a Enciclopédia Britânica e com *The Nineteenth Century*, onde publicou uma série de artigos sobre o sistema penitenciário russo. Além das publicações Kropotkin também realizava pequenas expedições onde observava a fauna e a flora da ilha e realizava pequenas visitava as indústrias da região. Foi neste período que começou a aprofundar seus estudos sobre a descentralização das indústrias que seria publicado posteriormente no livro *Fields, Factories and Workshops: or Industry Combined with Agriculture and Brain Work with Manual Work* (Campos, Fábricas e Oficinas: ou Indústria Combinada com Agricultura e Trabalho Intelectual com Trabalho Manual), em 1899. (WOODCOCK, 1978: 174)

Não tardou para o casal tomar uma decisão radical. Permanecer na Inglaterra era uma opção que cada vez menos fazia sentido. Os estudos científicos por mais que agradassem Kropotkin não lhe causavam o mesmo entusiasmo que a propaganda anarquista e ele sabia do novo impulso que o movimento tomava na França e na Suíça naquele ano, assim decidiu partir para Thonon. "Antes a prisão na França, do que este túmulo." (KROPOTKIN, 1946: 416)

Em 12 de outubro daquele ano Kropotkin se instalou na cidade de Thonon, na

França, lá acolheram ao irmão de Sofia, Ananiev, que se encontrava enfermo, em um estado avançado de tuberculose. Neste mesmo momento ocorriam em Lyon intensas atividades revolucionárias que tinham grande influência anarquista. As manifestações que estavam ocorrendo em Lyon se davam principalmente em resposta a crise da indústria da seda[23]. Nestas manifestações os trabalhadores utilizavam como estratégia de luta a ação direta e a greve, o que por vezes levavam a confrontos trabalhadores e policiais. Foi durante uma destas manifestações que ocorreu um atentado a bomba que foi utilizado como pretexto pelas autoridades francesas e pela imprensa para acusarem mais de sessenta anarquistas, entre eles Kropotkin, de cúmplice na ação. As investigações coordenadas pela polícia não conseguiam encontrar provas que pudessem ser utilizadas contra o revolucionário russo, assim, sua acusação era de ter participado da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT).

Kropotkin foi detido em sua casa no dia 21 de dezembro, poucas horas após a morte de seu cunhado Ananiev. O clima de comoção e desolamento que pairava pela casa naquele dia pouco se modificou com a ordem de prisão dada pelos oficiais franceses. Kropotkin pediu para que sua prisão fosse prorrogada por alguns poucos dias para que pudesse enterrar ao lado de sua esposa o corpo de Ananiev. O pedido foi negado pelos policiais e Kropotkin foi levado ao cárcere. Élisée Reclus, que já estava a par de toda a situação se encaminhou no dia seguinte a Thonon a fim de dar apoio e conforto a Sofia durante o enterro. (KROPOTKIN, 1946: 422)

Kropotkin e outros sessenta suspeitos foram levados a julgamento no início de 1883 em Lyon. Em sua defesa os acusados redigiram o Manifesto dos Anarquistas[24], que foi amplamente divulgado pelos jornais. O julgamento de Kropotkin foi acompanhado com grande ansiedade pela imprensa. Buscando provas contra Kropotkin o juiz fazia perguntas sobre suas atividades políticas em outros países, o que em nada tinha a ver com o delito de que era acusado. Apesar da falta de provas, Kropotkin e outros três acusados foram condenados, no dia 19 de janeiro, a cinco anos de cárcere na prisão de Clairvaux, multa de mil francos, dez anos de supervisão policial e cinco anos de perda de seus direitos civis. (VIEJO, 2008: 331)

23 "A indústria da seda estava tão paralisada e a miséria era tão grande entre os tecelões, que grupos de crianças ficavam todas as manhãs às portas das casernas, onde os soldados lhes distribuíam sobras de pão e sopa." (KROPOTKIN, 1946: 420)

24 Texto completo do Manifesto dos Anarquistas no Anexo 3.

Figura 17: Julgamento de Kropotkin em Lyon[25].

A prisão de Kropotkin causou uma comoção internacional. Escritores como Victor Hugo, William Morris, Alfred Russell Wallace e outros tantos se manifestaram publicamente contra o veredito proferido no tribunal. O período em que esteve preso na França foi menos sofrido do que o cárcere na Rússia. Na prisão Kropotkin aproveitou para dar continuidade aos seus escritos científicos e começou a praticar a horticultura. Ao longo dos três anos passados em Clairvaux Piotr teve a sua disposição a biblioteca da Academia Francesa de Ciências e manteve intensa correspondência com seus amigos cientistas e principalmente com seus amigos anarquistas. Élisée Reclus mantinha uma correspondência diária de troca de cartas e livros com Kropotkin, pois trabalhavam em conjunto na revisão do volume sobre a Ásia Menor e a Pérsia, da *Nouvelle Géographie Universelle*. Todo o salário pago a Kropotkin pela editora Hachette era enviado a Sofia (FERRETTI, 2011: 219). Durante o cárcere de seu marido Sofia se hospedou na casa de Elíe Reclus, irmão mais velho de Élisée, que residia próximo a Clairvaux, e deu continuidade aos estudos de Botânica que iniciara em Genebra. (VIEJO, 2008: 332)

Em 1885 Reclus está a frente do jornal *Revolté*, que poucos anos antes havia sido fundado por Kropotkin, lá, compreendendo a importância e vigência dos artigos que haviam sido escritos por Piotr, deu inicio a um trabalho de compilação de alguns de seus escritos que foram trazidos a público, em formato de livro, sob o título *Paroles d´un Révolté* (Palavras de um revoltado). Reclus, que também fora responsável pelo prefácio do livro, aponta uma tríplice característica dos textos escritos por Kropotkin: “o artigo tinha uma existência própria no periódico, formava junto com outros um folheto, e estes folhetos

25 Imagem disponível em: http://www.ephemanar.net/images/kropot_proces.jpg (acessada 10/2/2012)

tinham entre si uma conexão e constituíam um conjunto que eram virtualmente um livro futuro."[26] (NETTLAU, 1930. vol. 2: 106)

No início de 1886, as ruas de Paris foram tomadas por estudantes e trabalhadores que reivindicavam a suspensão do exílio eterno a que havia sido condenada a ex-*communard* Louise Michel e junto a este pedido, os manifestantes reivindicavam a soltura de Kropotkin. A pressão popular foi tão grande que em 15 de janeiro daquele ano Kropotkin foi posto em liberdade. (WOODCOCK, 1978: 183)

Após sua libertação Kropotkin e Sofia permaneceram ainda por algum tempo na França. O ambiente de Paris era extremamente acolhedor. Jean Grave acabara de mudar a oficina do jornal *Le Revolté* para a cidade, Louise Michel fazia conferências quase que diariamente e os irmãos Reclus trabalhavam intensamente em seus escritos políticos e científicos. Apesar do clima favorável o governo francês dava mostras de insatisfação pela presença do revolucionário russo pelas ruas da capital francesa, compreendendo então que poderiam retornar a prisão por qualquer motivo Piotr e Sofia decidiram que retornariam a Inglaterra naquele mesmo ano. (WOODCOCK, 1978: 185)

O retorno a Londres, ocorrido em 1886, apresentava condições completamente distintas daquelas do início da década. O movimento operário inglês retomara o fôlego nos últimos anos e Kropotkin estava disposto a dedicar-se quase que exclusivamente aos estudos científicos e políticos, uma vez que sua débil saúde, em muito abalada pelos anos de cárcere, não lhe permitia mais fazer grandes esforços.

Ao chegar a Londres Kropotkin desejava arduamente criar um jornal anarquista. Assim, na primeira metade de abril daquele ano, juntamente com Sofia, Charlotte Wilson e com mais um ou dois companheiros criaram um grupo de trabalho dedicado a publicar escritos de propaganda e organizar conferências. Com o amadurecimento destas atividades, em outubro, fundaram o jornal *Freedom*. (WOODCOCK, 1978: 191)

O ano de 1886 foi marcado também pela trágica morte de seu irmão Alexander. Exilado na Sibéria havia doze anos, Alexander não suportou o longo martírio[27] e a falta de perspectivas que lhe aguardavam após o exílio fez com que pusesse fim a sua vida numa noite sombria de verão.

---

26 A amizade entre Reclus e Kropotkin interferiu decisivamente a vida de ambos, ficando explicito quando a Universidade Livre de Bruxelas, que havia convidado Reclus para a vaga de professor de Geografia, no ano de 1892, emite o segundo comunicado no ano seguinte, por ocasião do interesse de Reclus em assumir a vaga: "Não é o momento mais adequado para confiar um curso a um anarquista militante que publica, com prefácios de louvor, os livros do príncipe Kropotkin. (...) Toda Europa vê nele (Reclus) um propagandista das ideias anarquistas, e a abertura deste curso neste preciso momento seria interpretada, com razão ou sem ela, como um sinal de simpatia direta ou indireta por essas teorias. Seria, de certa forma, um desafio a opinião pública." (UYTTEBROUK, 1986: 43)

27 Uma vez escreveu a Piotr: "Às vezes se apodera de mim um desespero igual ao de Fausto" (KROPOTKIN, 1946: 461)

O ano seguinte, contudo, dissipou a nuvem de tristeza que pairava sobre a casa da família Kropotkin. “Na primavera seguinte, veio ao mundo um pequeno ser, uma menina, que tomou o nome de meu irmão, e os seus gritos inocentes fizeram vibrar no meu coração uma nova corda, desconhecida até então.” (KROPOTKIN, 1946: 462)

Nos anos que se seguiram Kropotkin estabeleceu uma intensa agenda de trabalho. Trabalhava cerca de doze horas por dia, respondendo a cartas de todos os assuntos, desde questões políticas, históricas, geográficas, éticas e até mesmo literárias e artísticas e tinha sua principal atividade ligada aos escritos jornalísticos. Kropotkin contribuía ativamente nas seguintes publicações: *The Nineteenth Century, Freedom, Les Temps Nouveaux, The Times, Nature, The Newcastle Daily Chronicle, The Newcastle Weekly Chronicle, The Fortnightly Review, Encyclopaedia Britannica, Letuchie listki, Khleb i volia* e no *Geographical Journal* (SLATTER, 1994: 284). E no meio tempo trabalhava com afinco na horta que possuía no quintal de sua casa, onde realizava experimentos de cultivo intensivo, de plantação de hortaliças, uvas e estudava sobre sua produtividade.

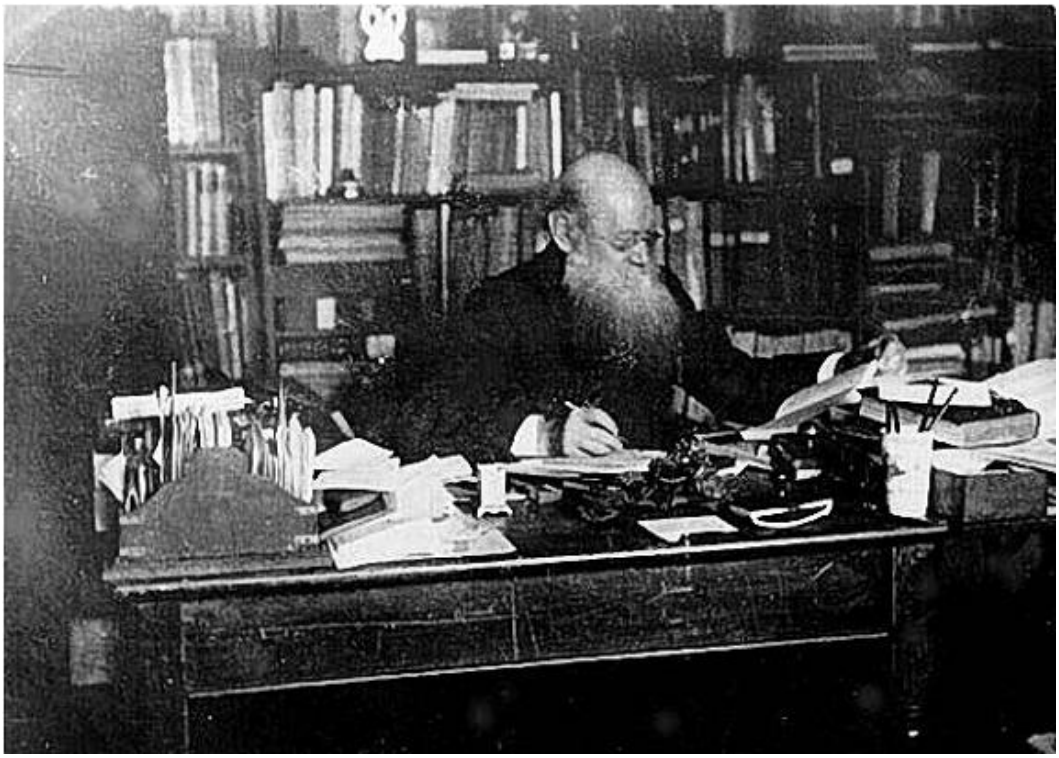


Figura 18: Kropotkin trabalhando em seus escritos.[28] (PLANCHE, 1948)

Alguns dos escritos publicados nos jornais entre aqueles anos apareceram posteriormente compilados em forma de livros, tal foi o caso do *Apoio Mútuo, um fator de*

28 Rudolf Rocker ao relatar seu encontro com Kropotkin, em suas memórias, escreve: “As paredes da casa simples, mas cômoda, estavam cobertas até o teto de livros, enquanto a grande mesa de trabalho estava ocupada com papéis e jornais.” (ROCKER, 1949: 158)

evolução; A literatura russa; A moral anarquista; A Questão Social: O Anarquismo em Face da Ciência; O Estado e o seu papel histórico; A Anarquia: Sua Filosofia, Seu Ideal; entre outros.

Entre os anos de 1893 e 1914 Kropotkin participou ativamente da *Royal Geographical Society* (Sociedade Geográfica Real) de Londres. O amadurecimento intelectual e as pesquisas que foram realizadas após sua fuga da Rússia lhe permitiu resgatar e aprofundar as descobertas científicas que havia feito em sua juventude[29].

Sua contribuição ao *Geographical Journal* se baseava principalmente nas pesquisas que havia realizado na Rússia e em particular na Sibéria, tendo publicado alguns artigos sobre esse assunto: *The Great Siberian Railway; Russian Expeditions in Tibet. I. M. V. Pyevtsoff's Expedition, 1889-1890; The Census of the Russian Empire; The Fifty Years' History of the Russian Geographical Society; The Population of Russia; Russian Explorations in Manchuria; Proposal for an Expedition to Sannikoff Land; The Old Beds of the Amu-Daria; Baron Toll on New Siberia and the Circumpolar Tertiary Flora; Baron Toll; A New Map of Transbaikalia; On the Desiccation of Eurasia and Some General Aspects of Desiccation*. Dentre estes, John Scott Keltie, destaca os textos publicados em 1904 *The Orography of Asia.* (A Orografia da Ásia) publicada em duas partes (fevereiro e março de 1904) e o estudo *The Desiccation of Eur-Asia* (A Dissecação da Eur-Ásia), publicado em junho do mesmo ano. (KELTIE, 1921: 318)

As contribuições ao jornal iam além dos estudos sobre a Rússia. Kropotkin contribuiu com artigos sobre geologia e escreveu homenagens póstumas[30], mas talvez o tema que tomou um maior interesse por parte de Kropotkin foram os textos sobre educação e principalmente sobre o ensino de geografia. Desde sua estadia na Suíça, quando conheceu Paul Robin, Kropotkin já tinha um contato próximo e uma intensa correspondência com pedagogos e discutia animadamente sobre a proposta de Educação Integral que havia nascido no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e que cada vez mais encontrava adeptos entre os trabalhadores e socialistas.

Foi, contudo, no ano de 1885, enquanto Kropotkin permanecia encarcerado na prisão de Clairvaux que redigiu seu primeiro trabalho sobre o ensino de geografia, intitulado *What Geography ought to be* (O que a Geografia deveria ser), a pedido de John Stuart Keltie, que havia acabado de preparar seu relatório sobre o ensino de geografia para o Conselho da Sociedade Geográfica Real. Neste artigo Kropotkin apresentava suas

29 Para ver as publicações de Kropotkin no *Geographical Journal* ver Anexo 4.

30 *The Pampas; Obituary: Paul Lessar; Obituary: Dr. Gustav Radde; Obituary: Elisée Reclus; On the Teaching of Physiography; The Position of Geography in Science and Education.*

percepções sobre o ensino de geografia ministrado nas escolas naquele momento, tendo atenção especial com o ensino de alunos do primário:

> Investigou-se e descobriu-se com assombro que fizemos em nossas escolas desta ciência — a mais atrativa e sugestiva para as pessoas de todas as idades — um dos temas mais áridos e mais ininteligíveis. Nada interessa tanto às crianças como as viagens, e nada é mais chato e menos atrativo na maioria das escolas do que aquilo que ali se batiza como geografia. É claro que o mesmo se poderia dizer, quase com as mesmas palavras e com escassas exceções, a respeito da física e da química, da botânica e da geologia, da história e das matemáticas. Uma profunda reforma do ensino de todas as ciências é tão absolutamente necessária como uma reforma da educação geográfica. (...) Sem dúvida alguma, raramente pode existir outra ciência que possa tornar-se tão atrativa para a criança como a geografia, nem um instrumento tão poderoso para o desenvolvimento geral da mente, para familiarizar o estudante com o autêntico método de raciocínio científico, e para despertar o gosto por todas as ciências naturais. As crianças não são grandes admiradoras da própria natureza enquanto esta não tem nada a ver com o homem. O sentimento artístico, que desempenha um papel tão importante nos prazeres intelectuais de um naturalista, todavia é muito débil na criança. As harmonias da natureza, a beleza de suas formas ou as admiráveis adaptações dos organismos, a satisfação espiritual que produz o estudo das leis físicas — tudo isso pode vir mais tarde, mas não na primeira infância. As crianças buscam em toda parte o homem, suas lutas contra os obstáculos, sua atividade. Os minerais e as plantas as deixam frias; passam por um período em que predomina a imaginação. Querem dramas humanos e, portanto, as histórias de caça e pesca, de viagens marinhas, de lutas contra perigos, de costumes e condutas, de tradições e migrações são obviamente uma das melhores formas de desenvolver na criança o desejo de estudar a natureza. Alguns “pedagogos” modernos tentaram matar a imaginação na criança. Os melhores compreenderão que o raciocínio científico é um precioso auxiliar da imaginação. Compreenderão aquilo que Tyndall tentou em uma ocasião ressaltar a seus ouvintes — a saber, que nenhum raciocínio científico profundo é possível sem a ajuda de um poder imaginativo muito desenvolvido — e utilizarão a imaginação da criança, não para entulhá-la com superstições, e sim para despertar o amor para os estudos científicos. A descrição da Terra e seus habitantes será sem dúvida um dos melhores meios para alcançar esse objetivo. Histórias de homens lutando contra forças naturais hostis: pode-se escolher algo melhor para inspirar em uma criança o desejo de se aprofundar no segredo dessas forças? (KROPOTKIN, 2011: 34-37)

Entre algumas de suas conclusões, Kropotkin afirma que:

> O ensino de geografia deve, pois perseguir um triplo objetivo: despertar em nossas crianças o gosto por todas as ciências naturais; precisa ensiná-las que todos os homens são irmãos, seja qual for sua nacionalidade; e ensiná-las a respeitar as “raças inferiores”. (KROPOTKIN, 2011: 41-42)

Menos de uma década após a publicação de seu artigo sobre o que a geografia deveria ser, Kropotkin publica outro texto sobre o ensino de Geografia, intitulado *On the Teaching of Physiography* (Sobre o ensino da Fisiografia), artigo que iniciaria sua longa contribuição ao *Geographical Journal*.

Neste, Kropotkin revisita alguns dos principais pontos abordados em seu texto anterior, mas enfoca principalmente a experiência direta no ensino de geografia no ensino secundário.

> O estudo da nossa própria localidade possui, sem dúvida, uma imensa importância na educação. Mas esta importância me parece repousar em outro lugar. O estudo de nosso próprio lugar não pode ser usado para o estudo da Natureza de um modo geral. Ele deve ser usado apenas como meio para dar uma forma mais concreta aos conhecimentos adquiridos, e como um meio de adquirir conhecimento através do trabalho e da própria observação. Assim que cada menino e menina souber o suficiente sobre geometria elementar para medir ângulos e distâncias, eles devem ser capazes de traçar ângulos no chão, fazer o mapa de uma lagoa ou de um riacho com o auxílio do compasso e das suas próprias mãos. Não para tornarem-se geógrafos, mas para ajudá-los a compreender concretamente o que significa um mapa, para dar uma melhor compreensão da geometria em si, e facilitar imensamente a compreensão dos desenvolvimentos futuros na Matemática e na Física. Cada menina e menino deveria saber quais plantas são predominantes em seus prados, seu parentesco com outras plantas da mesma família, ou grupos similares, e as particularidades de cada uma. Eles deveriam saber bem sobre os animais, especialmente os insetos, e aprender a observar os seus hábitos. Tudo isso contribuiria para dar-lhes uma concepção mais concreta do que ouvem e aprendem sobre terras distantes.
>
> Esta é a parte apropriada do *Heimatskunde* na educação, mas se você confiar a ele mais do que isso, estará aquém de seu objetivo. Falar com um estudante a respeito da distribuição das chuvas nas Ilhas Britânicas, relacionando isso com as águas que correm por baixo da ponte de Londres, é tão artificial e irracional como desenvolver as leis de atrito dos fluidos, ou as leis da elasticidade dos sólidos, em conexão com a mesma ponte. Essas leis, bem como a distribuição dos climas na Terra, devem ser estudadas por si, e não em relação a alguma característica da paisagem local.
>
> Em suma, no atual estado de nossa civilização, a concepção da Terra como um todo, e da variedade de seus climas, paisagens e habitantes, penetra inevitavelmente na mente de nossos filhos, e devemos dar-lhes noções da Terra e do universo desde as primeiras fases, até as mais complexas de acordo com o desenvolvimento gradual da sua inteligência. E devemos utilizar nosso bairro, não para transmitir o conhecimento da Terra – este seria um método totalmente artificial – mas para dar uma concepção mais concreta de fatos aprendidos pelo estudante e, especialmente, para promover o estudo de maneira espontânea. (Kropotkin, 2012b: 71-72)

E reafirma a importância da literatura e da leitura dos clássicos a fim de estimular o imaginário dos alunos e apresentar a eles alguns desafios teóricos:

> Quanto aos livros, eu particularmente recomendo a leitura dos relatos originais de viagens. Nossos jovens não leem o suficiente desses relatos de viagens encantadores, profundamente impressionantes e altamente instrutivos das quais todas as literaturas – e, especialmente a literatura inglesa – possuem uma grande riqueza, especialmente a partir do século passado e no início do presente. Elas deveriam ser selecionadas, reimpressas e amplamente divulgadas. Assim também as obras clássicas como *Ansichten der Natur* de Humboldt, as monografias de Ritter sobre o camelo, a árvore do chá, suas palestras gerais sobre *Erdkunde*, entre outras. Estamos com medo de dar aos nossos jovens trabalhos que eles ainda não estão inteiramente preparados para compreender. Entretanto, é exatamente a partir de tais obras que eles se tornam mais passíveis de serem atraídos pelo o amor poético da Natureza, pelo desejo de saber mais sobre seus mistérios – a luz fraca pela qual algumas partes da obra são circundadas – despertando a sede de mais conhecimentos, e envolvendo a Natureza com a poesia que levou os nossos melhores naturalistas para suas pesquisas. (Kropotkin, 2012b: 77-78)

E conclui seu artigo apresentando a importância para viagens dos estudantes:

> E, finalmente, algo muito positivo poderia ser feito na forma de viagens, mesmo com todos os obstáculos que são colocados no caminho por despesas de trem e hotel. Os jovens não são extravagantes em suas necessidades, e podem viajar com poucas despesas. Além disso, uma boa estratégia para a redução de despesas poderia ser uma espécie de federação de escolas para este fim específico. Na verdade eu não vejo porque, durante as férias da Páscoa, os meninos de uma escola de Londres que desejam visitar o distrito de Lago, não possam pendurar suas redes em alguma escola de Cumberland na semana do feriado. (...) Também é evidente que excursões parecidas, e até mesmo viagens mais distantes, deveriam ser parte regular da educação universitária. Excursões de verão como as que são feitas nos encontros de verão dos senhores Geddes e Thomson em Edimburgo não podem ser muito bem recomendadas. Elas certamente irão contribuir para desenvolver o gosto pela Geografia nas escolas e ampliar o conhecimento daqueles que podem mais tarde se tornar professores. (Kropotkin, 2012b: 78-79)

As discussões sobre o ensino de geografia eram, naquele momento, recorrentes no seio da Sociedade Geográfica Real. Diversos estudiosos tomavam parte nos debates sobre educação, como foi o caso do debate em torno da palestra de Élisée Reclus, proferida no dia 2 de abril de 1903 sob o título *On Spherical Maps and Reliefs* (Sobre relevos e mapas esféricos), onde participaram Mackinder, Kropotkin e outros geógrafos e cartógrafos da Sociedade Geográfica.

Nesta exposição Reclus apresentou um trabalho sobre os mapas esféricos que estava desenvolvendo em conjunto com o Sr. Patteson e a importância destes para o ensino de geografia, ficando claro o quanto suas ideias estavam em consonância com as defendidas por Kropotkin:

> Quero falar em educação geográfica. Acredito que todos nós concordamos que é só pela observação que podemos realmente entender à natureza. E que tiramos da natureza? A compreensão dos entornos do homem, e depois a compreensão do homem mesmo. Não é principalmente pelo uso de globos ou de mapas ou de meios artificiais quaisquer que seremos capazes de ensinar às crianças, e não somente às crianças, mas a todas as pessoas; é pela observação da natureza. É especialmente pelo trabalho na natureza, e se você trabalha na natureza você tem duas coisas boas: primeiro, saúde, e depois ciência. (RECLUS, 2012)

As polêmicas em torno desta perspectiva do que deveria ser o ensino de geografia se acentuavam quando eram colocadas em tensão perspectivas tão distintas quanto as defendidas por Reclus e Kropotkin e as defendidas por Mackinder e alguns outros pensadores. O ideal federalista e solidário dos anarquistas contrastava diretamente com o discurso centralizador e imperialista adotado por Mackinder. Em 1911 Mackinder publica o artigo *The teaching of geography from an imperial point of view, and the use which should be made of visual instruction* (O ensino de geografia a partir do ponto de vista imperial, e o uso que deveria ser feito da instrução visual), na revista *Geographical Teaching* (Ensino Geográfico), onde defende que o ensino de geografia a partir do ponto de vista imperial

deriva de uma perspectiva imparcial da ciência e possibilita aos cidadãos práticos do império garantir sua posição conquistada pela lei universal da sobrevivência através da eficiência e do esforço. (KEARNS, 2004: 341)

Contudo, a pesar das intransponíveis diferenças, as relações entre Reclus, Kropotkin e Mackinder eram amistosas e já vinham de longa data. Mackinder planejava iniciar uma série de dez a doze pequenos livros que abrangessem os grandes grupos territoriais do globo e que fossem escritas pelos primeiros geógrafos. O plano inicial de Mackinder, de 1897, elencava Élisée Reclus como autor da obra *The Romance Lands and Barbary* e assinalavam Piotr Kropotkin como autor do *The Russian Empire*. Contudo, nos cinco anos que se seguiram o projeto pouco avançou, assim, em 16 de dezembro de 1902 Reclus escreve a Kropotkin: "O que faz do assunto Mackinder? O bom homem parece ter muita pressa com as palavras, mas com o trabalho marcha lentamente, e eu me aproveito disto para não enviar o meu original. Me dê sua opinião (...)". Reclus já possuía seu manuscrito bem adiantado, contudo, não conseguia garantias de que os mapas seriam realizados de maneira satisfatória. Estas questões contribuíram para que sua obra não fosse publicada. A mesma sorte encontrou o escrito de Kropotkin, que estava planejado para ser publicado em 1903, mas nunca chegou a ser impresso. (NETTLAU, 1930. vol. 2: 204)

Fora do âmbito das discussões estritamente geográficas Kropotkin e Reclus, juntamente com outros militantes e educadores, como Louise Michel e Tolstoi, escreveram o texto do Comitê de Iniciativa para o Ensino Integral[31], no ano de 1898. O Comitê retomava as discussões sobre a Educação Integral que haviam sido iniciadas na AIT e apresentava algumas perspectivas objetivas para a implementação desta educação. Foi notável, que apenas três anos após a publicação do texto foi criada em Barcelona a *Escuela Moderna* (Escola Moderna) por Francisco Ferrer i Guardia. O projeto contou com apoio e participação direta dos geógrafos anarquistas, que mantinham uma intensa correspondência com Ferrer e lhe auxiliaram na reflexão sobre os conteúdos e os métodos de ensino[32].

Kropotkin em uma ocasião escreveu a Ferrer:

> Em nossa escola atual, formada para criar a aristocracia do saber, e dirigida até o presente por essa aristocracia sob vigilância dos clérigos, o desperdício de tempo é colossal, absurdo. (...) Em toda parte a história na escola é tempo absolutamente perdido para aprender nomes, leis incompreensíveis para as crianças, guerras,

31 Ver anexo 5: A liberdade pelo ensino: bases para a escola libertária.

32 Élisée Reclus escreveu o prefácio do livro "Noções de Geografia Física" publicado pela editora da Escola Moderna. O texto está disponível em português em: KROPOTKIN, P. e RECLUS, E. Escritos sobre Educação e Geografia. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2011. p. 29-32

> mentiras convencionais... e em cada área o desperdício de tempo alcança proporções vergonhosas.
>
> Em último termo haverá de se recorrer ao ensino integral; ao ensino que por exercício da mão sobre a madeira, a pedra e os metais fala ao cérebro e o ajuda a desenvolver-se. Chegará a ensinar-se a todos o fundamento de todos os ofícios, o mesmo que todas as máquinas, trabalhando (segundo certos sistemas já elaborados) sobre o banco e o torno, modelando a matéria bruta, fazendo por si mesmo as partes fundamentais de todas as coisas e máquinas, o mesmo que as máquinas simples e as transmissões de força a que se reduzem todas as máquinas.
>
> Dever-se-á chegar à integração do trabalho manual com o trabalho cerebral que já predicavam o operário e a Internacional, e que se realiza já em algumas escolas, sobretudo nos Estados Unidos, e então se verá a imensa economia de tempo e de pensamento que se realizará com os jovens. Desse modo, quando se pensar seriamente nisso, se achará o meio de economizar o tempo em todo o ensino. (KROPOTKIN, 2011: 76-77)

As atividades de Kropotkin pouco se alteraram com o início de um novo século, contudo, em diversas partes do mundo as lutas operárias estavam ganhando mais intensidade e radicalidade e traziam consigo a esperança de tempos novos. Se a busca pela expansão de mercados e garantias de monopólio colocavam os países da Europa ocidental na eminência de uma grande guerra, os bons ventos siberianos anunciavam uma possível transformação social.

Desde finais do século XIX estavam ocorrendo, tanto no campo quanto na indústria russa, greves gerais que tinham por objetivo melhorar as condições de vida dos trabalhadores. As greves eram combatidas pelo governo czarista com extrema violência, que não eram, entretanto, capazes de impedir a constante organização e luta dos trabalhadores russos. Em 1905, poucos meses após a derrota da Rússia na guerra contra o Japão, a marinha amotinou-se e ocorreu um levante generalizado do povo russo contra a monarquia absoluta. (VASSILEV, 2008: 64)

Vassilev ressalta que:

> (A classe operária) queria controlar seu destino e estabelecer uma nova sociedade na qual a gestão seria controlada pelos trabalhadores das cidades e do campo, e não por um parlamento. Nasceu, então, a ideia segundo a qual esse papel cabia aos sovietes dos delegados operários, que eram apenas comitês de greve até aquele momento, eleitos pelos trabalhadores das empresas. Esses sovietes, bem como as greves, tornaram-se regulares e duráveis. (VASSILEV, 2008: 65)

O contexto destas lutas estava intimamente ligado as lutas dos trabalhadores e as questões econômicas que assombravam a Rússia naquele momento. A crise econômica que havia assolado a Rússia após a guerra contra o Japão, fizeram com que o governo russo recorresse aos bancos franceses a fim de salvar o regime czarista. (TRAGTENBERG, 2007: 104)

A dependência econômica do governo czarista frente aos bancos franceses e

frente aos recursos ingleses eram duramente criticadas por Kropotkin, que em uma lúcida análise desmascarava os interesses por trás da guerra:

> durante a guerra entre a Rússia e o Japão, o ouro inglês foi fornecido aos japoneses (com um alto grau de interesse) a fim de que eles pudessem destruir a nascente força marítima russa no Pacífico, que incomodava a Inglaterra. Mas, ao mesmo tempo, as mineradoras inglesas vendiam 300.000 toneladas de carvão à Rússia, num valor maior que o normal, habilitando-os a enviar a frota de Rajdestvensky ao Oriente. Dois pássaros mortos numa única pedrada: os proprietários das mineradoras de Welsh fizeram um bom negócio com isso; os acionistas e os diretores das mineradoras de Welsh, tomando da nobreza, do clero, da Câmara dos Comuns – toda empresa respeitável tem representantes dessas três classes no corpo de diretores – aumentaram suas fortunas; e, por outro lado, os financistas da Street Lombard colocaram dinheiro em 9 ou 10 por cento nos empréstimos japoneses e hipotecaram uma parte importante do lucro de seus "queridos aliados" como um seguro de seus débitos.[33] (KROPOTKIN, 1914: 12)

Este contexto russo animava também grande parte dos socialistas de toda a Europa. Reclus, já com sua saúde muito debilitada, estava atento a todas as noticias que chegavam sobre as movimentações na Rússia no início de 1905. Ele creia que "a revolução moscovita será, sem dúvida, uma das que, assim como a Revolução francesa, ocuparão um lugar entre as grandes épocas da humanidade." (NETTLAU, 1930. vol. 2: 292)

A esperança de Reclus residia principalmente na possibilidade da revolução trazer a libertação de todos os povos que haviam sido vencidos e oprimidos por séculos de governo czarista. Tinha a esperança de que a revolução criasse um

> laço federal que lhes una, assegurando a cada pessoa humana, de qualquer raça que seja, a plenitude absoluta de sua liberdade. A Revolução francesa proclamou teoricamente o "direito do homem"; nós pedimos a Revolução eslava que faça dele uma realidade vivente; lhes profetizamos a alegria de levar a cabo a maior ação da história, a conciliação de raças em federações de equidade. (NETTLAU, 1930. vol. 2: 293)

Para tanto Reclus trabalhou arduamente na publicação de um mapa *Peuples de toutes les Russies et d´autres Pays soumis au Tsar*[34] (Povos de todas as Rússias e outros países submetidos ao Czar) a fim de apoiar as lutas que estavam ocorrendo na Rússia. Este mapa, juntamente com os trabalhos de revisão e correção dos volumes da obra O Homem e a Terra, constituíram-se como as últimas atividades de Reclus antes de sua morte.

Kropotkin fazia pouco que havia estado com Reclus e sabia perfeitamente bem as dificuldades pelas quais seu amigo estava passando. Em carta a Guillaume, em 9 de julho de 1904, diz:

---

33 Tradução de Amir El Hakim de Paula, que gentilmente cedeu para este trabalho.

34 Ver mapa 3 (p. 74) fonte: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8444265f (acessada 29/1/2013) Reclus publicou ainda outro mapa dos povos que habitam a Rússia na obra *Nouvelle Geographie Universelle*, vol. V p. 846. (Ver anexo 6, mapa 4: Mapa Povos da Europa Ocidental – Gentilmente cedido por Federico Ferretti)

Peuples de toutes les Russies et d'autres Pays soumis au Tsar.

Ge D 5285

Carte publiée par la " SOCIÉTÉ des AMIS du PEUPLE RUSSE et des PEUPLES ANNEXÉS ", 24, Rue Dauphine, PARIS (VIe)

33558

Carte dressée par **ÉLISÉE RECLUS**

Ge D 5285

Prix : 20 centimes

> No que se refere a Élisée, este não vai bem nem muito menos. Está cheio de energia quando dorme bem, inclusive fala e trabalha um pouco. Mas os ataques cardíacos (obstruções da aorta) se repetem com demasiada frequência para que possa resistir a eles por muito tempo. Não tenho muitas esperanças de voltar a lhe ver com boa saúde (NETTLAU, 1930. vol. 2: 289)

E de fato a saúde de Élisée não voltaria a melhorar e cerca de um ano após o último encontro entre Reclus e Kropotkin em Bruxelas, Reclus não resistiria a uma forte gripe e faleceria no dia 4 de julho de 1905. No dia 6 de julho, Paul Reclus, sobrinho de Élisée escreveu para Kropotkin:

> Faz três semanas que nosso amigo começou a declinar rapidamente e que as crises estão se repetindo com mais frequência. Antes disso pensávamos que com oscilações boas e ruins as coisas poderiam durar ainda um longo tempo. Nestes últimos tempos nossa posição era bem difícil: as visitas de pessoas indiferentes provocavam nele crises – por repulsão, diria eu – mas a visita dos amigos o emocionava todavia mais e lhe faziam sumir as regulares dolorosas crises. Eu o vi pela última vez fazem oito dias... (vazio.) (NETTLAU, 1930. vol. 2: 298-299)

O enterro de Reclus ocorreu na manhã do dia seis, em um cemitério no subúrbio de Bruxelas, conforme havia sido requisitado por Élisée antes de sua morte, com a única presença de seu sobrinho Paul.

O falecimento de Élisée Reclus foi lembrado em todas as partes do mundo. Jornais de todas as partes do mundo veiculavam a noticia da morte do grande geógrafo e incansável *communard* que por quase toda sua vida defendeu as ideias anarquistas. Talvez uma das linhas mais belas escritas em homenagem a vida e obra de Reclus saíram das penas empunhadas por seu amigo Kropotkin. As palavras de Kropotkin foram publicadas em jornais anarquistas e em periódicos geográficos[35], sendo traduzidas e adaptadas para diversos idiomas.

A morte de seu grande amigo abalou profundamente Piotr, que, contudo, foi chamado novamente aos trabalhos devido às urgências que o início daquele século apresentava. A iminência de uma guerra entre as grandes nações europeias dava mostras cada vez mais explicitas e reivindicava a opinião de todos os pensadores e militantes. A Grande Guerra não tardou a chegar e em 1914 eclodiu na Europa.

Os anarquistas, internacionalistas e antimilitaristas por princípio e críticos radicais das guerras, se dividiram. Kropotkin juntamente com outros militantes anarquistas declaravam abertamente o apoio aos exércitos Aliados em contraposição aos avanços do Estado alemão, enquanto os demais anarquistas se mantinham irredutíveis em sua postura de imparcialidade frente a ambos lados e seguiam apontando os horrores e as mazelas que a guerra estava causava aos pobres, aos trabalhadores e a todos aqueles

35 Em setembro de 1905, aparece no The Geographical Journal, o obituário de Élisée Reclus.

que não eram beneficiados pelas glórias da vitória.

A postura adotada por Kropotkin surpreendeu a maior parte dos seus companheiros que haviam compartilhado com ele suas ideias. Errico Malatesta escreveu em novembro de 1914, nas páginas do jornal *Freedom*, o mesmo que havia sido fundado anos antes por Kropotkin, um texto intitulado *Anarchist Have Forgotten Their Principles* (Os anarquistas esqueceram seus princípios), em resposta a um texto pró Aliados que havia sido publicado no mesmo mês nas páginas daquele jornal.

Ainda naquele ano Malatesta voltaria as páginas do jornal *Freedom* para falar sobre a postura adotada por Kropotkin frente a guerra:

> É muito doloroso para mim me opor a um amado amigo como Kropotkin, que tanto já fez pela causa do Anarquismo. Mas, pela mesma razão que Kropotkin é tão estimado e amado por todos nós, que é necessário que se faça saber que nós não lhe apoiamos em suas atitudes frente a guerra. (TODA, 1996: 87)

Nos anos de 1915 e 1916, a guerra seguia seu ritmo assolador, mas Kropotkin pouco pode comentar sobre os fatos que se sucediam. Em março de 1915 Piotr sofreu duas intervenções cirúrgicas no peito o que lhe deixou de cama praticamente o ano todo. O ano de 1916 não teria sido tão diferente do ano anterior se Kropotkin, juntamente com outros anarquistas[36] não tivesse firmado o Manifesto dos Dezesseis, onde estes retificavam seu apoio aos Aliados. Em fevereiro veio a resposta de um grupo de anarquistas ingleses, suíços, italianos, americanos, russos, franceses e holandeses que lançaram um manifesto[37] se opondo a guerra. (WOODCOCK, 1978: 343)

O apoio do movimento anarquista ao Manifesto dos Dezesseis foi praticamente nulo. Mesmo os jornais que haviam sido fundados por Kropotkin ou contavam com suas contribuições não faziam coro a sua postura frente a guerra. Assim, o pequeno grupo permaneceu isolado em suas ideias.

O isolamento das ideias não refletia necessariamente em uma ruptura das amizades pessoais. Rocker, que tinha uma postura radicalmente contrária a guerra, compreendia que a atitude de Kropotkin era resultado da mais profunda convicção, e que "a convicção interior de um homem não é uma coisa que se possa medir com um metro e que se possa liquidar simplesmente como exata ou errônea." (ROCKER, 1949: 160)

Kropotkin em uma carta enviada a Rocker, afirmava compreender bem a postura tomada por seu amigo:

---

36 Entre alguns anarquista que assinaram o Manifesto dos Dezesseis estavam Piotr Kropotkin, Paul Reclus, Jean Grave, Charles Malato, Jacques Guérin, entre outros.

37 Entre os anarquistas que assinaram o Manifesto contrário a guerra estavam Errico Malatesta, Domela Nieuwenhuis, Emma Goldman, Alexander Berkman, entre outros. Cabe ressaltar que Rocker também era contrário a guerra.

> Frente a tudo, o que importa é a convicção. (...) Não tens que defender uma causa se não sai do mais fundo do coração. Também esta terrível catástrofe terminará um dia. Então continuaremos juntos, como o temos feito até aqui, em favor da grande causa da libertação humana, que é a causa de todos nós. (ROCKER, 1949: 161)

E de fato não tardou para que o entusiasmado de Kropotkin ressurgisse. As noticias de uma revolução social na Rússia e a melhora de seu estado de saúde fizeram com que Piotr e Sofia partissem para Moscou após quarenta anos de desterro.

Figura 19: Kropotkin em Haparanda, uma das paradas na viagem a Moscou[38]

A pesar de um longo período no exílio, não podia se dizer que a figura de Kropotkin era desconhecida na Rússia. Sua influência direta a alguns círculos revolucionários, com os quais mantinha correspondência e seus escritos em jornais anarquistas, contribuiu para criar um estado de euforia por todas as partes. Sua chegada à estação de trem de Petersburgo atraiu quase 70.000 pessoas que queriam estar próximas daquele que era uma das maiores lendas revolucionárias daquela época. (VIEJO, 2008: 361)

O período que permaneceu em Petersburgo foi de intensas atividades. As visitas eram constantes, as pessoas chegavam ao longo de todo o dia e só saiam tarde da noite e após a última pessoa sair, Piotr se punha a trabalhar em seus discursos para as reuniões e assembleias. Seu envolvimento político e seu respeito por Kerensky, então primeiro ministro, fez com que este convidasse para um cargo ministerial, onde desfrutaria de uma abonada pensão e uma residência no Palácio de Inverno. Kropotkin rechaçou o

38 Imagem disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Krapotkin_in_Haparanda.jpg (acessada 16/5/2012)

convite e em carta a Emma Goldman confidenciou: “lhe disse que havia lutado toda minha vida contra o governo, como elemento corruptor, e que jamais chegaria a participar dele. (...) Considero o oficio de engraxate mais honrável e útil”. (WOODCOCK, 1978: 353-354)

A extenuante rotina começava a debilitar novamente a saúde de Kropotkin e em agosto daquele ano mudou sua residência para Moscou. As agitações políticas eram enormes na Rússia naquele momento, a população nas ruas havia conseguido derrubar o governo, no campo os camponeses ocupavam as terras e nas cidades os trabalhadores tomavam as fábricas, neste contexto os bolcheviques assumiram o poder após a Revolução de Outubro.

Tão pronto Lenin assumiu o poder as ações do Estado passaram a ter uma postura mais intransigente. Kropotkin percebendo o endurecimento do regime bolchevique frente a diversos grupos, em especial a organizações e periódicos anarquistas, começou uma série de denúncias ao governo bolchevique. A violência e o temor que se espalhava pelas ruas de Moscou fizeram com que Kropotkin e Sofia novamente mudassem de residência, desta vez partiam para a cidade de Dimitrov, um pequeno povoado localizado cento e vinte quilômetros ao norte de Moscou. (WOODCOCK, 1978: 363)

Esperançoso por acreditar que a Revolução russa ainda poderia mudar de rumos, Kropotkin solicitou uma reunião com Lenin e em maio de 1919 eles se reuniram em Moscou. Apesar do clima respeitoso, a conversa evidenciava as enormes divergências sobre os caminhos que deveriam ser percorridos pela revolução. A breve conversa terminou com a garantia de Lenin de que todas as queixas dos trabalhadores seriam ouvidas. (TRAGTENBERG, 2007: 177)

As palavras de Lenin foram levadas ao pé da letra por Kropotkin e por duas oportunidades, no ano seguinte, lhe escreveu relatando as difíceis condições que estava sofrendo a população do povoado de Dmitrov.[39] As advertências de Kropotkin foram sumariamente ignoradas por Lenin e pelo partido Comunista.

No ano seguinte, Kropotkin com a saúde muito abalada não resistiu a pneumonia contraída em janeiro e no dia 8 de fevereiro de 1921 faleceu na cidade de Dmitrov. (WOODCOCK, 1978: 385)

O governo bolchevique ofereceu a família de Kropotkin um funeral oficial que foi recusado. Alguns amigos, entre eles Alexander Berkman, Emma Goldman e sua filha Alexandra, bem como alguns militantes anarquistas formaram uma comissão fúnebre para organizar a cerimônia. As autoridades locais haviam permitido somente a edição de dois

39 Ver anexo 7: Duas cartas a Lenin.

folhetos em sua memória, que deveriam, contudo, passar por censura prévia. A comissão fúnebre ignorou a ordem, reabrindo a imprensa local que havia sido fechada pela polícia política Cheka e publicaram os folhetos. (WOODCOCK, 1978: 386)

O enterro de Kropotkin seria a última grande manifestação pública dos anarquistas e um dos últimos momentos de liberdade na Rússia.

Figura 20: Manifestação durante o enterro de Kropotkin que contou com mais de cem mil pessoas nas ruas de Moscou (PLANCHE, 1948)

Epílogo:

> Em uma época como a nossa, de guerras, de sentimento nacionalista, de indolência nacionalista e ódio habilmente alimentado por gente que persegue seus próprios interesses de classe, egoístas ou pessoais, a geografia deve ser — na medida em que a escola possa fazer algo para contrabalançar as influências hostis — um meio para dissipar esses preconceitos e para criar outros sentimentos mais dignos da humanidade. Deve mostrar que cada nacionalidade aporta sua preciosa pedra fundamental para o desenvolvimento geral da comunidade, e que só pequenas partes de cada nação estão interessadas em manter o ódio e a indolência nacional. Deve-se admitir que, ainda que outras causas alimentem a inveja nacional, as diferentes nacionalidades não se conhecem suficientemente entre si. As curiosas perguntas sobre seu país que são feitas a todo estrangeiro; os absurdos preconceitos com respeito a uma ou outra que se estendem de um extremo a outro de um continente — mais ainda, nas duas margens de um rio — provam amplamente que inclusive entre aqueles a quem descrevemos como povo educado a geografia só é conhecida pelo seu nome. As pequenas diferenças que observamos nos costumes e comportamentos das diferentes nacionalidades, assim como as diferenças entre os caráteres nacionais que se podem ver, sobretudo, entre as classes médias, fazem-nos esquecer a imensa semelhança existente entre as classes trabalhadoras de todas as nacionalidades – semelhança que se torna mais impressionante com um maior conhecimento. É tarefa da geografia destacar esta verdade, em toda a sua luz, em meio a todas as mentiras acumuladas pela ignorância, presunção e egoísmo. Ela deve impor nas mentes das crianças a ideia de que todas as nacionalidades são estimáveis; de que quais forem as guerras que fizeram, só um egoísmo míope estava no fundo de todas elas. (KROPOTKIN, 2011: 38-39)

Caminhamos juntos até aqui, e não estou certo se as palavras que antecedem estas puderam dar conta do título deste trabalho. Talvez as histórias contadas não sejam tão fantásticas (somente aos olhos do autor), não deem conta de apresentar o personagem como um geógrafo em seu contexto e faltem em aprofundar sobre sua militância anarquista e sobre o próprio anarquismo. Mas, se você chegou até aqui, estou certo de que este escrito cumpriu seu papel: despertou o interesse e talvez estimulou a busca por conhecer mais sobre o personagem, a geografia e o anarquismo.

Busquei ao longo das palavras e imagens que preenchem as páginas anteriores dar vida a este personagem. Não trouxe para este trabalho as polêmicas e as críticas normalmente feitas a Kropotkin. Tampouco aprofundei em temas que poderiam por si só ser objeto de uma pesquisa, como a questão da relação Cidade-campo apresentada pelo autor ao longo de algumas de suas obras; a autogestão e o federalismo como possibilidades de relação social e organização territorial para uma sociedade libertária; o apoio mútuo na sociedade moderna como um elemento de progresso e evolução social; as especificidades dos debates dentro da Royal Geographical Society que travou com Mackinder e outros nos anos em que participou da Sociedade Geográfica de Londres[40]; a

40 Ver anexo 4 – The Geographical Journal.

relevância dos estudos orográficos para o posterior desenvolvimento das modernas teorias glaciais; o debate entorno do cientificismo e do positivismo e a perspectiva anarquista frente ao método positivista; entre tantos outros possíveis temas. A ideia aqui foi tentar apresentar a história de uma vida, trazer referências sobre uma história pouco conhecida e principalmente buscar dar voz a este autor[41]. Mas talvez este trabalho não tenha se limitado a isso. Relatando as experiências de uma vida buscou se aproximar da pergunta: o que é ser um geógrafo?

Esta pergunta, diferente daquela que normalmente fazemos (o que é a geografia?) nos coloca em um outro lugar frente ao conhecimento. Diz mais a respeito ao que nós, indivíduos, fazemos com este conjunto de saberes que chamamos de geografia e o que queremos quando reivindicamos a autoridade deste saber.

Reclus deixava claro qual era sua perspectiva frente a este saber:

> A “luta de classes”, a busca do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo, tais são as três ordens de fatores que nos revela o estudo da *geografia social*, e que, no caos das coisas, mostra-se bastante constante para que se lhes possa dar o nome de “leis”. Já é muito conhecê-las e poder dirigir, segundo elas, sua própria conduta e sua parte de ação na gestação comum da sociedade, em harmonia com as influências do meio, doravante conhecidas e escrutadas. É a observação da Terra que nos explica os acontecimentos da História, e esta reconduz-nos, por sua vez, a um estudo mais aprofundado do planeta, no sentido de uma solidariedade mais consciente de nosso indivíduo, simultaneamente tão pequeno e tão grande, com o imenso universo. (RECLUS, 2009: 49-50)

De minha parte a busca e o esforço caminham no sentido de cavar e abrir fendas mais profundas para que o eco destas palavras possam reverberar mais longe e encontrem indivíduos dispostos a intervir diretamente na recriação de sua existência, do Espaço e da História.

41 Utilizando principalmente os escritos de sua autobiografia: KROPOTKIN, Piotr. Em torno de uma vida. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1946.

Bibliografia:

ALSINO, Rodolfo. Evolución y apoyo mutuo: Kropotkin en el contexto de las teorías evolutivas. *in.* **Erosión**, n. 1, año 1. Santiago de Chile: Editorial Eleuterio, 2012. p. 29-40

BASSIN, Mark. The Russian Geographical Society, the "Amur Epoch," and the Great Siberian Expedition 1855-1863. **Annals of the Association of American Geographers.** Vol. 73, nº. 2 (Jun., 1983), pp. 240-256

BLINNIKOV, Mikhail S. **A Geography of Russia and Its Neighbors**. New York: The Guilford Press, 2011.

CAPEL, Horacio. **Filosofia y Ciência en la Geografia Contemporânea**. Barcelona: Barcanova, 1981.

CAPPELLETTI, Angel J. **El Pensamiento de Kropotkin**. Ciencia, ética y anarquía. Madrid: Zero, 1978.

CODELLO, Francesco. **“A boa educação”:** experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill: vol. 1. São Paulo: Imaginário, 2007.

FERRETTI, Federico. **Il mondo senza la mappa**: Élisée Reclus e i geografi anarchici. Milão: Zero in Condotta, 2007.

_____. The correspondence between Élisée Reclus and Pëtr Kropotkin as a source for the history of geography. *in* **Journal of Historical Geography**, vol. 37, 2011. p. 216-222

GEDDES, Patrick. The Influence of Geographical Conditions on Social Development. *in*. **The Geographical Journal**. Vol. 12, No. 6 (Dec., 1898), pp. 580-586

GIRÓN, Álvaro. Piotr Kropotkin visto desde Élisée Reclus: ciencia, amistad y anarquía. *in*. **Ciència i compromís social**. Publicacions de la Residència d´Investigadors, 32: Barcelona, 2007. p. 127-164

HOOSON, David J. M. Geography in Russia Glories and Disappointments *in* DUNBAR, Gary S. (ed.) **Geography: Discipline, Profession and Subject since 1870**. Amsterdam: Kluwer, 2002. p.225-243

ISWOLSKY, Elena. **La vida de Bakunin**. Madrid: Ediciones Ulises, 1931.

IVANOVA, Tatiana K. e MARKIN, Vyacheslav A. Piotr Alekseevich Kropotkin and his monograph Researches on the glacial period (1876) *in* **History of geomorphology and Quaternary geology**. Geological Society Special Publications, Londres. 2008. p. 117-128

KEARNS, Gerry. The Political Pivot of Geography. *in* **The Geographical Journal**, Vol. 170, nº 4, 2004. p. 337-346

KELTIE, John S. Obituary: Prince Kropotkin. *in* **The Geographical Journal**, Vol. 57, nº 4 (Apr., 1921), London, 1921. p. 316-319

KROPOTKIN, Piotr. **Apoio Mútuo: um fator de evolução**. Porto Alegre: Editora Deriva, 2012a.

_____. **Em torno de uma vida**. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1946.

_____. **O princípio anarquista e outros ensaios**. São Paulo: Editora Hedra, 2007.

_____. O que a geografia deveria ser. *in* KROPOTKIN, Piotr e RECLUS, Élisée. **Escritos sobre Educação e Geografia**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2011.

_____. Sobre o ensino da Fisiografia. *in* **Revista Território Autônomo**, nº 1, 2012b. Rio de Janeiro, p. 69-81

_____. Review: The Fifty Years' History of the Russian Geographical Society – Reviewed work(s): History of a Half Century of Activity of the Russian Geographical Society, 1845-1895 by P. P. Semenoff. *in* **The Geographical Journal**, Vol. 10, nº 1 (Jul., 1897), London, p. 53-56

_____. **Wars and Capitalism**. Londres: Freedom Press, 1914.

LÖWY, Michael. **As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**. São Paulo: Editora Busca Vida, 1991.

MENDES, Eduardo R. **A vida e obra do geógrafo anarquista Piotr Alexeevich Kropotkin e seus ideais na atualidade: estudo de caso da comunidade Yuba em Mirandópolis – SP**. Trabalho de Conclusão de Curso, Três Lagoas: UFMS, 2006.

MORRIS, Brian. **The Anarchist Geographer**: an introduction to the like of Peter Kropotkin. Minehead: Genge Press, 2007.

MURCHISON, Roderick I. Recent progress of geography in Russia. *in* **Proceedings of the Royal Geographical Society of London**, vol. 8, 1863-1864. London: Edward Stanford, 1864. p. 199-207.

_____. Review of geographical progress. - Russia. *in* **Proceedings of the Royal Geographical Society of London**, vol. 9. London: Edward Stanford, 1865. p. 237-243.

NETTLAU, Max. **Eliseo Reclus (1830-1905): la vida de un sabio justo y rebelde**. 2 vol. Barcelona: La Revista Blanca, 1930.

PEET, Richard (org.). **Anarquismo y Geografía**. Barcelona: Oikos-tau, 1989.

PLANCHE, Fernand e DELPHY, Jean. **Kropotkine**. Paris: Editions S.L.I.M.,1948.

RECLUS, Élisée. **A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista**. São Paulo: Imaginário, 2002.

_____. **Da ação humana na Geografia Física**. São Paulo: Imaginário, 2009.

_____; MACKINDER, Halford; RAVENSTEIN, Ernst G.; HERBERTSON, Andrew J.; KROPOTKIN, Piotr; ANDREWS, Arthur W.; COBDEN-SANDERSON, Thomas J. e MARKHAM, Clements R. Sobre relevos e mapas esféricos. *in*. **Terra Brasilis (Nova Série),** [Online], nº 1, 2012. http://terrabrasilis.revues.org/457

ROCKER, Rudolf. **En la borrasca (Años de destierro)**. Buenos Aires: Editorial Tupac, 1949.

SHPAYER-MAKOV, Haia. The Reception of Peter Kropotkin in Britain, 1886-1917. *in* **Albion: A Quarterly Journal Concerned with British Studies.** vol. 19, nº. 3 (Autumn, 1987), Chicago, 1987. p. 373-390

SLATTER, John. The Correspondence of P. A. Kropotkin as Historical Source Material. *in*. **The Slavonic and East European Review**. vol. 72, nº. 2 (Apr., 1994). London, 1994. p. 277-288

TODA, Misato. KROPOTKIN AND MALATESTA: Russians, Italians and Japanese in the Revolutionary Movements in the World. *in*. **Journal of the Faculty of International Studies Bunkyo University**. Vol.6, 1996. p. 83-91

TRAGTENBERG, Maurício. **A Revolução Russa**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2007.

_____. **Kropotkin: textos escolhidos**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

UYTTEBROUK, André. L´incident Reclus vu à travers les archives officielles de l´Université Libre de Bruxelles. *in*. **Colloque Élisée Reclus (1985). Revue Belge de Géographie**, 110e., vol. 1. p. 23-68

VASSILEV, Pano. **A ideia dos sovietes**. São Paulo: Imaginário, 2008.

VESENTINI, José W. **Seleção de textos**, nº13, Piotr Kropotkin. São Paulo: AGB, 1986.

VIEJO, Enrique López. **Tres rusos muy rusos**: Herzen, Bakunin y Kropotkin. Barcelona: Melusina, 2008.

WOODCOCK, George e Avakumovic, Ivan. **El Príncipe Anarquista**. Madrid: Ediciones Júcar, 1978.

Agradecimentos:

Os agradecimentos ficaram para o final. Ousei subverter a ordem da estrutura formal do texto para convidar a todos a compartilhar um pouco das vidas que se apresentaram até aqui. A história contada neste trabalho deixa claro minha admiração pelo personagem principal, é necessário dizer que este é um dos muitos indivíduos que me influenciaram através de seus escritos.

Foi com o tempo que aprendi que a imortalidade está ligada as ideias e estas se perpetuam através dos livros, filmes, musicas, relatos e tantas outras formas. O encontro com estas muitas vezes ocorrem ao acaso e para que isso aconteça é necessário estar aberto e saber ouvir.

Cedo aprendi a ouvir mais do que falar. A cada nova pessoa ouvida um novo mundo se abriu. A busca por compartilhar e entender a pessoa e o mundo que ela carrega dentro de si requer cuidado, atenção e sensibilidade.

Foi o mundo e todos vocês que me fizeram compreender isso.

Agradeço, com o coração na boca, com os pelos dos braços arrepiados e com os olhos cheio de lágrimas, a todos vocês que compartilharam seus mundos e sonhos comigo.

É com um sorriso, um abraço e muito carinho que espero encontrá-los em breve!

Os limites não são meu ponto de chegada,
mas meu ponto de partida.

Anexos:

Anexo 1: Bibliografia em português

Os livros presentes nesta lista são frutos de uma pesquisa bibliográfica realizada por Adelaide Gonçalves e Jorge E. Silva, publicados no livro A Bibliografia Libertária: o Anarquismo em Língua Portuguesa, editado em 2001 pela editora Imaginário. Alguns títulos, contudo foram acrescentados a esta lista e seria necessário uma extensa pesquisa em bibliotecas particulares, publicas e em jornais para encontrar todas as publicações. Assim, esta lista que segue serve como referência para as publicações das obras de Kropotkin em português.

- **A Anarchia na Evolução Socialista**. Porto: Grupos Comunistas Anarquistas, 1887.
- **O Governo Revolucionário**. Porto: Biblioteca do Grupo Anarquista Revolução Social, 1892.
- **A Lei e a Autoridade**. Lisboa: Edições da Revolta, 1893.
- **O Salariato**. Lisboa: Edições da Revolta, 1893.
- **A Utopia Governamental**. Lisboa: Grupo de Estudos Sociaes, 1894.
- **O Salariato**. Porto: Biblioteca A Propaganda, 1895.
- **A Conquista do Pão**. Porto: Typ. Gutemberg, 1895.
- **A Conquista do Pão**. Porto: Biblioteca Literária, 1895.
- **Aos Jovens**. Porto: Biblioteca Literária, 1896.
- **A Moral Anarquista**. Lisboa: Biblioteca de Estudos Sociais, [19--].
- **A Moral Anarquista**. Coimbra: Biblioteca Sociológica, 1901.
- **Um Século d'Expectativa**. Coimbra: Biblioteca Sociológica, 1903.
- **Aos Jovens**. Lisboa: Tavares Cardoso, 1904.
- **Um Século d'Expectativa**. Porto: José de Souza, 1904.
- **Palavras de um Revoltado**. Lisboa: Tavares Cardoso,1904.
- **O Espírito Revolucionário**. Lisboa: Biblioteca da Geração Nova, 1906.
- **O Salariato**. Porto: Biblioteca de A Vida, 1907.
- **Em Volta d'uma Vida**. Lisboa: Dias da Silva Editor, 1907.
- **O Comunismo Anárquico**. São Paulo: Jornal “A Terra Livre”, 1908.
- **A Anarchia sua Filosofia, o seu Ideal**. Lisboa: Livraria Central, 1908.
- **A Grande Revolução**. Lisboa: Guimarães Editores, [19--].

- **A Sciêcia Moderna e a Anarquia**. Lisboa: Biblioteca de Cultura Social, [19--].
- **Os Bastidores da Guerra**. Lisboa: A Sementeira, [19--],
- **O Governo Revolucionário e os Direitos Políticos**. Lisboa: Ação Direta, 1908.
- **Em volta de uma vida**. Lisboa: Guimarães Editores, 1909.
- **A Conquista do Pão**. 1.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1910.
- **Palavras de um Revoltado**. Lisboa: Guimarães Editores, 1911.
- **A Conquista do Pão**. 2.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1913.
- **Sindicalismo e Parlamentarismo**. Lisboa: Grêmio Novos Horizontes, 1913.
- **A Questão Social: O Humanismo Libertário em Face da Ciência**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1913.
- **O Terror na Rússia**. Porto: J. Ferreira dos Santos, [191-].
- **A Moral Anarquista**. Lisboa: Empresa Popular, 1920.
- **A Moral Anarchista**. Rio de Janeiro: Biblioteca de Estudos Sociais, 1920.
- **À Mocidade**. Porto: Biblioteca de A Comuna, 1922.
- **A Ética**. Lisboa: Editorial Argonauta, 1923.
- **O Estado e o Seu Papel Histórico**. Porto: Biblioteca de A Comuna, 1924.
- **A Conquista do Pão**. Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1926.
- **O Anarquista: Suas Bases Científicas, sua Filosofia, seu Ideal, Seus Princípios Econômicos**. São Paulo: Unitas, 1933.
- **A Grande Revolução**. Rio de Janeiro: Athena, 1935.
- **Em Torno de uma Vida**. Rio de Janeiro: José Olympio,1946.
- **A Conquista do Pão**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.
- **O Anarquismo, suas Bases Científicas, Sua Filosofia, Seu Ideal**. Salvador: Progresso, 1954.
- **A Grande Revolução**. 2 v. Salvador: Progresso, 1955.
- **A Questão Social: O Anarquismo em Face da Ciência**. São Paulo: Biblioteca Prometheu, [19--].
- **O Humanismo Libertário e a Ciência Moderna**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1964.
- **À Gente Nova**. Lisboa: Delfos, 1974.
- **O Governo Revolucionário**. Lisboa: A Ideia, 1975.
- **A Anarchia**. Lisboa: Cooperativa Cultural de Fomento Ácrata, 1975.
- **A Conquista do Pão**. 3.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1975.
- **O Governo Revolucionário**. Porto: Paisagem, 1975.
- **O Salariato**. Lisboa: Acção Direta, 1976.
- **Textos Escolhidos**. Porto Alegre: L&PM, 1983.

- **O Estado e o seu papel histórico**. São Paulo: Imaginário, 2000.
- **A Anarquia: Sua Filosofia, Seu Ideal**. São Paulo: Imaginário, 2000.
- **Palavras de um Revoltado**. São Paulo:Imaginário, 2003
- **As Prisões**. São Paulo: Index Librorum Prohibitorum, 2003.
- **A Moral Anarquista**. Lisboa: Sílabo, 2006.
- **O Princípio Anarquista e outros ensaios**. São Paulo: Hedra, 2007.
- **Escritos sobre Educação e Geografia**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2011.
- **Apoio Mútuo, um fator de evolução**. Porto Alegre: Editora Deriva, 2012.

O jornal anarquista A Vida, do Rio de Janeiro, em seu segundo número, de 1914, trás em sua lista de indicações de livros a serem lidos quatro obras de Kropotkin: A Conquista do Pão, Palavras de um Revoltado, A Grande Revolução (2 vol.) e o Comunismo Anarquico.

O jornal anarquista A Voz do Trabalhador, do Rio de Janeiro, em seu quinto número, de 1908, anuncia o título O Comunismo Anarquico para venda. No número 33, de 1913, aparecem os livros A Conquista do Pão e Palavras dum Revoltado, já no ano seguinte aparece também a obra A Grande Revolução para venda. O que nos faz crer que esta acabara de ser publicada, possivelmente em dois volumes, conforme consta no jornal A Vida.

Dentre as obras anunciadas nos jornais anarquistas, somente O Comunismo Anarquico consta entre as obras publicadas no Brasil. As demais obras segundo a bibliografia libertária já haviam sido publicadas em Portugal, o que nos leva a duas possibilidades: 1- os livros eram trazidos para o Brasil para serem vendidos aqui ou 2- os livros eram feitos aqui no Brasil, mas ainda não foram encontrados registros dos mesmos.

Anexo 2: Cronologia[42]

Ano	Elementos biográficos	Elementos históricos-geográficos
1842	Nasce em Moscou Piotr Alexievich Kropotkin	
1844		Nasce Friedrich Ratzel
1845		Nasce Paul Vidal de la Blache
1846	Morte a mãe	Proudhon (1809-1865) publica "Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria"
1848		Revoluções na Europa
1850	Baile Imperial em Moscou, ocasião em que é convidado para o Corpo de Pajens	
1852	Férias anuais na propriedade da família em Nikolskoie, a sudoeste de Moscou	Falecimento de Gogol em Moscou
1854		Guerra da Crimea
1855		Morte de Nicolas I
1857	Entra para o Corpo de Pajens em Petersburgo	O Czar anuncia sua intenção de abolir a servidão
1858	Primeiras leituras sobre economia política	Atentado do revolucionário Félix Orsini contra Napoleão III e a imperatriz, onde se registraram 10 mortos e 150 feridos; Tolstoi cria a escola de Yasnaia Poliana
1861	Nomeado sargento no Corpo de Pajens	Alforria dos servos e fuga de Bakunin da Sibéria; Paul Robin funda o Orfanato de Prévost, em Cempuis; Nasce Halford Mackinder
1862	Fim dos estudos secundários, nomeado como oficial do Regimento dos Cossacos Montados do Amur	Gigantesco incêndio em Petersburgo atribuído a revolucionários russos e surgimento do niilismo
1863	Abastecimento das colônias de assentamento do rio Amur	Insurreição polaca contra a dominação russa
1864	Expedição exploratória na Manchúria	Criação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT); Término da experiência do Orfanato de Cempuis
1865	Expedição exploratória no Sayan ocidental na fronteira com a China	Publicação "Da capacidade política das classes operárias" e falecimento de seu autor Proudhon. Fim da guerra de Secessão
1866	Expedição exploratória em Vitim, com intuito de encontrar um trajeto direto entre as minas de ouro de Yarkutsk e a Transbaikalia	Atentado contra o Czar
1867	Piotr e seu irmão Alexander regressam a Petersburgo e abandonam o exército. Piotr inicia os estudos de matemática na Universidade e Alexandre inicia seus trabalhos na Academia militar de Jurisprudência	
1868	Descobrimento da estrutura orográfica da Asia oriental	Publicação de La Terre de Élisée Reclus
1870		Guerra franco-prussiana
1871	Expedição a Finlândia e morte o pai em Moscou	Comuna de Paris e criação do Império da Alemanha

[42] Adaptado a partir de *Cronologia Kropotkin*, em revista Polemica, ano X, nº47-48-49, enero 1992, Barcelona.

1872	Viagem a Suíça onde inicia os contatos com a AIT e se declara anarquista	Congresso de Haia, onde ocorre a expulsão de Bakunin e outros anarquistas da AIT. Realização do I Congresso da AIT Antiautoritária em St-Imier; Tolstoi encerra a experiência educacional da escola de Yasnaia Poliana
1873	Publicação dos mapas da Ásia oriental	Proclamação da Primeira Republica espanhola
1874	Adesão ao círculo revolucionário de Chaikovsky, intensa atividade de propaganda clandestina e detenção	Prússia decreta a geografia como disciplina universitária
1875		Dissolução da AIT; Reclus publica o primeiro volume da Nouvelle Géographie Universelle
1876	Fuga do hospital-prisão	Falecimento de Bakunin
1877	Exílio na Inglaterra. Viagem a Suíça e a Bélgica. Casamento com Sofía. Início da amizade com Élisée Reclus	
1878	Torna-se um dos animadores da Federação Jurassiana	
1879	Fundação do jornal Le Révolté em Genebra	
1881	Expulsão da Suíça e publicação do artigo “Aos Jovens”	Alexandre II morre em um atentado; publicado Antropogeografia de F. Ratzel
1882	Detenção pela polícia francesa na cidade de Thonon em dezembro	
1883	Processo de Lyon e encarceramento em Clairvaux e primeira contribuição ao Geographical Journal	Louise Michel em sinal de luto pelos *Communards* assassinados sugere e é adotada a bandeira negra pelos anarquistas.
1886	Anistia parcial, é posto em liberdade; Fixa residência permanente na Inglaterra; Morte de seu irmão Alexander	Trágicos acontecimentos de Haymarket nos EUA
1887	Criação do jornal Freedom (125 anos de existência em 2011); Nascimento de sua filha Alexandra	
1892	Publicação do livro “A Conquista do Pão”	Onda de atentados anarquistas, principalmente na França e fundação da Biblioteca anarquista em Genebra
1894		Reclus publica o último volume da Nouvelle Géographie Universelle
1897	Turnê de conferências pelos EUA	Ratzel publica o livro Geografia Política
1901		Francisco Ferrer i Guardia inaugura a primeira Escola Moderna de Barcelona
1902	Turnê pelos EUA e publicação do livro “Apoio Mútuo, um fator de evolução”	
1904	Publicação dos artigos “The Orography of Asia” e “The Desiccation of Eur-Asia” no Geographical Journal	Guerra russo-japonesa; Falecimento de Friedrich Ratzel
1905		Primeira Revolução Russa; Reclus publica o primeiro volume L´homme et la Terre; Falecimento de Élisée Reclus
1906	Publicação do livro “O Estado e o seu papel histórico”	Fechamento da Escola Moderna de Barcelona em retaliação ao atentado de Mateo Morral, em Madrid contra Alfonso XIII e sua esposa Victoria; Criação da escola Elyseo Reclus em Porto Alegre; Realização do 1º Congresso Operário Brasileiro.
1907	Participa da fundação da Cruz Vermelha Anarquista de Londres, juntamente com V. N. Cherkezov, R. Rocker e A. Schapiro. Publica o livro “A Grande Revolução”	Ocorre o Congresso Anarquista Internacional em Amsterdam

1908		Se publica o último volume L´homme et la Terre; Se funda a Liga Internacional para a Instrução Racional da Infância
1909	Ato em defesa de Francisco Ferrer i Guardia	Semana Trágica em Barcelona. Execução de Francisco Ferrer i Guardia
1910	Publicação do livro “Campos, Fábricas e Oficinas”	Criação da Confederação Nacional do Trabalho (CNT) na Espanha; Revolução Mexicana; Falecimento de Tolstoi
1912		Falecimento de Paul Robin; Fundação da Escola Moderna nº1 de São Paulo
1913		Realização do 2º Congresso Operário Brasileiro
1914		Começo da Primeira Guerra Mundial
1916	Manifesto dos Dezesseis em apoio aos aliados	Resposta de Malatesta: “Aos anarquistas de governo”
1917	Retorno a Moscou depois de 40 anos de exílio	Greve Geral na Espanha. Greve Geral em São Paulo. Segunda Revolução Russa.
1918	Entrevista com Volin e Nestor Makno	Fim da Primeira Guerra Mundial; Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro; Falecimento de Paul Vidal de la Blache
1919		Greve Geral em São Paulo; Fechamento das Escolas Modernas de São Paulo
1920	Encontro e envio de cartas a Lenin	Realização do 3º Congresso Operário Brasileiro
1921	Falecimento em Dimitrov (8 de fevereiro)	Revolução de Kronstadt, brutalmente reprimida pelas tropas de Trotski; Nascimento do fascismo na Itália
1922	Publicação do livro “Etica”	Mussolini assume o poder na Itália

Anexo 3: Manifesto dos Anarquistas: Lyon, 1883[43]

O que é a anarquia, o que são os anarquistas, iremos dizê-lo:

Os anarquistas, Senhores, são cidadãos que, em um século em que se prega em todos os lugares a liberdade de opiniões, acreditaram ser seu dever recomendar-se a liberdade ilimitada.

Sim, Senhores, somos, pelo mundo afora, alguns milhares, talvez alguns milhões — pois não temos outro mérito senão dizer bem alto o que a multidão pensa bem baixo — somos alguns milhares de trabalhadores que reivindicam a liberdade absoluta, nada além da liberdade, a completa liberdade!

Desejamos a liberdade, isto é, reivindicamos para todo ser humano o direito e o meio de fazer tudo o que lhe apraz, e só fazer o que lhe apraz; satisfazer integralmente todas as suas necessidades, sem outro limite senão as impossibilidades naturais e as necessidades de seus vizinhos igualmente respeitáveis.

Desejamos a liberdade, e cremos que sua existência seja incompatível com a existência de um poder qualquer, quaisquer que sejam sua origem sua origem e sua forma, seja ele eleito ou imposto, monárquico ou republicano, inspire-se no direito divino ou no direito popular, na Sainte-Ampoule[44] ou no sufrágio universal.

É que a história está aí para ensinar-nos que todos os governos assemelham-se e equivalem-se. Os melhores são os piores. Mais cinismo nuns, mais hipocrisia noutros!

No fundo, sempre os mesmos procedimentos, sempre a mesma intolerância. Não há, nem mesmo os liberais em aparência, quem não tenha em reserva, sob a poeira dos arsenais legislativos, alguma boa leizinha relativa à Internacional, para uso contra oposições incômodas.

O mal, em outras palavras, aos olhos dos anarquistas, não reside em tal forma de governo em vez de tal outra. Ele está na própria ideia governamental; está no princípio de autoridade.

A substituição, em resumo, nas relações humanas, da tutela administrativa e legal, da disciplina imposta, pelo livre contrato, perpetuamente revisável e resolúvel; tal é o nosso ideal.

Os anarquistas propõem-se, então, a ensinar ao povo a dispensar o governo assim como ele começa a aprender a dispensar Deus. Aprenderá igualmente a preterir

43 Tradução a partir do original em francês por Plínio Augusto Coelho, ao qual agradeço imensamente.
44 A santa ampola, que continha o óleo consagrado, destinado à unção dos reis da França. (N.T.)

proprietários. O pior dos tiranos, com efeito, não é aquele que nos aprisiona, é aquele que nos esfomeia; não é aquele que nos aperta o pescoço, é aquele que nos atinge no estômago.

Não há liberdade sem igualdade! Não há liberdade em uma sociedade onde o capital está monopolizado nas mãos de uma minoria que se vai reduzindo a cada dia e onde nada é igualmente repartido, nem mesmo a educação pública, paga, contudo, com o dinheiro de todos.

Acreditamos que o capital, patrimônio comum da humanidade, porquanto é fruto da colaboração das gerações passadas e das gerações contemporâneas, deve estar à disposição de todos, de tal sorte que ninguém possa estar dele excluído; que ninguém, em contrapartida, possa açambarcar uma parte em detrimento do resto.

Queremos, em resumo, a igualdade; a igualdade de fato, como corolário, ou melhor, como condição primordial da liberdade. De cada um segundo suas faculdades, a cada um segundo suas necessidades; eis o que queremos sinceramente, energicamente; eis o que será, pois não há prescrição que possa prevalecer contra as reivindicações simultaneamente legítimas e necessárias. Eis por que querem condenar-nos a todos os envilecimentos.

Somos celerados! Reclamamos o pão para todos, o trabalho para todos; para todos também a independência e a justiça.

Anexo 4: The Geographical Journal

1.

Título: On the Teaching of Physiography

Autor(es): P. Krapotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 2, No. 4 (Oct., 1893), pp. 350-359

Site: http://www.jstor.org/stable/1773921

2.

Título: The Pampas

Autor(es): P. Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 3, No. 4 (Apr., 1894), pp. 318-321

Site: http://www.jstor.org/stable/1773696

3.

Título: The Great Siberian Railway

Autor(es): P. Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 5, No. 2 (Feb., 1895), pp. 146-154

Site: http://www.jstor.org/stable/1773570

4.

Título: Russian Expeditions in Tibet. I. M. V. Pyevtsoff's Expedition, 1889-1890

Autor(es): P. K.

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 9, No. 5 (May, 1897), pp. 546-555

Site: http://www.jstor.org/stable/1774897

5.

Título: The Census of the Russian Empire

Autor(es): P. K.

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 9, No. 6 (Jun., 1897), pp. 657-659

Site: http://www.jstor.org/stable/1774927

6.

Título: Obituary: Paul Lessar

Autor(es): T. H. H. and P. K.

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 25, No. 6 (Jun., 1905), pp. 680-683

Site: http://www.jstor.org/stable/1776461

7.

Título: The Fifty Years' History of the Russian Geographical Society

Autor(es): P. K.

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 10, No. 1 (Jul., 1897), pp. 53-56

Site: http://www.jstor.org/stable/1774396

8.

Título: The Population of Russia

Autor(es): P. Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 10, No. 2 (Aug., 1897), pp. 196-202

Site: http://www.jstor.org/stable/1774603

9.

Título: Russian Explorations in Manchuria

Autor(es): P. Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 11, No. 1 (Jan., 1898), pp. 63-65

Site: http://www.jstor.org/stable/1774855

10.

Título: Proposal for an Expedition to Sannikoff Land

Autor(es): E. von Toll and P. Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 12, No. 2 (Aug., 1898), pp. 162-172

Site: http://www.jstor.org/stable/1774464

11.

Título: The Old Beds of the Amu-Daria

Autor(es): P. Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 12, No. 3 (Sep., 1898), pp. 306-310

Site: http://www.jstor.org/stable/1774317

12.

Título: Baron Toll on New Siberia and the Circumpolar Tertiary Flora

Autor(es): P. Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 16, No. 1 (Jul., 1900), pp. 95-98

Site: http://www.jstor.org/stable/1774304

13.

Título: Three Years' Exploration in Central Asia, 1899-1902: Discussion

Autor(es): Sven Hedin and Prince Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 21, No. 3 (Mar., 1903), pp. 257-260

Site: http://www.jstor.org/stable/1775799

14.

Título: Obituary: Dr. Gustav Radde

Autor(es): P. Kropotkin and Douglas W. Freshfield

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 21, No. 5 (May, 1903), pp. 563-565

Site: http://www.jstor.org/stable/1775449

15.

Título: On Spherical Maps and Reliefs: Discussion

Autor(es): Mr. Mackinder, Mr. Ravenstein, Dr. Herbertson, Prince Kropotkin, Mr. Andrews, Cobden Sanderson and Elisée Reclus

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 22, No. 3 (Sep., 1903), pp. 294-299

Site: http://www.jstor.org/stable/1775190

16.

Título: The Orography of Asia. I. Introductory Remarks

Autor(es): P. Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 23, No. 2 (Feb., 1904), pp. 176-207

Site: http://www.jstor.org/stable/1775068

17.

Título: The Orography of Asia

Autor(es): P. Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 23, No. 3 (Mar., 1904), pp. 331-361

Site: http://www.jstor.org/stable/1774991

18.

Título: The Desiccation of Eur-Asia

Autor(es): Prince Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 23, No. 6 (Jun., 1904), pp. 722-734

Site: http://www.jstor.org/stable/1776490

Título: The Desiccation of Eur-Asia: Discussion

Autor(es): Thomas Holdich, Dr. Blanford, Martin Conway, Prof. Seeley, Douglas Freshfield, J. S. Flett, H. R. Mill, Dr. Evans and Prince Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 23, No. 6 (Jun., 1904), pp. 734-741

Site: http://www.jstor.org/stable/1776491

19.

Título: Baron Toll

Autor(es): Prince Kropotkin and P. Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 23, No. 6 (Jun., 1904), pp. 770-772

Site: http://www.jstor.org/stable/1776495

20.

Título: A New Map of Transbaikalia

Autor(es): P. Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 24, No. 4 (Oct., 1904), pp. 463-466

Site: http://www.jstor.org/stable/1775957

21.

Título: The Position of Geography in Science and Education

Autor(es): P. Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 25, No. 6 (Jun., 1905), pp. 667-670

Site: http://www.jstor.org/stable/1776459

22.

Título: Obituary: Elisée Reclus

Autor(es): P. Kropotkin

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 26, No. 3 (Sep., 1905), pp. 337-343

Site: http://www.jstor.org/stable/1776326

23.

Título: On the Desiccation of Eurasia and Some General Aspects of Desiccation

Autor(es): P. Kropotkin, J. W. Gregory and Edmond Cotter

Fonte: The Geographical Journal, Vol. 43, No. 4 (Apr., 1914), pp. 451-459

Site: http://www.jstor.org/stable/1778398

Anexo 5: A liberdade pelo ensino: bases para a escola libertária[45]

Em matéria de educação e ensino, a autoridade tem por efeito açambarcar o homem na criança, no momento em que seu juízo está sem força, sua memória vazia, sua imaginação ingênua e sem desconfiança.

Para reprimir a razão em detrimento da liberdade, ela apoderou-se da inteligência e da vontade para acorrentá-las, insensivelmente e por um longo hábito de preconceitos, escrúpulos e entraves incontáveis.

O Estado, após a Igreja, compreendendo muito bem que o homem se ressente toda a sua vida da influência sofrida durante sua passagem à escola, arrogou-se o direito de estender sua mão despótica sobre os cérebros e os corações para marcá-los com um sinal inapagável.

Ensina ele a moral? A sua. A história? Ainda a sua. A instrução cívica, os princípios elementares do direito ou da economia política etc.? É sempre, de todo modo, o panegírico entusiasta das instituições existentes, da força erigida como direito.

Um professor, na maioria das vezes, chato, rabugento e desagradável, parecendo esforçar-se para fazer de seus alunos uma seleção de carneiros de Panurgo em contemplação diante de sua infalibilidade, é encarregado de inculcar na criança um monte de conhecimentos em si mesmo pouco atraentes e apresentados sob seu aspecto mais desagradável e menos facilmente assimilável. Imobilizado por ordem durante horas inteiras diante de uma carteira, um livro ou um caderno, o aluno deve obrigar-se a comprimir, sufocar no mais profundo de si mesmo o imperioso crescimento de sua exuberância natural. Toda escapada involuntária de sua vitalidade transbordante é severamente castigada. Em sua idade exuberante, exige-se dele que iguale em seriedade, em gravidade, o pedagogo de sangue-frio encarregado de seu ensino.

Este é um guia, um conselheiro, um homem de vocação, um amigo? Não. É um homem de ofício, um servidor executando uma consigne, mas não podendo exprimir em toda franqueza o que crê ser a verdade.

A escola na sociedade atual é apenas a antecâmara da caserna, onde se completará o último adestramento para a sujeição.

Além da coação “física”, aplicam-se a pervertir o senso moral da criança pela multiplicação de exemplos históricos estupidamente escolhidos, por uma apologia

45 Comitê de Iniciativa para o Ensino Integral (1898). A liberdade pelo ensino: bases para a escola libertária. In: SAFÓN, Ramón. O Racionalismo Combatente: Francisco Ferrer y Guardia. São Paulo: Imaginário, 2003.

constante de crimes coroados de sucesso e a reprovação virulenta de devotamentos sem extrair vantagens.

> Exaltam sua imaginação pelas descrições detalhadas de cenas de carnificina e violência poetizadas intencionalmente, por um heroização da força bruta, do roubo, da pilhagem e do assassinato.
>
> Inculcam-lhe o respeito pela autoridade e por aqueles que a detêm, a admiração pelos grandes conquistadores, o desprezo pelos revoltados que sucumbiram lutando por sua libertação, o amor por falsas glórias, pelo verniz, pelas plumas, pelo uniforme, pela bandeira.
>
> Insuflam-lhe o ódio cego e criminal pelo povo do outro lado de tal riacho, a enfatuação estúpida e irracional de sua própria raça e o desdém por todas as outras.
>
> Insinuam-lhe o desprezo pelo miserável; empurram-no à adulação ao rico e à execração a todas as vítimas antigas ou recentes da tirania, da intolerância, da duplicidade ou da covardia governamentais.

Tantos venenos sabiamente destilados, dissolvendo as virilidades, emasculando as energias e pervertendo os corações.

Suprimindo do ponto de vista educativo: *disciplina*, *programa*, *hierarquia*, as três iniquidades da regulamentação escolar, das quais decorrem todas as iniquidades sociais:

A *disciplina* geradora de simulação, dissimulação, mentira.

Os *programas* niveladores de originalidade, iniciativa, responsabilidade.

A *hierarquia* geradora de rivalidades, invejas e ódios.

Nosso ensino será *integral*, *racional*, *misto* e *libertário*.

Integral. Porque tenderá ao desenvolvimento harmônico do ser por inteiro e fornecerá um conjunto completo, encadeado, sintético, paralelamente progressivo em toda ordem de conhecimentos, intelectuais, físicas, manuais, profissionais, e isso a partir da infância.

Racional. Porque ele será embasado na razão e conforme aos princípios da ciência atual e não na fé; no desenvolvimento da dignidade e da independência pessoais e não no da piedade e da obediência; na abolição da ficção Deus, causa eterna e absoluta de subjugação.

Misto. Porque favorecerá a co-educação dos sexos numa frequentação constante, fraternal, familial das crianças, meninos e meninas, que dá ao conjunto dos costumes uma serenidade particular. Longe de constituir um perigo, ela afasta da criança as curiosidades malsaines e torna-se, nas sábias condições em que ela deve ser observada, uma garantia de preservação e de elevada moralidade.

Libertário. Porque consagrará no fundo a imolação progressiva da autoridade em proveito da liberdade, sendo o objetivo final da educação formar homens livres, cheios de respeito e amor pela liberdade do próximo.

Tal é, num rápido esboço, o fundamento educativo e instrutivo de nosso projeto.

Pensamos que o ensino é um meio poderoso para propagar e infiltrar nos espíritos as ideias generosas. Ele é auxiliar, mais que muitos outros, apto a elevar o nível moral da juventude. Em razão da suscetibilidade e da impressionabilidade do órgão sobre o qual ele age, sua ação é capital. Ela pode ser decisiva quanto ao futuro de uma inteligência, abrindo-lhe horizontes outrora insuspeitos. O ensino pode ser o mais ativo motor de progresso pela influência direta que ele exerce sobre a eclosão das ideias e sua direção ulterior. Pode tornar-se a alavanca que erguerá o mundo e destruirá para sempre o erro, a mentira e a injustiça. Seu alcance pode ser imenso, sua missão é nobre e elevada, pois ela deve ter por fim a elevação da humanidade.

Com efeito, o maior serviço a prestar à humanidade não é rasgar o véu que obstinadamente se mantém sobre os olhos, mostrar-lhe que medíocres ídolos ensinam-lhe a adorar e a pobreza dos argumentos em virtude dos quais tencionam impor-lhe o respeito?

Nesses tempos de indiferença, banalidade e mediocridade, não é fácil fundar uma Escola libertária, atacando francamente os antigos erros.

Colocando-nos à obra, não dissimulamos as dificuldades da empreitada. A tarefa será penosa e rude, a estrada repleta de obstáculos. Todavia, maiores ainda serão os obstáculos, mais tenazes serão nossos esforços.

Essa obra não deve ser a obra de alguns; ela deve ser e será a obra de todos: espíritos abertos às inovações importantes, curiosos experimentadores, ávido por novidade, desejosos de elevada justiça e moralidade social.

Aos homens de coração, independente do partido a que pertençam, solicitamos seu apoio moral e material.

O comitê de iniciativa: Élisée Reclus, Louise Michel, Jean Grave, J. Ardoin, Charles Malato, E. Janvion, L. Matha, J. Delgaves, Liev Tolstoi, A. Girard, Piotr Kropotkin, J. Ferrière, L. Malquin.

Anexo 6: Mapa Povos da Europa Oriental

104

GRAVURE ERHARD IMPRESSION
ÉPREUVE
14 OCT. 79
12 Rue Duguay-Trouin, PARIS

COLLECTION ELISÉE REC

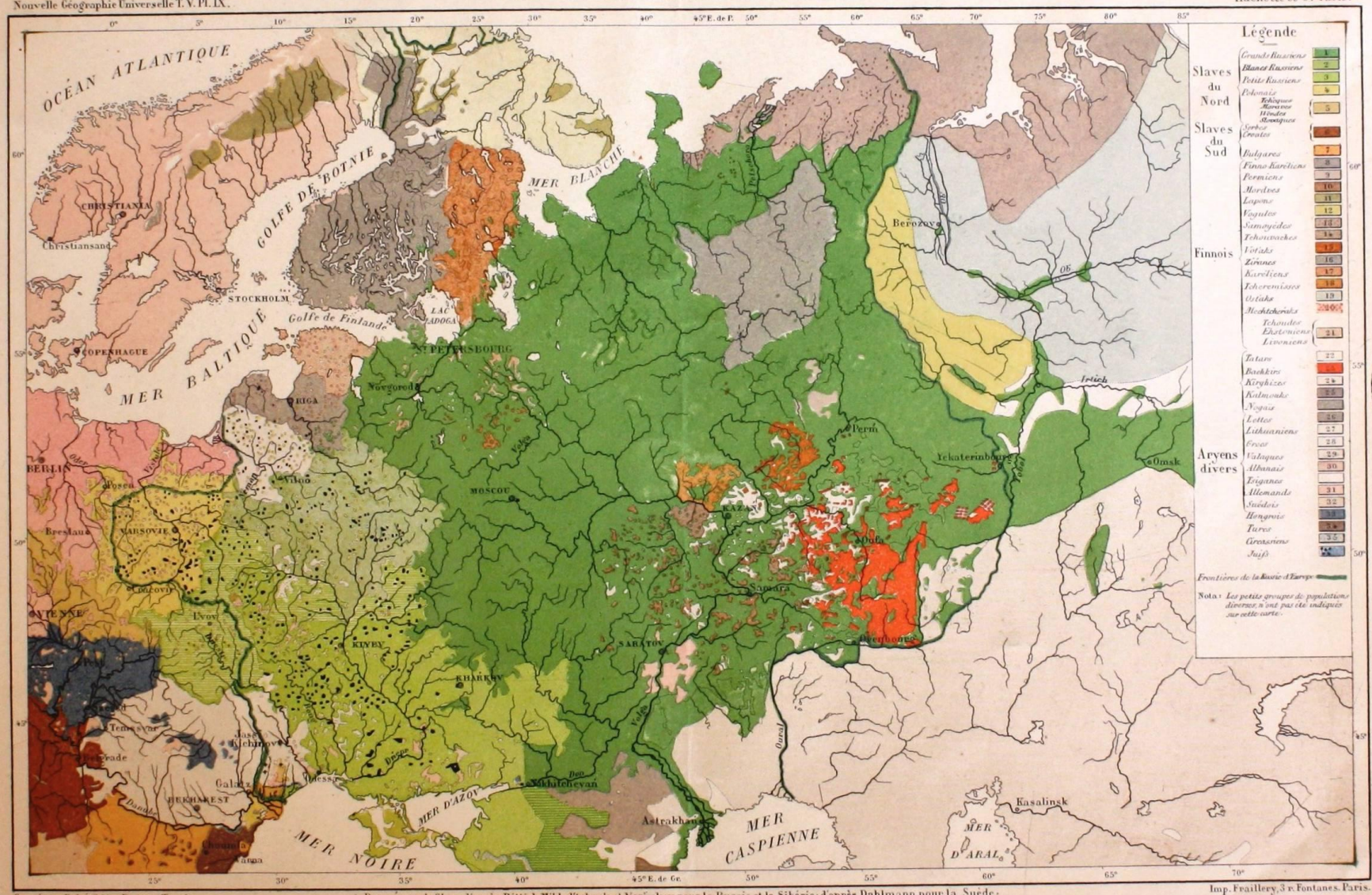
INSTITUT CARTOGRAPHIQUE
CH. PERRON
GENÈVE

Europe 48

Nouvelle Géographie Universelle T. V. Pl. IX.

PEUPLES DE L'EUROPE ORIENTALE

Hachette et Cie Paris.



Gravé par Erhard, 12 r. Duguay-Trouin.

Dressé par A. Slom d'après Rittich, Mikhal'tchouk et Venjukov pour la Russie et la Sibérie; d'après Dahlmann pour la Suède; d'après H. Kiepert pour l'Allemagne; d'après Czoernig et Keleti Karoly pour l'Autriche.

Echelle de 1: 15 200 000

0 100 200 300 400 500 Kil.

Imp. Fraillery, 3 r. Fontanes. Paris.

BIBLIOTHÈQUE PUBLIQUE DE GENÈVE

Anexo 7: Duas cartas a Lenin[46]

Dimitrov, 4 de março de 1920

Estimado Vladimir Illich:

Vários empregados do Departamento de Correios e Telégrafos deste povoado me vieram ver para pedir-me que lhe transmita informações sobre sua situação, verdadeiramente desesperada. Como este problema não diz respeito só ao comissário de Correios e Telégrafos, mas também à situação geral da vida diária na Rússia, apressei-me a satisfazer a vontade deles.

Você sabe, certamente, que viver no distrito de Dimitrov com o salário que recebem estes empregados é absolutamente impossível. É impossível inclusive comprar um celamim de batatas com este salário, sei-o por experiência própria. Em troca pedem sabão e sal, que não dá. Dado que o preço da farinha subiu – e, além disso, não se consegue –, é impossível ter o cereal indispensável. Numa palavra, se não recebem provisões, os empregados estão condenados a morrer de fome.

Entretanto, e ao mesmo tempo que sobem os preços, as escassas provisões que os empregados dos Correios e Telégrafos recebem do centro de abastecimento postal e telegráfico de Moscou (segundo o decreto de 15 de agosto de 1918: oito libras de trigo para cada empregado e cinco para os membros incapacitados de sua família) não foram entregues nos últimos meses. Os centros de abastecimento locais não podem distribuir suas provisões e as cartas dos empregados (125 pessoas na área de Dimitrov) para Moscou continuam sem receber resposta. Há um mês, um dos empregados escreveu a você pessoalmente, mas tampouco recebeu resposta até o momento.

Considero meu dever dar fé de que a situação desses empregados é verdadeiramente desesperadora. A maioria está literalmente morrendo de fome. Isto é evidente só ao ver-lhes os rostos. Muitos estão se preparando para sair daqui sem saber para onde. E, no entanto, devo dizer que continuam desenvolvendo seu trabalho conscienciosamente; sabem o que fazem, e perder trabalhadores como estes não beneficiaria nem um pouco a vida local.

Só quero acrescentar que há outras categorias inteiras de empregados soviéticos que estão na mesma situação desesperada.

Para concluir, não posso deixar de dizer-lhe algo sobre a situação geral. Vivendo

46 TRAGTENBERG, M. Kropotkin: textos escolhidos. Porto Alegre: L&PM, 1987: 177-181.

num grande centro como Moscou, é impossível conhecer a verdadeira situação do campo. Para saber a verdade do que se passa, tem-se que viver nas províncias, em estreito contato com a vida diária, com as necessidades e desgraças, com as pessoas que passam fome, com as idas e vindas a escritórios para poder conseguir uma permissão para comprar um lampião de querosene barato, etc.

É preciso sair desta situação. É preciso apressar a transição para condições de vida mais normais, senão acabaremos numa catástrofe sangrenta. As locomotivas dos Aliados, a exportação de grãos, cânhamo, linho, couro russo e outras coisas tão indispensáveis para nós não ajudará a população.

Uma coisa é indiscutível. Mesmo que a ditadura do partido fosse a tática adequada para assentar um golpe no sistema capitalista (coisa de que duvido muito), de qualquer modo é danosa para a criação de um novo sistema socialista. O que é necessário são instituições locais, forças locais; mas elas não existem. Em vez disto, onde quer que se olhe, só se vê pessoas que não sabem nada da vida real e que cometem os maiores erros, que depois são pagos com milhares de vidas e a destruição de distritos inteiros. Lembre-se do abastecimento de lenha ou de semente da última primavera...

Sem a participação das forças locais, sem uma organização a partir de baixo dos camponeses e operários, por si mesmos, é impossível construir uma nova vida.

Poderia responder-me que os soviets serviriam precisamente para esta função de criar uma organização a partir de baixo. Mas a Rússia hoje é um República Soviética só no nome. A influência e o domínio do povo pelo “partido”, isto é, por alguns recém-chegados (os ideólogos comunistas procedem dos centros urbanos), já destruiu a influência e a energia construtiva desta promissora instituição que eram os soviets. No momento atual, são os comitês do partido e não os soviets que governam a Rússia. E sua organização padece de todos os defeitos da organização burocrática.

Para sair do caos atual, a Rússia deve voltar ao gênio criador das forças locais que, na minha opinião, são as que podem fazer surgir uma nova ordem. E quanto antes se compreender a necessidade de seguir este caminho, melhor. As possibilidades de que o povo aceite as novas formas da vida social serão maiores. Se a situação atual continuar, a própria palavra “socialismo” se converterá numa maldição. Isto foi o que ocorreu com a ideia de “igualdade” na França durante os quarenta anos seguintes à dominação jacobina.

Com saudações de camarada,

P. Kropotkin.

Dimitrov (província de Moscou), 21 de dezembro de 1920

Digno Vladimir Illich:

No *Izvestia* e no *Pravda* se publicou a decisão dfo governo soviético de considerar como reféns alguns membros do Partido Social Revolucionário dos grupos de Savinkov e Chernov, guardas brancos do centro tático nacionalista e oficiais do exército branco de Wrangel; em caso de que se queira assassinar os líderes dos soviets, estes reféns serão "exterminados sem piedade".

É possível que você não tenha ninguém próximo que lhe lembre que estas medidas significam um retorno aos piores momentos da Idade Média e das guerras religiosas e que não são próprias de um povo que assumiu a tarefa de criar a sociedade futura, baseada em princípios comunistas? Quem sinta apresso pelo futuro do comunismo não pode subscrever este tipo de medidas.

É possível que ninguém tenha pensado no que significa um refém? Um refém esta preso não como castigo por algum crime, mas só para chantagear o inimigo com sua morte. "Se matarem um dos nossos, mataremos este." Isto é igual a levar um homem, toda manhã, ao patíbulo e retirá-lo dele, dizendo-lhe: "Espere, ainda não é hoje". E não compreendem seus camaradas que isto é equivalente a uma restauração da tortura, para os reféns e suas famílias?

Espero que ninguém me responda que também vocês, que estão no poder, o estão aceitando mal. Hoje em dia, inclusive entre os reis, há os que consideram a possibilidade de seu próprio assassinato como "ossos do ofício". E os revolucionários, ou evitam que sejam perseguidos, como Malatesta e Voltaire de Clayre, ou, se se veem diante de um tribunal que ameaça sua vida, defendem-se por si mesmos.

Inclusive os reis e os papas renunciam a meios tão bárbaros de defesa como a tomada de reféns. Como podem os apóstolos de uma nova vida e os arquitetos de uma nova ordem social ter que recorrer a essas táticas contra seus inimigos? Não se considerará isso como um sinal de que a experiência comunista fracassou e de que vocês não estão defendendo esse sistema tão desejado senão apenas para procurar se salvarem pessoalmente? Seus camaradas não se dão conta de que vocês, comunistas, apesar de todos os erros que cometeram, estão trabalhando para o futuro? E que, portanto, não devem estragar seu trabalho manchando-o com atos tão parecidos aos do terror primitivo? Devem recordar que precisamente este tipo de atos levados a cabo pelos revolucionários no passado dificultaram, em sua época, os esforços comunistas.

Acredito que para os melhores de vocês o futuro do comunismo é mais apreciado

que suas próprias vidas. Pensem nesse futuro e compreenderão que devem renunciar a medidas desta categoria.

Com todas as deficiências que você sabe que vejo na Revolução de Outubro, esta significou um enorme progresso. Demonstrou que a revolução social não é impossível, como se começou a pensar na Europa Ocidental. E, apesar de seus defeitos, está avançando para uma igualdade que não poderá se abastardar no futuro com intentos de voltar a épocas passadas.

Por que, então, impelir a revolução a um caminho que leva à sua destruição, devido não aos defeitos inerentes ao socialismo ou ao comunismo, mas à sobrevivência da ordem antiga, dos problemas antigos e de uma autoridade ilimitada e onívora?

Com saudações de camarada,

P. Kropotkin

Índice de figuras e mapas:

Capa: Retrato do jovem Kropotkin....1
Figura 1: Expansão do território russo (1300 – 1860) 22
Figura 2: A região do Amur em meados do século dezenove 25
Figura 3: Desenho de Kropotkin do desmatamento das florestas no baixo Amur 29
Figura 4: Desenho de Kropotkin do barco postal 30
Figura 5: Trajeto fluvial realizado por Kropotkin na Primeira Expedição Siberiana em 1863 31
Figura 6: O rio Amur nos montes Khingan 34
Figura 7: As principais rotas das expedições na Sibéria Oriental, 1865-1866 38
Figura 8: Desenho de Kropotkin dos cumes arredondados em forma de cúpulas formado pela glaciação 39
Figura 9: Desenho de Kropotkin do cume do monte Uveskul com detritos glaciais 44
Figura 10: Perfil topográfico de Uppsala feito por Kropotkin 45
Figura 11: Estrutura rochosa desenhada por Kropotkin....45
Figura 12: Desenho de Kropotkin de uma morena próxima a Korpilaksa....46
Figura 13: Desenho de Kropotkin das ranhuras deixada nas rochas pela ação do gelo 46
Figura 14: Desenho de Kropotkin do plano de evasão. Aguardando o primeiro sinal ...57
Figura 15: Desenho de Kropotkin do plano de evasão. Travessia do pátio principal....57
Figura 16: Desenho de Kropotkin do plano de evasão. Fuga de charrete....57
Figura 17: Julgamento de Kropotkin em Lyon 64
Figura 18: Kropotkin trabalhando em seus escritos....66
Figura 19: Kropotkin em Haparanda, uma das paradas na viagem a Moscou 77
Figura 20: Manifestação durante o enterro de Kropotkin que contou com mais de cem mil pessoas nas ruas de Moscou 79
Desenho o geógrafo, de František Kupka 111

Mapa 1: Mapa Orográfico do Leste Siberiano e partes da Mongolia e Manchúria 35
Mapa 2: Mapa Orográfico da Ásia....53
Mapa 3: Mapa Povos de todas as Rússias e outros países submetidos ao Czar....74
Mapa 4: Mapa Povos da Europa Oriental....104

Sumário:

Advertência ao leitor: 2
Prólogo: 4
Ato I: Primeiros anos 8
Ato II: Sibéria, os primeiros contatos 17
Ato III: A exploração do Amur 21
Ato IV: As grandes expedições 28
Ato V: A Sociedade Geográfica Russa e os movimentos revolucionários 41
Ato VI: A vida no exílio e a produção científica 54
Epílogo: 80
Bibliografia: 82
Agradecimentos: 86
Anexos: 87
Anexo 1: Bibliografia em português 87
Anexo 2: Cronologia 90
Anexo 3: Manifesto dos Anarquistas: Lyon, 1883 93
Anexo 4: The Geographical Journal 95
Anexo 5: A liberdade pelo ensino: bases para a escola libertária 100
Anexo 6: Mapa Povos da Europa Oriental 103
Anexo 7: Duas cartas a Lenin 105

copyleft

É livre a reprodução para fins não comerciais, desde que esta nota seja incluída e a autoria seja citada.